

WILLIAM SHAKESPEARE

HAMLET

TRAGEDIA EM CINCO ACTOS

TRADUCÇÃO

DE

BULHÃO PATO

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
1879

HAMLET

TRAGEDIA EM CINCO ACTOS

WILLIAM SHAKESPEARE

HAMLET

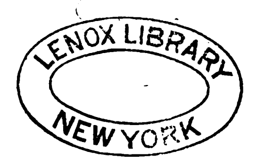
TRAGEDIA EM CINCO ACTOS

TRADUCÇÃO

DE

BULHÃO PATO

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
1879



A

José Maria Latino Coelho

LEMBRANÇA DE FRATERNA ESTIMA

DO SEU

Bulhão Pato

INTERLOCUTORES

CLAUDIO—Rei de Dinamarca.
HAMLET—Filho do defunto rei e sobrinho do monarcha reinante.
POLONIO—Camareiro-mór.
HORACIO—Amigo de Hamlet.
LAERTES—Filho de Polonio.
VOLTIMANDO, CORNELIO, ROSENCRANTZ, GUILDENSTERN, OSRICO — Cortezãos dinamarquezes.
OUTRO CORTEZÃO.
UM PADRE.
REINALDO—Criado de Polonio.
MARCELLO e BERNARDO—Officiaes.
FRANCISCO—Soldado.
UM EMBAIXADOR.
O ESPECTRO DO REI HAMLET.
FORTIMBRAZ—Principe de Noruega.
GERTRUDES—Rainha de Dinamarca, mãe de Hamlet.
OPHELIA—Filha de Polonio.

Nobres, damas, officiaes, soldados, actores, padres, coveiros, marinheiros, mensageiros, creados, etc.

A acção passa-se em Elsenor, na Dinamarca

ACTO PRIMEIRO

SCENA I

Explanada do castello de Elsenor

Francisco está de sentinella. Bernardo vem ter com elle

BERNARDO

Quem está ahi?

FRANCISCO

Responde-me tu. Faze alto, para que eu te reconheça.

BERNARDO

Viva o rei!

FRANCISCO

Bernardo?

BERNARDO

Em pessoa.

FRANCISCO

Chegaes pontualmente á hora.

BERNARDO

Deu agora meia noite. Vae-te deitar, Francisco.

FRANCISCO

Muito obrigado por me virdes render. O frio é cortante; estou transido até ao coração.

BERNARDO

A guarda correu tranquilla?

FRANCISCO

Não senti bulir nem um rato!

BERNARDO

Vamos, boa noite. Se encontrares Horacio e Marcello, que entram comigo de guarda, dize-lhes que venham depressa.

(Entram Horacio e Marcello)

FRANCISCO

Parece-me que os oiço: Alto! quem vem lá?

HORACIO

Camarada.

MARCELLO

Vassallo d'el-rei de Dinamarca.

FRANCISCO

Boa noite.

MARCELLO

Ah! adeus, honrado camarada, quem vos rendeu?

FRANCISCO

Bernardo tomou o meu logar. Boa noite.

(Francisco sae)

MARCELLO

Olá! Bernardo.

BERNARDO

Responde. É Horacio que está ahi?

HORACIO

Um pedaço d'elle.

BERNARDO

Bem vindo, Horacio. Bem vindo, meu bom Marcello.

HORACIO

É verdade, a tal visão appareceu esta noite.

BERNARDO

Eu não vi nada.

MARCELLO

Horacio diz que é obra da nossa imaginação, e não quer dar crédito á terrivel apparição, que duas vezes nós ambos vimos. Aqui está porque eu o instei a que fizesse comnosco sentinella vigilante, para que, se a visão voltar ainda, possa confirmar o que vimos, e fallar-lhe.

HORACIO

Qual! qual! não apparece.

BERNARDO

Sentemo-nos um momento e tornemos a assaltar esses ouvidos, que tanta resistencia fazem contra a narração do que vimos duas noites.

HORACIO

Pois, sentemo-nos, e oiçamos o que Bernardo nos diz.

BERNARDO

A noite passada, quando aquella estrella além, que vae do polo para oeste, havia terminado o seu curso, alumiando esta parte do ceo, onde agora fulgura, Marcelo e eu—o sino dava uma hora...

(Entra o Espectro)

MARCELLO

Alto lá; cala-te! Olha! eil-o ahi vem!

BERNARDO

Com a fórma semelhante ao rei defunto.

MARCELLO

Tu que tens estudos, falla-lhe, Horacio.

BERNARDO

Não se parece com o rei? Olha bem, Horacio.

HORACIO

Tal qual! Isto enche-me de medo e espanto.

BERNARDO

Elle desejaria que lhe fallassem.

MARCELLO

Falla-lhe, Horacio.

HORACIO

Quem és tu, que assim usurpas esta hora da noite e essa fórma nobre e guerreira sob a qual a magestade sepulta da Dinamarca andava outr'ora? Intimo-te em nome do ceo, falla.

MARCELLO

Agastou-se.

BERNARDO

Vê! Vae-se com sobranceria.

HORACIO

Pára, pára! Intimo-te que falles. Falla!

(O Espectro desapparece)

MARCELLO

Partiu, e não quiz responder.

BERNARDO

Então, Horacio, vejo-te pallido e tremulo! Não será isto alguma coisa mais do que pura phantasia? Que pensas agora?

HORACIO

Pelo meu Deus, que não podia acredital-o, sem o testemunho sensivel e evidente de meus proprios olhos!

MARCELLO

Não se parece com o rei?

HORACIO

Como tu te pareces comtigo proprio. Era aquella a armadura que trazia, quando combateu o ambicioso norueguez: assim franzia elle as sobrancelhas, quando n'um debate furioso, derrubou e esmagou no gelo o polaco. É estranho!

MARCELLO

Duas vezes já, e justamente a esta hora morta, passou, com o seu andar marcial, em frente do nosso posto.

HORACIO

Que sentido particular daremos a isto? Não sei; porém, a julgar em globo e á primeira vista, é o presagio de alguma extraordinaria catastrophe no estado.

MARCELLO

Pois bem, sentemo-nos, e aquelle que o souber, que me explique, porque são estas guardas tão restrictas e tão rigorosas, fatigando de tal modo os vassallos do reino? Por quê, estes canhões de bronze, que se fundem todos os dias, e todas estas munições de guerra compradas no estrangeiro? Para quê estas ordens apertadas aos calafates e carpinteiros de machado, cujo rude

trabalho já não distingue o domingo do resto da semana? Qual póde ser o fim da actividade offegante, que converte a noite em companheira de trabalho do dia? Quem póde explicar-me isto?

HORACIO

Posso eu, pelo menos segundo os rumores que vão correndo. O nosso defunto rei, cuja imagem acaba de nos apparecer, foi, como sabeis, provocado a combate por Fortimbraz de Noruega, a quem mordia a soberba invejosa. N'aquelle combate, o nosso valente Hamlet (porque n'esta parte do mundo conhecido, como tal o tinham) matou Fortimbraz. Em virtude de um contracto bem sellado, devidamente ratificado pela justiça e pelos arautos, Fortimbraz perdeu, com a vida, todas as terras que possuia, e que revertiam ao vencedor. N'outro documento o nosso rei arriscava uma porção equivalente a titulo de ser reunida ao patrimonio de Fortimbraz, caso elle ficasse triumphante. D'este modo os bens de Fortimbraz, em vista do tratado e lettra expressa de alguns artigos, deviam caber a Hamlet. Agora, meu caro, o joven Fortimbraz desvairado, cheio de fogo, reuniu aqui e além, sobre a fronteira da Noruega, um bando de aventureiros sem eira nem beira, mercenarios que pelo soldo mettem hombros a qualquer empreza arriscada. Ora elle não tem outro fim (e isso está provado ao nosso governo) senão retomar-nos, por um assalto imprevisto, as sobreditas terras, que o pae havia perdido. Eis ahi, penso eu, a causa principal dos nossos preparativos, a razão das guardas que nos obrigam a fazer, o verdadeiro motivo d'este apparato bellico e do alvoroto que vêdes no paiz.

BERNARDO

Eu tambem julgo que não será outra coisa. Isto póde

explicar a razão, porque essa figura portentosa passa através dos nossos postos, armada dos pés á cabeça, tão semelhante ao rei, que foi, e ainda é, a causa d'estas guerras.

HORACIO

Basta um nada para turvar os olhos do espirito. No tempo mais glorioso e florescente de Roma, pouco antes da queda do poderoso Julio Cesar, os tumulos deixaram escapar seus hospedes, e os mortos, de sudario, soltavam gritos roucos pelas ruas de Roma[1]. Viram-se tambem astros com caudas de fogo, orvalhos de sangue, signaes desastrosos no sol, e o astro humido, sob cuja influencia está o imperio de Neptuno, desmaiou n'um eclipse, que fazia acreditar que era o dia de juizo. Estes mesmos signaes, precursores de acontecimentos terriveis, mensageiros que vem sempre adiante dos destinos, prologo de catastrophes imminentes, o ceo e a terra os tem sempre apresentado nas nossas regiões e aos nossos concidadãos. (O Espectro reapparece) Mas, alto lá! olhae, além! Eil-o que volta! Vou-lhe tomar a passagem, embora me fulmine. Pára, phantasma! Se tens voz ou sopro de que uses, falla-me! Se é preciso fazer alguma boa acção, que venha a contribuir para teu allivio e salvação minha, falla-me! Se tens o segredo de alguma desgraça nacional, que um aviso a tempo possa, talvez, sustar, oh! falla-me! E se tu escondeste, durante a vida, no seio da terra, algum thesoiro estorquido, motivo porque, dizem, vós, os espiritos, erraes frequentemente depois da morte, dize-m'o! (O gallo canta) Pára e falla... Detem-n'o, Marcello.

MARCELLO

Devo feril-o com a minha alabarda?

[1] N'este logar ha no original uma lacuna.

HORACIO

Sim, se não quizer parar.

BERNARDO

Está aqui!

HORACIO

Está aqui!

(O Espectro some-se)

MARCELLO

Partiu. Andámos mal em fazer a um ente tão magestoso estas violentas ameaças, porque elle é invulneravel como o ar, e os nossos golpes baldados não passam de um gracejo.

BERNARDO

Ia fallar quando cantou o gallo.

HORACIO

E n'esse momento estremeceu como um ser culpado ante uma intimação assustadora. O gallo, que é o clarim da aurora, dizem que com a sua voz poderosa e estridente acorda o Deus do dia, e que a este signal, quer estejam no mar ou no fogo, na terra ou no ar, os espiritos desvairados e errantes volvem á pressa ás suas moradas: a prova temol-a no que acabamos de ver.

MARCELLO

Esvaiu-se com o canto do gallo. Dizem que, na approximação da época em que se celebra a natividade de Nosso Senhor, a ave da alvorada canta toda a noite, e então, dizem tambem, nenhum espirito se aventura a saír. As noites são salutares—não ha estrella funesta, fada que deite sortes, bruxa que tenha poder de encantar, a tal ponto esta quadra bemdita é cheia de graça!

HORACIO

É tambem o que tenho ouvido, e n'isso acredito um pouco. Mas vê a manhã com o seu manto roxo que avança sobre o orvalho, no viso d'essa alta collina, além para o oriente. Terminemos a nossa vigilia, e é minha opinião que demos parte do que presenceámos esta noite ao joven Hamlet, porque, pela minha vida, este espirito, mudo para nós, fallará com elle. Assentaes n'esta revelação, tão imperiosa para a amisade que lhe votamos como conforme com os nossos deveres?

MARCELLO

Façamos isso, peço-o, sei onde esta manhã teremos mais probabilidades de o encontrar.

SCENA II

Sala de estado no castello

Entra o Rei, a Rainha, Hamlet, Polonio, Laertes, Voltimando, Cornelio, Nobres, Comitiva

O REI

Bem que a morte do nosso querido irmão Hamlet, ha de ser para nós uma saudade sempre viva, posto que devamos manter a tristeza em nossos corações, e que todos os nossos vassallos tenham na fronte a contracção da dôr, todavia, a razão, luctando com a natureza, exige que pensemos n'elle com prudente magua, e que nos não esqueçamos de nós proprios. Eis ahi porque, a que fôra em tempo nossa irmã, que é hoje nossa rainha e associada ao imperio d'este bellicoso

estado, foi por nós escolhida para esposa. E foi tambem com dolorosa alegria, entre sorrindo e chorando, misturando o canto dos funeraes ao das bodas, e tendo o fiel da balança entre o jubilo e a dôr, que nos casàmos, não resistindo aos vossos avisados conselhos, que foram dados livremente. A todos, os nossos agradecimentos. Agora segue-se dizer-vos, e bem o sabeis, que o joven Fortimbraz, tendo leve idéa das nossas forças, ou pensando que pela morte de nosso caro irmão, este imperio se desconjuntava, e caía em ruinas, perseguido pela illusão da sua superioridade, não tem cessado de nos importunar com mensagens, nas quaes nos exige terras legalmente cedidas por seu pae a nosso esforçado irmão. Isto em quanto a elle. Em quanto a nós, e ao objecto d'esta audiencia, eis no que consiste. Escrevemos ao tio do moço Fortimbraz, que, invalido e mettido no leito, mal conhece as intenções do sobrinho, para que suspenda as suas machinações, visto que as levas e alistamentos para o exercito são todas feitas entre subditos seus. Nomeamos pois a vós, bravo Cornelio, e a vós, Voltimando, para serdes os portadores das nossas saudações ao velho noruegues, e limitamos os vossos poderes pessoaes, quanto ás negociações com o rei, á lettra das instrucções especificadas, que estão aqui. Adeus, e que o vosso zelo prove a vossa dedicação.

CORNELIO e VOLTIMANDO

N'isto, como em tudo, vol-a mostraremos, senhor.

O REI

Não duvidamos d'ella. Adeus de todo o coração. (VOLTIMANDO e CORNELIO saem) E agora, Laertes, que tens de novo a dizer-nos? Fallaste-me de uma petição. Qual é? Não pódes, fallando sensatamente ao rei da Dinamarca, perder as tuas palavras. Que pódes tu desejar, Laertes,

que eu não esteja prompto a conceder-te, ainda antes de m'o haveres pedido? A cabeça não é por natureza mais devotada ao coração, a mão mais serviçal á bocca, do que a corôa de Dinamarca é dedicada a teu pae. Que desejas, Laertes?

LAERTES

Meu poderoso senhor, peço-vos licença, sendo de vosso agrado, para voltar a França. Vim expressamente a Dinamarca para prestar homenagem á vossa coroação, porém, devo confessar-vol-o, cumpridos os meus deveres, os meus pensamentos e os meus desejos, inclinando-se humildemente diante da vossa generosa licença, são de voltar a França.

O REI

Tendes consentimento de vosso pae? Que diz Polonio?

POLONIO

Acabou, meu senhor, por me arrancar, á força de instancias, esse consentimento; mas foi a muito custo que eu puz ao seu desejo o sello da minha permissão. Imploro-vos que o deixeis partir.

O REI

Parte, quando quizeres, Laertes: o tempo pertence-te, emprega-o ao sabor da tua vontade. Então, Hamlet, meu primo e meu filho?...

HAMLET (á parte)

Um pouco mais do que primo, e um pouco menos do que filho.

O REI

Porque são essas nuvens que pairam sobre a tua fronte?

HAMLET

Não é nada, senhor, eu estou muito proximo do sol.

A RAINHA

Meu bom Hamlet, despe essas côres sombrias, e lança para o rei de Dinamarca um olhar amigo. Não te obstines, com as palpebras desse modo baixas, em procurar no pó teu nobre pae. Bem o sabes, é regra geral: quanto vive, tem de morrer, e ser levado através da natureza para a eternidade.

HAMLET

Sim, senhora minha, é a regra geral.

A RAINHA

E por que é, que, no caso presente, te parece tão extraordinaria?

HAMLET

Parece-me, minha senhora? Não.—É.—Eu não conheço parecenças. Não é este manto negro como a tinta de escrever, boa mãe, nem este trajo obrigado de lucto solemne, nem o sopro violento de um suspiro contrafeito—não—nem o rio inexgotavel que inunda os olhos, nem a expressão abatida do rosto, nem todas estas fórmas, estes modos, estas apparencias de dôr, que pódem revelar o que eu sinto. Essas é que são parecenças, —porque são acções que o homem póde representar— e eu tenho em mim o que se não póde fingir. Tudo o mais não passa dos jaezes e das vestes da dôr.

O REI

Commove, e é honroso para o vosso caracter, Hamlet, prestardes á memoria de vosso pae esses funebres deveres. Mas lembrae-vos que vosso pae tinha perdido

seu pae, e que este já perdera o seu. É, para quem sobrevive, obrigação filial guardar por algum tempo a tristeza do lucto, mas perseverar n'uma amargura obstinada, é acto que prova contumacia impia. É uma dôr indigna de um homem, é prova de vontade que se revolta contra o ceo, de coração sem humildade, de alma sem resignação, de intelligencia simples e sem cultura. Por um successo, que, todos o sabemos, deve necessariamente dar-se, e é tão frequente, como a coisa mais vulgar do mundo, para que serve, por espirito de contradicção, amargurar-nos a esse ponto? Vamos, é uma offensa ao ceo, uma offensa aos mortos, uma offensa á natureza, uma offensa absurda á razão, ante a qual a morte dos paes é coisa naturalissima: e quem deixou de exclamar, desde o primeiro cadaver até ao homem que morre hoje: «assim deve ser!» Nós t'o pedimos: arremessa para longe essa dôr inutil, e olha para nós como para um pae. É preciso que todos o saibam, tu és quem está mais proximo do nosso throno, e o nobre affecto que um pae carinhoso póde consagrar a seu filho, é aquelle que te consagro. Em quanto ao projecto de voltares a Wittenberg, é isso contrario aos nossos desejos, e instamos para que fiques aqui para alegria e consolação dos nossos olhos, tu, o primeiro do nosso throno, nosso primo, e nosso filho.

A RAINHA

Que as supplicas de tua mãe não sejam baldadas. Hamlet, imploro-te, fica comnosco, não vás a Wittenberg.

HAMLET

Farei quanto possa para vos obedecer em tudo, minha senhora.

O REI

Bem. Ahi está uma resposta affectiva e conveniente.

Ficas em Dinamarca como nós ficamos. Vinde, senhora, a deferencia amavel e natural de Hamlet sorriu ao meu coração. Em acção de graças quero que o rei de Dinamarca não levante hoje uma saude alegre, sem que os canhões de maior calibre o annunciem ás nuvens, e cada brinde do rei seja repetido pelo ceo, ecco do trovão terrestre. Saiamos.

(O Rei, Rainha, Nobres, Polonio, Laertes, saem)

HAMLET

Ah! Se esta carne demasiado solida se podesse fundir, dissolver, resolver em orvalho! Se o Eterno não tivesse decretado leis contra o suicidio! Ó Deus, ó Deus, a que ponto, gastos, pesados, rasteiros e estereis, me parecem todos os prazeres d'este mundo! Fóra com a vida, fóra! É um jardim de hervas damninhas, que trepam grelando. Vegetação fétida e grosseira é quanto enche este mundo! Onde as coisas chegaram!... ao cabo apenas de dois mezes d'elle estar morto! Não ha ainda dois mezes! Um pae tão bom, que estava para este como Hyperion está para um satyro, tão carinhoso para minha mãe, que nem consentia que o vento do ceo, um pouco mais aspero, lhe roçasse as faces! Ceos e terra!... devo lembral-o? Oh! ella que se pendia n'elle, parecendo, que lhe recresciam os desejos, ao saciar-se! E todavia n'um mez—nem quero pensar n'isso;—fragilidade! tu chamas-te mulher!—um mez apenas, antes de haver gasto os sapatos com que seguiu o corpo de meu pobre pae—desfeita em pranto como Niobe!... O quê? Ella! ella propria! Ó ceos! um animal sem reflexão guardaria lucto por mais tempo. Casada com meu tio, irmão de meu pae, mas que se parece tanto com meu pae como eu me pareço com Hercules.—N'um mez, antes que o sal das suas lagrimas deixasse de irritar-lhe os olhos avermelhados—casou-se! Ó ardor crimi-

noso! Correr com tal impeto para lençoes incestuosos! Foi uma acção má, que não póde levar a nada bom. Mas, estala, meu coração! é preciso que tenha conta na minha lingua.

(Horacio, Bernardo e Marcello entram)

TODOS

Saudamos a vossa senhoria.

HAMLET

Estou muito satisfeito de vos ver em boa disposição, Horacio, ou eu não me lembro de mim mesmo.

HORACIO

Elle proprio, meu senhor, e sempre vosso humilde criado.

HAMLET

Dizei antes meu bom amigo. Quero trocar esse titulo comvosco. Que fazeis longe de Wittenberg, Horacio? Marcello?

MARCELLO

Meu bom senhor...

HAMLET

Estou satisfeitissimo de vos vêr—boas tardes. Mas, realmente, porque deixastes Wittenberg?

HORACIO

Foi um capricho de vagabundo, meu bom senhor.

HAMLET

Não consentiria a um inimigo vosso que fallasse d'esse modo. Não haveis de querer violentar o meu ouvido, para o obrigar a que acredite no que depondes contra vós proprio. Sei que não sois vagabundo;

mas que negocio vos trouxe a Elsenor? Havemos de ensinar-vos a beber bem, antes da vossa partida.

HORACIO

Meu senhor, vim para assistir ao funeral de vosso pae.

HAMLET

Não escarneças de mim, peço-te, companheiro de estudos: creio que foi para assistir ás nupcias de minha mãe.

HORACIO

É verdade, meu senhor, que se seguiram tão depressa!

HAMLET

Economia, economia, Horacio! As iguarias preparadas para o funeral de meu pae, foram servidas frias na mesa da boda. Que não fosse eu reunir-me com o meu mais intimo inimigo no ceo, antes do que ter visto nunca, jamais, tal dia, Horacio! Meu pae! parece-me que estou a vêr meu pae!

HORACIO

Onde, meu senhor?

HAMLET

Com os olhos do meu espirito, Horacio.

HORACIO

Eu vi-o outr'ora, era um rei magnifico.

HAMLET

Era um homem... pensando bem, como não encontrarei outro egual.

HORACIO

Meu senhor, creio que o vi a noite passada.

HAMLET

Viste quem?

HORACIO

Meu senhor, o rei, vosso pae.

HAMLET

O rei, meu pae?

HORACIO

Moderae o vosso espanto, e dae-me attenção, para que eu possa, com o testemunho d'estes senhores, contar-vos esse prodigio.

HAMLET

Pelo amor de Deus, falla.

HORACIO

Durante duas noites consecutivas, em quanto estes meus camaradas, Marcello e Bernardo, estavam de guarda, no meio do deserto funebre da noite, eis o que lhes aconteceu: uma figura semelhante a vosso pae, armada dos pés á cabeça, appareceu-lhes, passando magestosamente proximo d'elles. Tres vezes atravessou diante de seus olhos fitos e atterrados, apenas á distancia do comprimento do bastão que trazia: elles, varados de susto e cobertos de suor glacial, emmudeceram! Participaram-me este segredo, e na noite seguinte entrei de guarda com elles. Então, justamente á hora, e com a fórma que me haviam indicado, sem que lhe faltasse o mais leve accessorio, a apparição realiou-se. Reconheci vosso pae. Estas duas mãos não são mais parecidas.

HAMLET

Mas onde foi isso?

HORACIO

Meu senhor, na explanada onde estavamos de guarda.

HAMLET

• E não lhe fallaram?

HORACIO

Sim, meu senhor, porém elle não respondeu coisa alguma; todavia houve um momento, pareceu-me, em que ergueu a cabeça, e fez um gesto, como de quem queria fallar; mas justamente n'esse instante o gallo da manhã soltou a voz, e o phantasma rapidamente se esvaeceu a nossos olhos.

HAMLET

É extraordinario!

HORACIO

É tão verdade como eu ser vivo, meu illustre senhor, e nós entendemos que era dever nosso participar-vol-o.

HAMLET

Mas realmente, realmente, meus senhores, isto perturba-me. Entraes de guarda esta noite?

TODOS

Sim, meu senhor.

HAMLET

Armados?

TODOS

Armados, meu senhor.

HAMLET

Dos pés á cabeça?

TODOS

Dos pés á cabeça, meu senhor.

HAMLET

Não lhe viram o rosto?

HORACIO

Sim, meu senhor, trazia a viseira levantada.

HAMLET

Bem.—O semblante estava enfurecido?

HORACIO

Não—tinha mais a expressão da tristeza que a da colera.

HAMLET

Pallido ou vermelho?

HORACIO

Ah! muito pallido.

HAMLET

E fitava os olhos em vós?

HORACIO

Constantemente.

HAMLET

Quanto desejava haver estado lá!

HORACIO

Ficarieis bem espantado!

HAMLET

É muito provavel, muito provavel! Demorou-se muito tempo?

HORACIO

O tempo preciso para contar até cem devagar.

BERNARDO e MARCELLO

Mais tempo, mais tempo.

HORACIO

Não da vez em que o vi.

HAMLET

A barba era grisalha, não?

HORACIO

Era como no tempo em que eu o conheci, de um escuro prateado.

HAMLET

Velarei esta noite: talvez que ainda volte.

HORACIO

De certo, asseguro que sim.

HAMLET

Se se apresentar sob a fórma de meu pae fallar-lhe-hei, ainda que o inferno de guella aberta me imponha silencio. Peço-vos a todos, que, se até aqui tendes guardado segredo sobre essa apparição, continueis a guardal-o. E, aconteça o que acontecer esta noite, confiae o sygillo á vossa reflexão, mas não á vossa lingua. Recompensarei o vosso zelo. Adeus. Á explanada, entre as onze horas e meia noite irei ter comvosco.

TODOS

Os nossos respeitos a vossa senhoria.

HAMLET

Não, para mim a vossa amizade, como a minha é vossa. Adeus.

(Horacio, Marcello e Bernardo saem)

HAMLET (continuando)

O espirito de meu pae armado! Tudo isto vae mal! Desconfio d'alguma hedionda tragedia. Como a noite tarda em cair!... Até lá, conserva-te tranquilla, minha alma! As acções negras, quando a terra inteira as cobrisse, surgirião sempre aos olhos dos homens.

(Sae)

SCENA III

Um quarto em casa de Polonio

Entram Laertes e Ophelia

LAERTES

Tenho as bagagens a bordo, adeus. Ó irmã, quando os ventos sejam propicios e houver transporte, não te deixes adormecer, dá-me novas tuas.

OPHELIA

Duvidas?

LAERTES

Em quanto a Hamlet, e a seus frivolos cortejos, olha-os como uma phantasia, um capricho sensual, uma violeta da primavera da vida, precoce e ephemera, suave, mas não duradoura:—perfume e preoccupação de um minuto; nada mais.

OPHELIA

Nada mais, realmente?

LAERTES

Não, acredita-me, nada mais. Porque a natureza no seu crescer, não desenvolve só os musculos e a massa do corpo, mas, á medida que o templo se torna mais

vasto, os deveres, que o serviço interior impõe á alma, crescem egualmente. Póde ser que elle te ame agora, póde ser que a mais leve mancha, a mais insignificante deslealdade, não tolde a virtude de seus desejos; mas deves considerar, olhando para a sua grandeza, que não tem vontade propria, porque de facto é escravo do seu nascimento. Não lhe é permittido, como ao vulgar dos homens, decidir por si mesmo, porque da sua escolha depende a saude e salvação do estado. E, por tanto, a sua eleição deve amoldar-se pela opinião e assentimento do corpo de que elle é cabeça. Ora, se diz que te ama, andarás prudentemente em não acreditar, senão dentro dos limites em que a sua gerarchia especial lhe facultar liberdade de fazer o que diz; liberdade que é toda regrada pela grande voz da Dinamarca. Considera que abalo não póde soffrer a tua honra, se escutares os seus protestos com ouvido demasiado credulo: lembra-te que podes perder o teu coração, ou abrir o thesoiro da tua castidade ás suas instancias desenfreadas. Cuidado, Ophelia, cuidado, minha querida irmã:—põe em guarda o teu affecto, fóra do alcance dos seus perigosos desejos. A virgem mais avara, é prodiga quando desvenda a sua formosura á claridade da lua. A propria virtude não escapa aos golpes da calumnia. O verme roe os rebentos da primavera, muitas vezes antes que os botões tenham desabroxado; e é na manhã da juventude, na hora em que os orvalhos são mais limpidos, que os sopros contagiosos se tornam mais nocivos. Sê prudente: o melhor escudo é o receio; a juventude tem a rebellião em si propria, quando a não tem perto de si.

OPHELIA

Guardarei a lembrança d'esses bons conselhos, como um preservativo para o meu coração. Mas tu, querido

irmão, fazes como os pastores impios, que nos mostram o caminho do ceo escarpado e espinhoso, ao passo que elles, desregrados, repletos, impudentes, calcam aos pés as flores que matizam a senda da licenciosidade, sem curarem do que prégaram nos seus discursos.

LAERTES

Não tenhas cuidado por mim. Estou-me demorando demasiado. (Entra POLONIO) Aqui vem meu pae. Uma dupla benção é um duplo beneficio. Eu abençôo o momento que me proporciona uma segunda despedida.

POLONIO

Ainda aqui, Laertes?! A bordo, a bordo. Que vergonha! O vento enfuna as vélas do teu navio: esperam-te. Aqui tens a minha benção, (põe a mão sobre a cabeça de LAERTES). Agora grava na tua memoria este numero de preceitos. Não soltes palavra, nem executes idéa irreflectida. Sê familiar, mas nunca vulgar. Quando tiveres adoptado e experimentado bem um amigo, agarra-o á tua alma, com um arpéo de aço, mas não tornes grosseira a tua mão, dando-a ao primeiro camarada recem-conhecido. Evita entrar em contenda, mas uma vez que entres, sae-te de modo que o adversario te fique temendo. Ouve o que disserem todos, mas sê avaro das tuas palavras. Acceita a opinião, que te derem, mas reserva sempre o teu juizo. O teu trajo que seja conforme ás tuas posses, porém nunca para dar na vista por excentrico; rico mas pouco apparatoso, porque o vestuario revela muitas vezes o homem, e em França as pessoas qualificadas tem a este respeito o gosto mais apurado e mais fino. Não emprestes, nem peças emprestado: emprestar é causa, muitas vezes, de perder o dinheiro e o amigo; pedir emprestado desarranja a economia. Primeiro que tudo sê leal a ti mesmo; e tão

infallivelmente como a noite segue ao dia, não poderás ser desleal a pessoa alguma. Adeus, que a minha benção fixe em ti estes conselhos.

LAERTES

Despeço-me submissamente de vós, meu senhor.

POLONIO

A hora urge, os teus criados esperam-te.

LAERTES

Adeus, Ophelia, e lembra-te bem do que te disse.

OPHELIA

Tudo está encerrado na minha memoria, e tu proprio guardarás a chave.

LAERTES

Adeus.

(Sae)

POLONIO

Que te disse elle, Ophelia?

OPHELIA

Foram, com permissão de meu pae, coisas relativas a Hamlet.

POLONIO

Feliz idéa, feliz idéa! Disseram-me que Hamlet tem ultimamente tido comtigo frequentes entrevistas, e que tu mesma lhe tens concedido, com grande generosidade, essas audiencias. Se assim é (e fizeram-m'o saber por prevenção), devo dizer-te, que não comprehendes bem claramente o que convém a minha filha, e á tua honra. Que ha entre ambos? Confessa-me a verdade.

OPHELIA

Nos ultimos tempos, o principe, tem-me repetido os protestos da sua estima.

POLONIO

A sua estima?... Ora!... tu fallas como rapariga inexperiente, que ainda não passou pelo crivo de todos esses perigos. Acreditas em taes protestos, como tu lhes chamas?

OPHELIA

Não sei, meu pae, que deva pensar...

POLONIO

Pois bem, eu t'o vou dizer. Pensa, que és uma creança em haver tomado por moeda corrente o que não é ouro de bons quilates. Presa-te mais, ou, para não gastar palavras em periphrases, não estimes um louco.

OPHELIA

Elle tem-me instado com o seu amor, mas sempre com maneiras nobres e decoresas.

POLONIO

Sim, chamas a isso maneiras. Continua, continua.

OPHELIA

E confirmou as suas palavras, meu senhor, e pae, com os mais solemnes juramentos.

POLONIO

Qual! armadilhas para apanhar gallinholas. Eu sei, quando o sangue queima, com que prodigalidade a alma empresta juramentos á lingua. São clarões, minha filha, que produzem maior luz, do que calor, e que se apagam no momento em que promettem mais: não os

tomes por verdadeira chamma. D'ora ávante, minha filha, sê mais avara da tua virginal presença; não malbarates as tuas entrevistas. Quanto ao senhor Hamlet, o que deves pensar d'elle, é, que é moço, e que para os seus passatempos tem a corda mais folgada, do que tu. N'uma palavra, Ophelia, não te fies nos seus protestos, porque são, não os interpretes dos pensamentos que fingem, mas de desejos sacrilegos; não proferem promessas santas e piedosas senão para enganar melhor. Uma vez por todas: digo-t'o em termos claros; no futuro não gastes os teus ocios em empregar um minuto sequer a trocar palavras e a conversar com o senhor Hamlet. Vigia por isso; sou eu que t'o ordeno. Recolhe-te.

OPHELIA

Obedecerei, meu senhor.

(Saem)

SCENA IV

Na explanada

Entram HAMLET, HORACIO e MARCELLO

HAMLET

Faz muito frio. O ar parece que morde.

HORACIO

Está fino e cortante, está.

HAMLET

Que horas são?

HORACIO

Proximo da meia noite, julgo eu.

MARCELLO

Não, já deu meia noite.

HORACIO

Devéras? não ouvi. Então aproxima-se a hora em que o espirito costuma apparecer. (Ouvem-se fóra trombetas e uma salva de artilheria) Que vem a ser isto, meu senhor?

HAMLET

O rei passa esta noite a beber no meio da orgia, e do foliar descomposto; ao passo que esgota a sua taça de vinho do Rheno, os timbales e as trombetas proclamam aquellas saudes triumphantes.

HORACIO

É uso?

HAMLET

É. Mas a meu ver, posto tenha nascido n'este paiz, e esteja habituado aos seus usos, é este um que mais valia proscrever, do que observar. Estas crapulas embrutecedoras fazem com que, do oriente ao occidente, sejamos escarnecidos e insultados pelas outras nações; e assim é que nos tratam de ebrios, manchando o nosso nome, e pondo-lhe a immunda alcunha de porcos. Realmente, isto basta para empannar a gloria que merecem as nossas mais sublimes façanhas. Estas coisas succedem a pessoas que nasceram com algum vicio de temperamento (do que ellas não tem culpa, porque a creatura não escolhe a sua origem), com alguma tendencia extravagante, que abala, ás vezes, os poderes da razão, ou com habitos que pervertem as mais apreciaveis qualidades. N'estes homens, digo, embora não tragam mais do que a marca de um leve defeito, libré da natureza, ou divisa do acaso, todas as suas

virtudes (quando fossem puras como a graça, e tão grandes quanto o permitte a humanidade) passariam por corrompidas na opinião geral, só por este unico senão. Um atomo de impureza vicia a substancia mais bella com o seu contacto infamante.

(Entra o Espectro)

HORACIO

Olhae, meu senhor, eil-o ahi!

HAMLET

Anjos, ministros da graça, defendei-nos. Quem quer que tu sejas, espirito do bem ou duende damnado, que tragas comtigo as brisas celestes, ou as rajadas do inferno, que as tuas intenções sejam perversas ou caridosas, apresentas-te sob uma fórma tão convidativa, que eu quero fallar-te. Invoco-te, Hamlet, rei, pae, senhor da Dinamarca! Oh! responde-me. Não me deixes atormentado pela duvida, dize-me porque é que teus ossos santificados, sepultos na morte, rasgaram o sudario! Porque é que o sepulchro, em que te vimos soterrar em paz, abriu as pesadas maxillas de marmore para te arrojar outra vez a este mundo?! Que significa isto? Porque é que tu, corpo morto, armado de ponto em branco, tornas a ver o luar, fazendo a noite horrorosa? E a nós, histriões da natureza, porque nos abalas medonhamente a imaginação, com pensamentos que excedem os limites da nossa alma? Dize-me, porque é isto? Que pretendes?

HORACIO

Faz-vos acenos para que o sigaes, como se quizesse revelar algum segredo a vós sómente.

MARCELLO

Vêde com que gesto tão cortez vos chama para um logar mais desviado; mas não o acompanheis.

HORACIO

Não, Deus vos defenda.

HAMLET

Não quer fallar-me aqui: vou seguil-o.

HORACIO

Não façaes tal, meu senhor.

HAMLET

Porque? Que tenho que receiar? Eu não aprecio a minha vida no valor de um alfinete; e emquanto á minha alma, que lhe póde fazer, se é immortal como a delle? Torna a acenar-me. Vou seguil-o.

HORACIO

Como, meu senhor! E se elle vos impellir para as ondas, ou para o cimo d'esse rochedo cortado a pique sobre o mar, e ali, tomando alguma outra fórma horrivel, vos privar da razão, e vos lançar na demencia! Tomae conta — o aspecto só d'esse logar produz allucinações de desespero no cerebro de qualquer que contemple o mar de semelhante altura, sentindo-o bramir lá em baixo.

HAMLET

Torna a chamar-me. (ao Espectro) Vou seguir-te,

MARCELLO

Não ireis, meu senhor.

HAMLET

Arredae as vossas mãos.

HORACIO

Sêde rasoavel, não o acompanheis!

HAMLET

A fatalidade impelle-me, e torna a mais tenue das minhas arterias tão robusta como os musculos do leão de Neméa. (O Espectro torna a acenar-lhe) De novo me chama. (Escapando-se-lhes dos braços) Larguem-me, quando não faço um espectro d'aquelle que me agarrar. Para traz, ouviram-me? (Para o Espectro) Caminha, que eu te seguirei.

(O Espectro e Hamlet saem)

HORACIO

A força da imaginação dá-lhe furias.

MARCELLO

Sigamol-o: é faltar ao nosso dever obedecer-lhe até esse ponto.

HORACIO

Vamos-lhe no encalço. Qual será o desfecho de tudo isto?

MARCELLO

Alguma grande corrupção ha no imperio de Dinamarca!

HORACIO

O ceo ha de guial-o.

MARCELLO

Bem, sigamol-o.

(Saem)

SCENA V

Sitio escuso na explanada

Entram Hamlet e o Espectro

HAMLET

Aonde me levas? Falla; não passarei d'aqui.

O ESPECTRO

Escuta-me bem.

HAMLET

Estou escutando.

O ESPECTRO

Vae bater a hora, em que tenho de voltar para as chammas sulfureas, que são o meu tormento.

HAMLET

Ai de mim! pobre alma!

O ESPECTRO

Não me lastimes, e presta toda a tua attenção ao que te vou revelar.

HAMLET

Falla; é meu dever escutar-te.

O ESPECTRO

E obrigação de me vingares, quando me tiveres ouvido.

HAMLET

Porquê?

O ESPECTRO

Eu sou o espirito de teu pae, condemnado, por certo

espaço de tempo, a errar durante a noite, e, durante o dia, a jejuar n'uma prisão em chammas, até que o fogo me haja purificado dos negros crimes praticados na minha vida mortal. Se me não fosse prohibido revelar-te os segredos da minha prisão, far-te-hia uma narrativa, cuja minima palavra fôra bastante para te dilacerar a alma, gelar-te o sangue juvenil, obrigar teus olhos, como duas estrellas, a sairem das orbitas, desatar o nó de teus cabellos entrançados, e fazer com que cada um d'elles se erriçasse como as puas do porco espinho embravecido... Mas estas descripções do mundo eterno não são para ouvidos de carne e sangue... Escuta, escuta, oh! escuta! Se por ventura amaste o teu carinhoso pae...

HAMLET

Oh! ceos!

O ESPECTRO

Vinga-o de um monstruoso assassinio.

HAMLET

Um assassinio?

O ESPECTRO

Hediondissimo como todos, porém este foi o mais torpe, covarde e monstruoso!

HAMLET

Informae-me depressa, para que, com azas tão rapidas como as da meditação ou dos pensamentos do amor, possa voar á vingança.

O ESPECTRO

Estás decidido, bem o vejo. Serias mais inerte do que a sarça, que vegeta e apodrece na margem do Lethes, se não viesse excitar-te. Agora, Hamlet, escuta. Fizeram acreditar que, emquanto eu dormia no meu

jardim, uma serpente me havia mordido, e todos os ouvidos da Dinamarca foram grosseiramente illudidos com esta narração. Mas fica-o sabendo, tu, nobre mancebo: a serpe que mordeu teu pae mortalmente, cinge hoje a sua corôa.

HAMLET

Oh! minha alma prophetica!... Meu tio!

O ESPECTRO

Sim, esse monstro incestuoso e adultero, pela magia do seu espirito, por seus dotes perfidos (oh! malditos sejam o espirito e os dotes que pódem seduzir a tal ponto!) obrigou a ceder ás suas paixões vergonhosas a vontade da minha rainha, a mais virtuosa das mulheres na apparencia. Oh! Hamlet, a queda que ella deu! De mim, cujo amor sempre digno caminhava de mãos dadas com a fé conjugal, descer até um miseravel, cujas prendas naturaes valiam tão pouco ao pé das minhas! Mas assim como a virtude se conserva inabalavel, ainda quando o vicio a requesta sob fórmas divinas, do mesmo modo a lascivia, posto que alliada a um anjo resplandecente, embora se sacie n'um thalamo puro, não se deleita senão no esterquilinio. Mas, espera, parece-me que sinto a aragem da manhã. Abreviemos. Eu dormia, como era sempre meu costume, no jardim, depois do meio dia. A essa hora de plena confiança, teu tio logrou chegar-se a mim com um frasco cheio do maldito summo de meimendro, e deitou-me dentro do ouvido o liquido que produz a lepra. O effeito é funesto para o sangue do homem: rapido, como o azougue, infiltra-se por todos os canaes e veias do corpo, e pela sua acção poderosa, coalha, como uma gota de acido faz talhar o leite, o sangue melhor e mais limpido. Foi o que me succedeu — e de repente senti, semelhante a um Lazaro, a lepra cobrir de uma crôsta infecta a superficie lisa do

meu corpo. Vê como, durante o meu somno, a mão de um irmão me arrebatou a um tempo existencia, corôa, e reino! Arrancado na exhuberancia do peccado, sem sacramentos, sem preces, sem viatico, sem me pôr bem com a minha consciencia, e atirado á presença do meu juiz com todas as minhas culpas sobre a cabeça!... Oh! horrivel! horrivel! oh! cumulo do horrivel! Se não ês desnaturado, não supportes isto. Que o thalamo real da Dinamarca se não converta em leito de luxuria e de incesto damnado. Olha porém, qualquer que seja a maneira porque prosigas n'este desagravo, que o teu espirito se conserve puro, que tua alma se abstenha de todo o projecto hostil a tua mãe: entrega-a á conta do ceo, e aos espinhos que lhe hão de crivar e rasgar-lhe o seio. Adeus, de uma vez para sempre! O pyrilampo annuncia que a manhã se aproxima, porque já lhe empallidece o fogo impotente. «Adeus, adeus, Hamlet, lembra-te de mim!»

(O Espectro desapparece)

HAMLET

Ó vós todas—legiões do ceo! Ó terra! Que mais? Invocar-te-hei tambem, ó inferno?... Infamia! Modera-te, modera-te, meu coração! e vós, meus nervos, não envelheçaes de repente. Conservae-me firme. Que me lembre de ti! Sim, pobre sombra, em quanto a minha memoria tiver a sua séde n'este globo desvairado. Que me lembre de ti! Sim! Quero apagar do registro da minha memoria, todas as lembranças vulgares e frivolas, todas as maximas dos livros, todos os vestigios, todas as impressões, que ahi tem bebido a juventude e a observação, e a tua ordem viva encherá, ella só, as folhas do livro do meu cerebro, fechado para sempre a esses assumptos abjectos. Sim! pelo ceo! Oh! a mais perfida das mulheres! Ó scelerado, scelerado, scelerado! riso-

nho e infame! A minha carteira! É importante notar, que um homem póde sorrir, sorrir, e não ser senão um malvado. Pelo menos estou certo, que isto póde ser em Dinamarca. (Escreve) Meu tio é um d'esses. Agora a minha senha é: «Adeus, adeus, lembra-te de mim.» Jurei-o!

HORACIO (detraz dos bastidores)

Meu senhor! meu senhor!

MARCELLO (detraz dos bastidores)

Senhor Hamlet!

HORACIO (detraz dos bastidores)

O ceo o proteja.

MARCELLO (detraz dos bastidores)

Oxalá.

HORACIO

Olá! ó! ó! meu senhor!

HAMLET

Olá! ó! ó! pagem, vem, meu falcão, vem!

(Entram Horacio e Marcello)

MARCELLO

Que foi que se passou, meu senhor?

HORACIO

Que novas ha, meu senhor?

HAMLET

Oh! prodigio!

HORACIO

Meu bom senhor, contae-nol-o.

HAMLET

Não, que o revelareis.

HORACIO

Não eu, meu senhor, pelo ceo o juro.

MARCELLO

Nem eu, meu senhor.

HAMLET

Que dizeis pois? Qual é o coração de homem, que sonhasse jámais tal coisa? Conto com a vossa discrição.

HORACIO e MARCELLO

Por Deus, que a teremos, meu senhor.

HAMLET

Não ha um scelerado em Dinamarca, que não seja um refinado patife.

HORACIO

Não era preciso, meu senhor, que um espectro saisse do seu tumulo para tal nos ensinar.

HAMLET

Sim, é verdade, tendes razão. Visto isso, sem mais circumloquios, acho acertado que nos apertemos a mão, e que nos separemos. Ide vós para onde vossos negocios e obrigações vos chamam (toda a gente tem os seus negocios e obrigações, sejam quaes forem), e eu, pobre rapaz, para ir resar: vêdes.

HORACIO

Isso são palavras vagas e incoherentes.

HAMLET

Sinto que vos offendessem: sinto do fundo do coração;—em verdade—do fundo do coração.

HORACIO

Não houve offensa, meu senhor.

HAMLET

Houve. Por S. Patricio, que houve uma offensa, uma offensa muito grave. Quanto a essa visão... é uma honrada sombra, permitti-me que o diga: em quanto ao desejo que tendes de saber o que se passou entre nós, sobr'estae n'elle como poderdes. E agora, meus bons amigos, se verdadeiramente sois meus amigos, condiscipulos, companheiros de armas, concedei-me um insignificante favor.

HORACIO

Qual é, meu senhor? Da melhor vontade.

HAMLET

Não deis jámais a conhecer o que vistes esta noite.

HORACIO e MARCELLO

Jámais, meu senhor.

HAMLET

Bem; mas jurae-o.

HORACIO

Pela minha salvação, meu senhor, que não direi nada.

MARCELLO

Nem eu, meu senhor, pela minha salvação.

HAMLET

Jurae sobre a minha espada.

MARCELLO

Nós já jurámos, meu senhor.

HAMLET

Jurae pela minha espada, jurae.

O ESPECTRO (debaixo da terra)

Jurae!

HAMLET

Ah! ah! meu rapaz, és tu, que fallas? estás ahi? vigiando-nos? (Para os dois) Não ouvem o camarada no fôsso? Fazei o juramento.

HORACIO

Dictae vós a fórmula, meu senhor.

HAMLET

A fórmula é não dizer jámais palavra do que ouvistes. Jurae-o sobre a minha espada.

O ESPECTRO (debaixo da terra)

Jurae!

HAMLET

Hic et ubique? Mudemos de logar. Vinde, cá meus senhores, e ponde ainda mais uma vez a mão sobre a minha espada. Não fallareis jámais do que ouvistes: jurae-o sobre a minha espada.

O ESPECTRO (debaixo da terra)

Jurae-o!

HAMLET

Fallaste bem, velha toupeira. Como pódes trabalhar com tanta presteza debaixo da terra? Excellente sapador! (Para os dois) Desviae-vos ainda por mais esta vez, meus bons amigos!

HORACIO

Ceos e terra! eis um prodigio inaudito!

HAMLET

Fazei-lhe as honras devidas a um forasteiro. Ha mais còisas sobre a terra e no ceo, do que as que sonha a tua philosóphia, Horacio. Porém vinde, e jurae aqui, como jurastes ha pouco, e que o ceo vos ajude! Por mais singular e estranho que seja o meu procedimento, pois é possivel que para o futuro eu julgue conveniente affectar uns ares sobrenaturaes, jurae, que jámais vos acontecerá, ou cruzando os braços d'este modo, ou sacudindo a cabeça assim, ou pronunciando alguma phrase duvidosa, como por exemplo: *Bem, bem!*—*Nós sabemos*, ou—*Nós podiamos, se quizessemos*, ou—*Se nos désse para fallar*, ou—*Não dependia senão de nós*, ou qualquer outra phrase ambigua, dar a entender, que sabeis um segredo meu. Jurae isto, e que a virtude divina vos não falte no momento em que mais precisardes d'ella. Jurae-o!

O ESPECTRO (debaixo da terra)

Jurae!

HAMLET

Socega-te! socega-te, alma penada! N'este ponto, meus senhores, ponho-me á vossa disposição com toda a minha estima, e quanto um pobre homem, como Hamlet, possa fazer para vos exprimir a sua amisade, far-se-ha de bom grado, com a ajuda de Deus. Voltemos juntos e sempre com o dedo nos labios. A nossa época está desconcertada. Maldita fatalidade, que tenha eu nascido para um dia a repôr nos seus eixos! Bom, vamos! partamos juntos!

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO SEGUNDO

SCENA I

Um quarto em casa de Polonio

Entram Polonio e Reynaldo

POLONIO

Entrega-lhe este dinheiro, e estes apontamentos.

REYNALDO

Sim, meu senhor.

POLONIO

Será muitissimo prudente, bom Reynaldo, antes de ires ter com elle, tomares informações do seu procedimento.

REYNALDO

Meu senhor, era a minha intenção.

POLONIO

Muito bem, por Deus, muito bem dito! Olha, meu caro, sabe-me, primeiro, quem são os dinamarquezes que estão em Paris; como, com quem, de que recursos vivem, e onde vivem; qual é a sua sociedade, as suas

despezas, e uma vez seguro, por estas pesquizas, de que elles conhecem meu filho, podes avançar mais; porém sempre com cautella, sem tocar directamente no assumpto. Dá-te, como tendo com elle conhecimento muito leve, dizendo, por exemplo: *Conheci seu pae e a sua familia, e a elle tambem um pouco*. Comprehendes, Reynaldo?

REYNALDO

Perfeitamente, meu senhor.

POLONIO

E a elle tambem um pouco, mas (podes accrescentar) muito de leve, *todavia, se é quem penso, é um rapaz por extremo desarranjado, com estes e aquelles habitos*...», e então atira-lhe para cima das costas com quanto te vier á cabeça; em todo o caso nada que possa ferir a sua honra; toma tento n'isto, apega-te, meu caro, a estas leviandades, loucuras, desvios vulgares e conhecidos como indispensaveis da mocidade, quando se apanha á solta.

REYNALDO

Por exemplo, meu senhor, o habito de jogar.

POLONIO

Sim, ou de beber, ou de atirar á espada, de praguejar, ser bulhento, andar mettido com as raparigas: podes ir até ahi.

REYNALDO

Meu senhor, n'isso já me parece haver coisa que o possa deshonrar.

POLONIO

Não ha, realmente, se souberes temperar as coisas na accusação. Não chegues a ponto de o criminar de devasso por natureza; não é isso o que eu quero dizer: roça levemente pelos seus defeitos, de modo que

só se façam sentir os erros proprios da mocidade que se vê livre, faisca e irrupção de uma cabeça em fogo, desvarios de um sangue indomavel, causa, origem dos arrebatamentos da juventude.

REYNALDO

Mas, meu estimavel senhor...

POLONIO

A razão porque deves andar d'este modo?

REYNALDO

Justamente, meu senhor, era o que eu desejava saber.

POLONIO

Pois bem, meu caro, aqui está o meu fim, e supponho que é um plano infallivel. Quando tenhas imputado a meu filho estas leves imperfeições, que se dão em qualquer um pouco viciado pelo mundo,—presta muita attenção!—se o teu interlocutor, aquelle que pretendes sondar, já alguma vez tiver notado as faltas enumeradas por ti, no rapaz de que lhe fallaste vagamente, ha de cair na razão comtigo, e dizer d'este modo: «Caro senhor, ou meu amigo, ou senhor, segundo a linguagem ou formula adoptada pelo homem, ou conforme o paiz...

REYNALDO

Muito bem, meu senhor.

POLONIO

Pois bem, ora pois... então elle... Que ia eu a dizer? Ia a dizer alguma coisa... Onde estava eu?

REYNALDO

Ieis a dizer: «Ha de cair na razão d'este modo...»

POLONIO

Sim, ha de cair na razão comtigo, dizendo: «Conheço esse rapaz, vi-o hontem, ou no outro dia, em tal ou tal logar, com este ou aquelle, e, como dizieis, estava jogando, ou apanhei-o a beber, disputando ao jogo da pélla, ou talvez: vi-o entrar em certa casa suspeita (*videlicet*, um lupanar),» e assim por diante. Bem vês agora, a isca da mentira chega a agarrar o peixe da verdade, e é assim, que nós outros, homens de bom senso, e de alcance, embrulhando o mundo e andando de travez, achamos indirectamente o nosso caminho. Aqui está como pelas minhas instrucções e avisos preliminares, virás a conhecer meu filho. Entendeste-me, não é verdade? Observa, por ti proprio, quaes são as suas tendencias.

REYNALDO

Sim, meu senhor.

POLONIO

E deixa-o fazer o seu jogo.

REYNALDO

Bem, meu senhor.

POLONIO

Adeus.

(Reynaldo sae. Entra Ophelia)

POLONIO

Então!... Ophelia, que ha de novo?

OPHELIA

Oh! meu senhor, meu senhor, fiquei tão aterrada!

POLONIO

Com que, em nome do ceo?

OPHELIA

Meu senhor, eu estava costurando no meu quarto, quando entrou o senhor Hamlet com as roupas em desalinho, sem chapeu na cabeça, as meias enrugadas, sem ligas, e caídas até ao artelho, branco como a camisa, trocando as pernas, emfim, com aspecto tão deploravel, como se o houvessem largado do inferno, para trazer novas horrorosas! Parou diante de mim!

POLONIO

Enlouqueceu de amor por ti!

OPHELIA

Não sei, meu senhor, mas, realmente, tenho medo.

POLONIO

Que te disse elle?

OPHELIA

Agarrou-me pelo pulso, e apertou-me com muita força; depois afastou-se á distancia do braço estendido, e com a outra mão collocada d'este modo, por cima da minha cabeça, poz-se a estudar a minha cara, como se quizesse desenhal-a. Esteve assim muito tempo; por fim, sacudindo-me levemente o braço, e agitando tres vezes a cabeça de alto a baixo, soltou um suspiro tão lastimoso, e tão profundo, que se diria que o corpo lhe ia estalar, e que chegava a sua ultima hora! Depois d'isto desviou-se, e, com a cabeça voltada para cima do hombro, parecia acertar com o caminho sem ver, transpoz as portas sem auxilio da vista, porque até ao fim não despregou os olhos de mim!

POLONIO

Vem comigo: vou ter com el-rei. É esse o principio

do delirio de amor; em sua violencia a si mesmo se fere, arrasta a vontade a empresas desesperadas, com mais frequencia do que qualquer das outras paixões, que sob o ceo opprimem a nossa natureza. Pesa-me muito!... Ora esta! disseste-lhe ultimamente algumas palavras agrestes?

OPHELIA

Não, meu senhor; mas como me havieis ordenado, devolvi-lhe as suas cartas, e recusei-lhe qualquer entrevista.

POLONIO

Foi isso que o fez doido. Estou arrependido de não ter andado com mais attenção e discernimento no meu juizo a seu respeito. Julguei que não passasse de uma astucia com o fim de te perder. Porém, malditas sejam as minhas suspeitas! Isto é proprio da nossa edade, levarmos longe de mais as precauções nos nossos juizos, como é vulgar na juventude a falta de prudencia. Vem, vamos ter com el-rei. É preciso que elle saiba tudo isto. O segredo d'este amor pode provocar mais desgraças, do que a sua revelação occasionar resentimentos. Vem.

(Saem)

SCENA II

Sala de recepção no paço

Entram o Rei, a Rainha e sua comitiva: Rosencrantz e Guildenstern

O REI

Sêde bem vindos, caro Rosencrantz e vós, Guildenstern. Além do desejo que tinhamos de ver-vos, a necessidade que havemos de vossos serviços nos levou a mandar-vos chamar a toda a pressa. Soubestes alguma coisa da transformação de Hamlet? (digo transformação, porque tanto no exterior como no interior não é o mesmo homem.) Outro motivo alheio á morte de seu pae, o levou a esse estado de demencia? Não posso julgal-o. Supplico a ambos vós, que fostes companheiros da sua infancia, e depois seus camaradas de juventude e dos prazeres, que vos digneis residir aqui, na nossa côrte, por algum tempo ainda, para que a vossa companhia o attraia ás distracções;—e recolhei todos os indicios que poderdes obter em qualquer occasião, a fim de sabermos se o mal ignoto que o devora por tal modo, não será para nós, uma vez conhecido, de facil remedio.

A RAINHA

Caros senhores, el-rei tem fallado muito de vós, e não ha, estou certa, dois homens n'este mundo que elle mais preze. Se quizerdes ser bastante amaveis e benevolos para passar uma temporada em nossa companhia, a fim de ajudar-nos a realisar a nossa esperança, essa visita valer-vos-ha agradecimentos condignos da gratidão de um rei.

ROSENCRANTZ

Vossas magestades, em virtude dos soberanos poderes que teem sobre nós, podiam ordenar, em vez de pedir.

GUILDENSTERN

Obedecemos ambos, e curvados nos compromettemos aqui a pôr gratuitamente os nossos serviços a vossos pés, cumprindo qualquer ordem.

O REI

Obrigado, Rosencrantz, obrigado, illustre Guildenstern.

A RAINHA

Obrigado, Guildenstern, obrigado, illustre Rosencrantz. Peço-vos que sem demora vades ter com meu filho. Como elle está mudado! (Voltando-se para a comitiva) Que alguem de entre vós conduza estes senhores ao logar onde estiver Hamlet.

ROSENCRANTZ

Permitta o ceo que a nossa presença e os nossos cuidados lhe sejam agradaveis e salutares.

A RAINHA

Amen!

(Saem Rosencrantz e Guildenstern e alguns homens da sua comitiva. Entra Polonio)

POLONIO

Meu senhor, os embaixadores voltaram satisfeitos da Noruega.

O REI

Tu sempre foste o pae das boas novas.

POLONIO

Realmente, meu senhor? Estae certo, meu bom soberano, de que os meus serviços como a minha alma são devotados ao mesmo tempo a Deus e ao meu rei. (á parte ao Rei) E penso, a menos que a minha cabeça já não esteja em termos de andar com segurança na pista de um negocio, que descobri a verdadeira causa do estado lunatico de Hamlet.

O REI

Oh! falla! Estou ancioso por sabel-a.

POLONIO

Dae primeiro audiencia aos embaixadores: a minha nova será o postre do grande festim.

O REI

Faze-lhes tu mesmo as honras, e introduze-os. (Polonio sae.) (Á Rainha) Cara Gertrudes, diz-me elle que descobriu o principio e a fonte da turvação de vosso filho.

A RAINHA

Duvido muito que seja outra coisa, além do grande motivo—a morte de seu pae, e o nosso casamento precipitado.

(Entra Polonio com Voltimando e Cornelio)

O REI (para os enviados)

Bem, nós o examinaremos. Sêde bem vindos, meus amigos! Fallae, Voltimando. Que nos trazeis da parte de nosso irmão da Noruega?

VOLTIMANDO

A mais ampla remessa de cumprimentos e felicitações. Logo na nossa primeira entrevista expediu ordem

a seu sobrinho para que suspendesse as levas, que a principio julgou serem preparativos contra os polacos, porém, depois de mais detido exame veiu a saber, que iam contra vossa altesa. Indignado por haverem de tal modo abusado da sua doença, da sua edade, da sua fraqueza, mandou prender Fortimbraz, que se submetteu immediatamente, recebeu a censura do norueguez, e, finalmente, fez voto de não tornar nunca mais a tentar de mão armada contra vossa magestade. N'este ponto o velho norueguez, cheio de alegria, concedeu-lhe tres mil corôas de pensão annual, e juntamente deu ordem para entregar os soldados recrutados por elle contra os polacos. Ao mesmo tempo pede-vos pela presente (entrega ao Rei um papel) vos digneis conceder ás suas tropas passagem livre através dos vossos dominios, com o salvo-conducto e as seguranças aqui expressas.

O REI

Sim, isto apraz-me. Leremos o despacho com mais vagar, e responderemos depois de haver reflectido. No entanto agradecemos os vossos bons serviços. Ide repousar. Esta tarde nos veremos á mesa. Sêde bem vindos entre nós.

POLONIO

Eis ahi um negocio de todo acabado. Meu senhor e minha senhora, discutir qual seja a magestade do soberano, os deveres dos vassallos, porque é que o dia é dia, a noite noite, o tempo tempo; seria perder o dia, a noite e o tempo. Por conseguinte visto que a concisão é a alma do espirito, e a prolixidade o corpo e a florescencia exterior, serei breve. Vosso filho está doido; digo doido, porque querer definir em que consiste a verdadeira loucura é estar simplesmente doido; mas deixemos isto.

A RAINHA

Mais substancia, e menos arte.

POLONIO

Minha senhora, juro que não ha a mais pequena arte. Que vosso filho está doido, é verdade,—e é verdade, que é pena—e é pena, que seja verdade. Aqui está uma figura sem senso commum. Vou dizer adeus á rhetorica, e fallar claramente. Nós concordamos em que elle está doido. Resta agora descobrir a causa d'este effeito, ou antes a causa d'este defeito, porque este effeito é o defeito de uma causa. Eis aqui o que resta a fazer, e eis aqui o resto do argumento. Pesae bem ás minhas palavras. Tenho uma filha (e tanto a tenho, que é minha) que, cumprindo com o seu dever de obediencia...—vão reparando bem!—me entregou isto. Agora meditae vós todos, e concluí. (Lê) «Ao celeste idolo da minh'alma, á bella das bellas, a Ophelia.»—Eis uma phrase má, uma phrase trivial. «Bella das bellas» é uma expressão vulgar; porém escutae:—«Que ella guarde estas linhas sobre o seu magnifico seio branco.»

A RAINHA

Como! Pois isto foi dirigido por Hamlet a Ophelia!

POLONIO

Um momento, minha senhora, eu cito textualmente:

«Duvída que no espaço os astros sejam fulgidos;
Duvída que nos ceos o sol ande ao redor;
Duvída que a verdade, emfim, seja a verdade:
Não duvides, porém, jámais do meu amor!»

«Ó querida Ophelia, não me sinto á vontade n'estes

versos, não tenho a arte de alinhar os meus suspiros, mas amo-te, oh! amo-te acima de todas as coisas, acredita-me: A ti para sempre, senhora adorada, em quanto esta machina mortal me pertencer.—*Hamlet.*» Ora eis aqui o que em sua obediencia me entregou minha filha. Confiou-me, ainda mais, todas as sollicitações que elle lhe fazia, com as particularidades da hora, dos meios e do logar.

O REI

E como acolheu ella o seu amor?

POLONIO

Que idéa fazeis de mim?

O REI

A que devo fazer, que sois um homem honrado.

POLONIO

Quizera sel-o sempre. Mas que idéa farieis de mim, se quando vi aquelle ardente amor tomar o vôo (havia dado por isso, devo confessal-o, antes que minha filha m'o revelasse), que idéa farieis de mim, vós, que idéa faria de mim sua magestade presadissima, a rainha, que está aqui presente, se, representando o papel de uma estante ou de um livro em branco, ou fazendo do meu coração complice mudo, olhasse para esse amor com olhos indifferentes? Que idéa farieis vós de mim? Nada, fui-me direito ao facto, e disse áquella menina: «O senhor Hamlet é um principe fóra da tua esphera, isso não póde ser.» E então impuz-lhe como preceito, que se sequestrasse de suas vistas, não acceitasse recados, nem recebesse presentes. O que ella fez, colhendo os fructos dos meus conselhos; e elle (para abreviarmos a historia) vendo-se repellido, possuiu-se de tristeza, depois veiu a falta de appetite, depois a insomnia, de-

pois a fraqueza, depois o delirio, e emfim, por aggravação, esta loucura que o desvaira agora, e nos cobre a todos de lucto.

O REI

Julgaes que isto seja assim?

A RAINHA

É muito provavel.

POLONIO

Quando me aconteceu — sempre quizera sabel-o — dizer positivamente: «Isto é» quando isso o não fosse?

O REI

Nunca, que eu saiba.

POLONIO (mostrando a cabeça e os hombros)

Separae isto d'isto, quando assim não seja. Com tanto que as circumstancias me guiem, descubrirei sempre a verdade, ainda que esteja escondida, pela minha salvação, no centro da terra.

O REI

Como havemos de certificar-nos do caso?

POLONIO

Sabeis, que, ás vezes, passeia aqui n'esta galeria quatro horas consecutivas.

A RAINHA

Sim, é verdade.

POLONIO

No momento em que elle ahi estiver, faço com que minha filha lhe appareça: — nós escondemo-nos detraz da tapeçaria. Vigiae a entrevista; se é certo que elle a não ama, se não é por causa do seu amor, que perdeu

a razão, que deixe eu de assistir aos conselhos d'estado, e que vá dirigir uma quinta, e governar carreteiros.

O REI

Façamos a experiencia.

(Entra Hamlet lendo)

A RAINHA

Olhae para o desventurado, como vem tão triste, e com um livro na mão.

POLONIO

Afastae-vos ambos, eu vol-o imploro, afastae-vos ambos, quero chegar-me a elle immediatamente. Dae-me plena liberdade.

(Saem o Rei, a Rainha e a comitiva)

POLONIO

Como passa o meu bom senhor Hamlet?

HAMLET

Bem, graças a Deus.

POLONIO

Conheceis-me, meu senhor?

HAMLET

Perfeitamente, perfeitamente. Sois um peixeiro.

POLONIO

Não, meu senhor.

HAMLET

Pois folgára que fosseis tão honrado como qualquer d'esses homens.

POLONIO

Honrado, meu senhor?

HAMLET

Sim, senhor. Para achar um homem honrado, pelos tempos que vão correndo, é preciso procural-o entre mil.

POLONIO

É bem verdade, meu senhor.

HAMLET

O sol, com ser um deus, produz vermes n'um cão morto, quando lhe beija o cadaver. Tendes uma filha?

POLONIO

Sim, meu senhor.

HAMLET

Não consintaes que passeie ao sol: a concepção é uma benção do ceo; mas não do modo porque vossa filha póde conceber. Amigo, tende cautela!

POLONIO

Que vindes a dizer n'isso? (Á parte) Sempre a dar-lhe com minha filha!... Todavia a principio não me reconheceu: disse-me que eu era um peixeiro. Não está em si! É verdade que na minha juventude o amor reduziu-me a um estado bem proximo d'este. Interroguemol-o ainda. (Alto) Que lêdes, meu senhor?

HAMLET

Palavras, palavras, palavras!

POLONIO

Qual é, meu senhor, a questão?

HAMLET

Entre quem?

POLONIO

Pergunto de que se trata, no que estaes lendo?

HAMLET

Calumnias, senhor! Este patife satyrico diz que os velhos tem a barba grisalha e a cara enrugada, que distillam pelos olhos alambre espesso como a gomma da ameixieira, que tem grande escassez de espirito e as pernas fracas. Tudo coisas em que eu acredito com toda a minha força e todos os meus poderes, mas que acho inconveniente, que se imprimam assim; porque vós proprio, senhor, vós terieis a mesma edade do que eu, se, como o caranguejo, podesseis andar aos recúos.

POLONIO (á parte)

Posto ser isto loucura, ha comtudo n'ella um certo nexo. (Alto) Quereis, meu senhor, deixar estes ares?

HAMLET

Quê? para o tumulo?

POLONIO

Realmente, no tumulo não ha ar... (Á parte) Como estas replicas são, ás vezes, cheias de bom senso! Felizes replicas que tem a loucura, e a que não chega tanto a tempo a propria razão. Vou deixal-o, e combinar immediatamente os meios de uma entrevista entre elle e minha filha. (Alto) Meu illustre senhor, vou pedir-vos humildemente licença para me retirar.

HAMLET

Não podieis pedir-me coisa de que eu prescindisse de melhor vontade, excepto da minha vida, excepto da minha vida, excepto da minha vida!

POLONIO

Adeus, meu senhor.

HAMLET

São fastidiosos estes velhos tontos!

(Entram Rosencrantz e Guildenstern)

POLONIO

Procuraes o senhor Hamlet: eil-o aqui.

ROSENCRANTZ

Que Deus vos guarde, senhor.

(Polonio sae)

GUILDENSTERN

Mêu illustre senhor.

ROSENCRANTZ

Meu carissimo senhor.

HAMLET

Meus bons, meus excellentes amigos! Como vaes tu, Guildenstern! Ah! Rosencrantz! Bravos moços, como ides vós?

ROSENCRANTZ

Como a maior parte da gente d'este mundo.

GUILDENSTERN

Felizes, sem querer isto dizer que sejamos felicissimos. Não somos o penacho do chapeo da fortuna.

HAMLET

Nem tão pouco a solla dos seus sapatos?

ROSENCRANTZ

Nem uma, nem outra coisa.

HAMLET

Então viveis proximo da sua cintura, no centro dos seus favores.

GUILDENSTERN

É verdade, somos os seus amigos intimos.

HAMLET

No centro dos seus favores? Oh! nada mais certo do que ella ser uma meretriz. Que novas temos?

ROSENCRANTZ

Nenhuma, meu senhor, senão que o mundo se tornou virtuoso.

HAMLET

Então está proximo o dia de juizo; mas a vossa novidade não é verdadeira. Permitti que vos faça uma pergunta: que ultrage fizestes á fortuna para que ella vos mandasse para aqui presos?

GUILDENSTERN

Presos, meu senhor?

HAMLET

Sim. A Dinamarca é uma prisão.

ROSENCRANTZ

N'esse caso o mundo tambem não é outra coisa.

HAMLET

Uma vasta prisão, na qual ha muitas cellulas, enxovias e torres. A Dinamarca é uma das peiores.

ROSENCRANTZ

Não somos d'essa opinião, meu senhor.

HAMLET

É que n'esse caso a Dinamarca não é uma prisão para vós, porque o mal e o bem não existem senão na opinião de cada um. Para mim é uma prisão.

ROSENCRANTZ

Seja. Visto isso foi a vossa ambição que assim a converteu: o vosso espirito deve sentir-se muito apertado n'ella.

HAMLET

Oh! Deus! Eu poderia estar encerrado em uma casca de noz, e julgar-me como rei de um espaço infinito, se não tivera maus sonhos.

ROSENCRANTZ

Esses sonhos são justamente a ambição; porque toda a substancia da ambição não é mais do que a sombra de um sonho.

HAMLET

Um sonho não é por si mesmo senão uma sombra.

ROSENCRANTZ

É verdade, e eu tenho a ambição por coisa tão aerea e tão leve, que a não julgo senão a sombra de um sonho.

HAMLET

N'esse caso os nossos mendigos são corpos, e os nossos monarchas e os nossos heroes desmesurados, as sombras dos nossos mendigos. Quereis que entremos na côrte?—porque, francamente, não estou em veia de discutir.

ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN

Acompanhar-vos-hemos.

HAMLET

Não se trata d'isso, não vos quero confundir com o resto dos meus serviçaes; porque, palavra de homem de bem, estou terrivelmente acompanhado. Ora, vamos, fallando com a semceremonia da boa amisade, que viestes fazer a Elsenor?

ROSENCRANTZ

Ver-vos, meu senhor. Não houve outro motivo.

HAMLET

Na minha qualidade de mendigo, até sou pobre em agradecimentos; mas nem por isso vos agradeço menos, e asseguro-vos, meus caros amigos, que os meus agradecimentos são muito caros por um ceitil. Mandaram-vos buscar, ou viestes espontaneamente, de motu-proprio? Vamos, sêde francos comigo: fallae.

GUILDENSTERN

Que podemos nós dizer-vos, meu senhor?

HAMLET

Seja o que fôr, pouco importa. Quem responde á minha pergunta? Mandaram-vos chamar. Tendes nos olhos como uma especie de confissão, que a vossa candura não tem a arte de disfarçar.

ROSENCRANTZ

Com que fim, meu senhor?

HAMLET

É o que é preciso que me digam. Ah! deixae-me implorar-vos: pelos direitos da nossa camaradagem, pela harmonia da nossa juventude, pelos deveres da nossa

amisade, sempre constante, por quanto outro orador eloquente podesse invocar de mais terno, sêde lisos e francos comigo. Mandaram-vos chamar? Sim, ou não?

ROSENCRANTZ (para Guildenstern)

Que devemos responder?

HAMLET (á parte)

Andae, que vos não perco de vista. (Alto) Se sois meus amigos, não me occulteis nada.

GUILDENSTERN

Meu senhor, mandaram-nos chamar.

HAMLET

Eu vos digo porquê. D'este modo os meus presentimentos anticipam as vossas declarações, e a vossa discrição para com o rei e rainha não desmerecem nada de seu primor. Eu, ha pouco, não sei a que attribuil-o, perdi toda a minha alegria, renunciei aos meus exercicios predilectos, e, na verdade, tudo pésa de tal modo sobre o meu animo, que a terra, esta bella creação, parece-me um promontorio esteril; o ceo, esse docel esplendido, — olhae, — esse magnifico firmamento, essa abobada magestosa, constellada de chammas de oiro, pois bem, affigura-se-me um montão de vapores pestilentes! Que primor de arte é o homem! Como é nobre em sua razão! infinito em suas faculdades! em sua força e seus movimentos como é expressivo e admiravel! Pela acção, semelhante ao anjo! pelo pensamento, semelhante a Deus! É a maravilha do mundo! O animal ideal! E, todavia, o que é a meus olhos esta quinta essencia do pó? O homem não tem encantos para mim, nem a mulher tampouco, embora o esteja negando o vosso sorriso.

ROSENCRANTZ

Meu senhor, tal intenção não estava no meu espirito.

HAMLET

Então porque vos ristes, quando eu disse: O homem não tem encantos para mim?

ROSENCRANTZ

É que eu dizia comigo, meu senhor, que, visto o homem não ter encantos para vós, magro acolhimento farieis aos comediantes, que ajustámos no caminho para virem aqui offerecer-vos os seus serviços.

HAMLET

O que representar o papel de rei seja bemvindo. Sua magestade póde contar com o meu tributo. O cavalleiro andante terá o florete e o escudo. O galã não ha de suspirar de graça. O personagem lugubre terminará em paz a sua parte. O histrião fará rir aquelles a quem a tosse secca produz cocegas nos pulmões, e a princeza exprimirá livremente a sua paixão, embora o verso branco tenha de ser estropeado... Quem são os comicos?

ROSENCRANTZ

Aquelles mesmos que vos deliciavam tão frequentemente; os tragicos da cidade.

HAMLET

Porque circumstancia se tornaram ambulantes? Uma residencia fixa, tanto para a honra, como para os interesses, ser-lhes-hia mais vantajosa.

ROSENCRANTZ

Creiu que lhes foi prohibida em consequencia da ultima innovação.

HAMLET

Continuam a ser tão estimados, como no tempo em que estavam na cidade? Teem tanta concorrencia?

ROSENCRANTZ

Não, realmente, não.

HAMLET

De que provirá isso? Entrarão elles a decair?

ROSENCRANTZ

Não, o seu zelo não esmorece; mas, como deveis saber, appareceu-nos, de repente, uma ninhada de creanças apenas saidas da casca, que recitam todas no mesmo tom esganiçado, e são applaudidas com furor por isso. Estão agora na moda: fazem tal alarido contra os theatros ordinarios (é assim que lhes chamam) que muita gente que traz espada á cinta tem medo das pennas de pato e não se atreve a lá ir.

HAMLET

Como, pois são creanças? Quem os mantem? d'onde recebem a sua parte? Não continuarão o officio, quando mudarem de voz? E se para o futuro se tornarem comicos de profissão (o que é muito provavel não tendo outros meios), não dirão que os auctores da sua companhia tiveram grande culpa em os levar a difamar o seu futuro ganha pão?

ROSENCRANTZ

Realmente ha muito que dizer de ambas as partes, e o povo não perde lanço de provocar a desordem. Houve tempo em que as peças não davam dinheiro, a menos que todos os rivaes, poetas e comediantes, não viessem ás mãos.

HAMLET

É possivel?

GUILDENSTERN

Tem já havido muitas cabeças amachucadas.

HAMLET

E são as creanças, que levam a melhor?

ROSENCRANTZ

Sim, meu senhor. Levam Hercules e o seu mundo.

HAMLET

Não é muito para admirar. Aqui está, meu tio é rei de Dinamarca: pois bem, aquelles que lhe torciam o nariz em vida de meu pae, dão agora vinte, quarenta, cincoenta e cem ducados pelo seu retrato em miniatura. Aqui ha o que quer que seja sobrenatural! Se a philosophia podesse explical-o!

(Sentem-se trombetas fóra)

GUILDENSTERN

São os actores que chegaram.

HAMLET

Meus senhores, sêde bem vindos a Elsenor. A vossa mão. Aproximae-vos. Os deveres da hospitalidade são a cortesia e a polidez. Deixae-me desempenhar comvosco d'estes deveres com todas as regras, para que a minha cordialidade com os comediantes, que, devo confessar-vol-o, ha de ser nobremente ostensiva, não pareça que ultrapassa aquella que vos testemunho. Bem vindos sejaes; mas o meu tio que é meu pae, e a minha mãe que é minha tia, estão em erro.

GUILDENSTERN

Em quê, meu presado senhor?

HAMLET

Eu não sou doido, senão quando corre o vento noroeste; em estando o vento sul, distingo perfeitamente um falcão de uma garça real.

(Entra Polonio)

POLONIO

Salvè, meus senhores!

HAMLET

Escutae, Guildenstern; (a Rosencrantz) e vós tambem; por ouvido um ouvinte. Este menino grande que estaes vendo ahi, ainda não saiu das faxas.

ROSENCRANTZ

Talvez voltasse, porque dizem que o velho é creança pela segunda vez.

HAMLET

Prophetiso-lhes que vem para me fallar dos comediantes. Attenção!... Tendes razão, é effectivamente segunda feira de manhã...

POLONIO

Meu senhor, tenho uma nova a dar-vos.

HAMLET

Meu senhor, tenho uma nova a dar-vos. No tempo em que Roscio era actor em Roma...

POLONIO

Os actores acabam de chegar aqui, meu senhor.

HAMLET

Ah! Ah!

POLONIO

A minha palavra.

HAMLET

Então vem cada actor em cima do seu burro.

POLONIO

São os melhores actores do mundo, para a tragedia, comedia, drama-historico, pastoral, comedia-pastoral, pastoral-historica. Peças sem divisão, ou poemas sem limites. Com elles, Seneca não parece muito pesado, nem Plauto muito leve. Para conciliar as regras com a liberdade não tem rivaes.

HAMLET

«Oh! Jephté, juiz de Israel» que thesoiro tinhas tu!

POLONIO

Que thesoiro tinha elle, meu senhor?

HAMLET

Ah!...

«Uma filha bella e unica
Que amava do coração.»

POLONIO (á parte)

Sempre a minha filha!

HAMLET

No que digo, não estou eu na verdade, velho Jephté?

POLONIO

Se me chamaes Jephté é por que tenho uma filha, que amo do coração.

HAMLET

Não, isso não se segue.

POLONIO

Que é então que se segue, meu senhor?

HAMLET

Bem!...

«Mas o porque Deus o sabe.»

E o resto lembrae-vos:

«Deu-se o que já se previa.»

A primeira estancia d'esta lamentação dir-vos-ha muito mais; porém olhae, aqui está, o que me obriga a abreviar. (Entram quatro ou cinco comediantes) Sêde bem vindos, mestres, todos muito bem vindos. (A um d'elles) Olha, este velho amigo! Como a tua cara se carregou desde que te não vejo. Vens a Dinamarca para me fazer a barba? E vós, minha joven dama, minha princeza. Por Nossa Senhora, vossa graça, desde que a não vejo, aproximou-se do ceo, de toda a altura de um tamanco venesiano. Praza a Deus que a vossa voz, como a moeda de oiro que não tem curso, não venha a falhar no circulo da vossa garganta. Mestres, todos vós fostes muito bem chegados. Depressa á obra, como os falcoeiros francezes, e atiremo-nos sobre a primeira coisa que appareça. Já um rasgo. Vamos, venha uma amostra do vosso talento; vamos, um fragmento apaixonado! (Ao primeiro comediante) Eu ouvi-te uma vez declamar um trecho, que nunca foi dito em scena, ou quando muito foi uma vez; porque a peça, lembra-me bem, não agradava á multidão. Era um prato de *caviar* para o paladar da populaça; mas segundo a minha opinião e a

de pessoas cujo juizo tem mais ecco do que o meu, em taes materias, a peça era excellente, bem conduzida em todas as scenas, escripta com tanto cuidado como talento. Diziam, recordo-me, que não havia bastantes condimentos no verso para tornar o assumpto saboroso, e que não se podia accusar o auctor de affectação no estylo; mas achavam a peça de um genero honesto, tão são como suave, e muito mais bello pela simplicidade, do que pelos arrebiques. Havia principalmente uma passagem, de que eu gostava: era a narração de Enéas a Dido, e com especialidade o lance em que elle falla do assassinio de Priamo. Se ainda tendes vivo na memoria esse pedaço, começae no verso... vejamos... vejamos...

«O hirsuto Pyrrho, qual leão da Hyrcania.»

Não é assim; principia por Pyrrho...

«Tinha o sanhudo Pyrrho uma armadura,
Que sombria, quaes eram seus designios,
Se assemelhava á noite, quando estava
No cavallo fatal deitado ao longo;
Mas seu aspecto, agora, horrendo e negro,
Está manchado d'um brazão mais lugubre.
Desde a cabeça aos pés todo é vermelho,
Horrivelmente tinto pelo sangue
Dos paes, das mães, dos filhos, e das filhas!
Sangue cosido e em seixos coagulado
Pelas chammas do incendio: luz terrivel
Que illumina as crueis carnificinas!
Tisnado pela raiva e pelo fogo,
Co'os olhos convertidos em carbunculos,
Como um deus infernal, o horrendo Pyrrho.»
Procura o velho Priamo.»

Agora continuae vós.

POLONIO

Por Deus, meu senhor, bem recitado, boa expressão, boa cadencia!

O PRIMEIRO COMEDIANTE

«Eis o encontra,
Sobre os gregos brandindo inuteis golpes,
Rebelde ao braço — a sua antiga espada
Fica aonde cae, indocil ao commando.
Desegual combatente, Pyrrho a Priamo
Impelle: a um lado, a outro, vae ferindo;
Mas da espada cruel o vento e os silvos
Bastam para prostrar o avô caduco.
Então Ilion inanime parece
Haver sentido aquelle golpe iniquo.
Das altas, abrasadas eminencias,
Ella se abate sobre a sua base.
Esse tumulto horrendo fere e atroa
Os ouvidos de Pyrrho. N'isto a espada,
Que ia a cair sobre a cabeça branca
Do veneravel Priamo — suspende-se,
E Pyrrho fica immovel, qual nós vemos
Um tyranno em pintura. Conservando-se
Neutral entre o desejo e a sua obra
Nada faz.
Mas do modo que vemos muitas vezes,
Ao chegar a tormenta, as nuvens quêdas,
O silencio no ceo, sem voz o vento,
Muda no seio, como a morte, a terra,
E, de repente, um horrido relampago
Rasgar o ceo, assim tambem passado
Um breve instante, a furia vingadora
Pyrrho ao combate novamente impelle,
E jámais na armadura de Mavorte
Com mais furor cairam os martellos,
Dos Cyclopes forjando a eterna tempera,

Do que de Pyrrho a sanguinosa espada
Sobre Priamo ancião.
Basta, basta — ó fortuna prostituta!
E vós, ó deuses, todos reunidos
Em synodo geral, tirae-lhe o mando.
Da sua roda desfazei-lhe os raios.
Quebrae tambem as cambas, atirando
O seu cubo redondo lá dos pincaros
Do ceo para a profunda dos demonios.»

POLONIO

É muito comprido.

HAMLET

Havemos de mandal-o ao barbeiro juntamente com a tua barba. Continúa; peço-te: a elle o que lhe apraz é uma dança grotesca ou uma historia obscena, senão adormece. Continúa: chega áquella passagem de Hecuba.

O PRIMEIRO COMEDIANTE

«Mas quem viu a rainha embiocada...»

HAMLET

A rainha embiocada!

POLONIO

Está bem, a *rainha embiocada* fica bem.

O PRIMEIRO COMEDIANTE

«Ir descalça, a correr por entre o incendio
Que ameaçava apagar nas proprias lagrimas,
Co'um farrapo na fronte onde brilhava
Outr'ora um diadema, e por vestido,
Sobre os flacidos rins, demais fecundos,
Uma coberta que apanhara á pressa
Nos rebates do susto, quem a visse

Com a lingua envenenada declarara
A fortuna traidora. Mas se os deuses,
A vissem no momento em que ella via
Pyrrho saciar-se no prazer cruento,
De cortar a pedaços, com a espada,
O corpo ao seu esposo, e se escutassem
O grito lacerante que soltara,
(A menos que nos ceos jámais produzam
A minima impressão coisas do mundo)
Tirar devera, aos olhos refulgentes
Dos ceos, amargo pranto, e aos proprios deuses
Encher de acompaixão.»

POLONIO

Vêde como mudou de côr! Tem as lagrimas nos olhos.

HAMLET

Basta; far-te-hei recitar o resto em breve. (A Polonio) Vigiae, peço-vos, senhor, porque estes actores sejam bem tratados. Comprehendeis-me? Que tenham com elles considerações, porque são o resumo, a chronica abreviada do tempo. Mais vos valêra um mau epitaphio depois de morto, do que as suas dicacidades durante a vida.

POLONIO

Tratal-os-hei conforme os seus meritos.

HAMLET

Ora essa! amigo, muito melhor. Se fossemos a tratar cada um segundo o seu merito, quem deixaria de ser açoitado?... Não, tratae-os conforme a vossa jerarchia, a vossa propria dignidade. Quanto menos merecidas forem as vossas attenções, tanto mais a vossa benevolencia terá valia. Levae-os.

POLONIO

Vinde, meus senhores.
(Polonio sae com alguns actores)

6

HAMLET

Acompanhae-o, meus amigos, temos uma representação ámanhã. (Ao primeiro actor, a quem faz signal que fique) Escuta, velho amigo, podia representar-se o *Assassino de Gonzaga*?

O PRIMEIRO ACTOR

Sim, meu senhor.

HAMLET

Pois bem, represental-o-has ámanhã. Em caso de necessidade tens tempo para estudar uma apostrophe de doze ou quinze versos meus, que hei de intercalar na peça? Pódes, não é verdade?

O PRIMEIRO ACTOR

Sim, meu senhor.

HAMLET

Muito bem, acompanha esse senhor, e toma conta em não fazer escarneo d'elle. (Sae o actor. A Rosencrantz e Guildenstern) Meus bons amigos, vou deixar-vos até á noite. Sois sempre bemvindos em Elsenor.

ROSENCRANTZ

Meu senhor!

(Saem Rosencrantz e Guildenstern)

HAMLET

Sim, que Deus seja comvosco! Agora estou só.—Ó miseravel, escravo infame que eu sou! Não é monstruoso, que este comico, aqui, n'uma pura ficção, n'uma paixão sonhada, possa subjugar a sua alma e o seu pensamento, a ponto que todo o rosto se lhe inflamme sob essa influencia; que tenha as lagrimas nos olhos, a consternação nas feições, a voz quebrada, e todo o seu ser em harmonia de fórmas com a sua idéa?! E tudo isto

por nada,—por Hécuba. Hécuba que tem com elle? Elle que tem com Hécuba, para que chore assim sobre os seus infortunios? Que faria então se tivesse os motivos e a inspiração da dôr que eu tenho? Inundava a scena de lagrimas, despedaçava o ouvido do publico com pavorosas apostrophes, tornava loucos os culpados, e petrificava os innocentes, confundia os ignorantes, paralysava os olhos e os ouvidos do espectador pasmado. E eu, no emtanto, imbecil, alma de lama, Jam-ninguem sonhador, impotente para a minha propria causa, não tenho uma palavra,—não! nada em favor de um rei a quem empolgaram fazenda e vida tão cara, n'uma traição damnada! Sou pois um covarde? Quem me quer chamar canalha? rachar-me a cabeça de meio a meio? arrancar-me as barbas, e dar-me com ellas na cara? puxar-me pelo nariz? dizer-me que menti pela gorja, e obrigar-me a engolir a mentira até ao fundo do peito? Quem me quer fazer isto? Oh! de certo occultarei o caso. É preciso, realmente, que eu tenha o figado de uma rolla, e bastante falta de fel para tornar a injuria amarga, quando não, ha muito tempo já que teria engordado todos os milhafres do ceo com as entranhas d'aquelle patife! Sanguinario e obsceno scelerado! sem remorsos! traidor! rapinante! ignobil! Ó vingança! Que onagro sou eu! Olá!... Venham vêr quem é valente! Eu, filho do querido assassinado, eu, a quem o ceo e o inferno impellem á vindicta, limitar-me a descarregar o meu coração em palavras como uma rameira, a praguejar como uma desgarrada, como uma fregona da cosinha! Fóra!... Que vergonha!... Em campo, meu cerebro!... Eia!... Tenho ouvido dizer, que os culpados, assistindo a uma representação, teem sido, pela unica acção da scena, feridos na alma, a ponto de no mesmo instante revelarem os seus maleficios. Porque o assassinado, posto não tenha lingua, acha, para fallar

por elle, uma lingua milagrosa. Farei com que estes comediantes representem alguma coisa, que tenha analogia com a morte de meu pae—diante de meu tio. Observar-lhe-hei as feições, sondal-o-hei ao vivo: por pouco que se perturbe, sei o que tenho que fazer. O espirito que vi, podia bem ser o demonio, porque o demonio tem o poder de revestir fórmas seductoras; sim, e, talvez, abusando da minha debilidade e da minha melancolia, graças ao poder que elle exerce sobre espiritos como o meu, me enganasse, para me damnar. Quero ter provas mais directas. Essa peça é a rede com que hei de apanhar a consciencia do rei.

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO TERCEIRO

SCENA I

Outra sala no paço

Entram o Rei, a Rainha, Polonio, Ophelia
Rosencrantz e Guildenstern

O REI

E não podestes, no curso da conversação, saber d'elle proprio, porque é que apresenta tal estado de desordem, perturbando tão cruelmente a paz da sua vida com aquella demencia turbulenta e perigosa?

ROSENCRANTZ

Elle confessa que está desvairado; mas em quanto aos motivos, não ha meio de lh'os fazer declarar.

GUILDENSTERN

Não o vemos disposto a deixar-se perscrutar. Escapa-nos com maliciosa loucura, quando queremos leval-o a alguma revelação sobre o seu verdadeiro estado.

A RAINHA

Recebeu-vos amavelmente?

ROSENCRANTZ

Como um verdadeiro gentil-homem.

GUILDENSTERN

Sim, mas com animo contrafeito.

ROSENCRANTZ

Avaro de perguntas; porém quando nós lh'as faziamos, prodigo em respostas.

A RAINHA

Sondastel-o a proposito de algum passatempo?

ROSENCRANTZ

Minha senhora, o acaso fez com que no caminho encontrassemos certos comediantes: fallámos-lhe n'elles, e, a esta nova, manifestou uma especie de alegria. Estão aqui algures no palacio, e, segundo penso, teem ordem de representar esta noite diante d'elle.

POLONIO

Isso é mais que verdade; elle proprio me pediu para convidar vossas magestades a assistirem á representação da peça.

O REI

De todo o meu coração, e fico bem satisfeito de saber que Hamlet está n'essas disposições. Meus caros senhores, incitae-lhe mais ainda a vontade, e inclinae-lhe as idéas para esses prazeres.

ROSENCRANTZ

Sim, meu senhor.

(Saem Rosencrantz e Guildenstern)

O REI

Terna Gertrudes, deixae-nos agora. Nós mandámos secretamente buscar Hamlet, para que elle se encontre,

como por acaso, cara a cara com Ophelia. Seu pae e eu, espiões legitimos, collocar-nos-hemos de modo que, vendo sem ser vistos, possamos julgar claramente d'aquella entrevista, e concluir, depois d'ella, se são os desgostos do amor, que o atormentam a tal ponto.

A RAINHA

Vou obedecer-vos. E em quanto a vós, Ophelia, desejo que a vossa casta belleza seja a causa feliz da allucinação de Hamlet, porque espero, que as vossas virtudes o tragam a bom caminho para felicidade de ambos.

OPHELIA

Bem o desejava, minha senhora.

(A Rainha sae)

POLONIO

Ophelia, passeia aqui. Meu senhor e amo, se é do vosso agrado, vamos collocar-nos detraz do reposteiro. (A Ophelia) Lê n'este livro, esta apparencia de applicação é para auctorisar o estares só. Muitas vezes somos culpados n'isto; succede, não raro, com uma cara devota, um gesto piedoso, lograrmos dar mel pelos beiços ao proprio diabo.

O REI (á parte)

Oh! é a pura verdade! Que acerba azorragada deu esta palavra na minha consciencia! A face de uma prostituta, alindada por artistica empastagem, não é mais hedionda debaixo da sua capa, do que o meu attentado sob a pintura das minhas palavras! Oh! peso acabrunhador!

POLONIO

Eil-o que vem. Retiremo-nos, meu senhor.

(O Rei e Polonio occultam-se)

HAMLET (Entra)

Ser ou não ser—eis ahi a questão. Ha mais nobresa d'alma em supportar as ferroadas e frechadas da fortuna ultrajadora, ou em armarmo-nos contra um mar de dôres, e fazel-o parar, combatendo-o? Morrer... dormir, nada mais... e dizer que por este somno pomos termo aos males do coração, e ás mil torturas naturaes, que são a herança da carne, eis um desfecho que se deve ambicionar com fervor. Morrer... dormir, dormir! Talvez sonhar!—Sim, n'isto é que está a difficuldade. Quaes são os sonhos, que podem sobrevir-nos n'este somno da morte, quando nos resgatamos dos apertos da vida? Eis aqui o que nos deve conter.—É esta reflexão que importa para nós a calamidade de tão longa existencia. Quem, com effeito, quizera supportar as flagellações e os despresos do mundo, a injuria do oppressor, a humilhação da pobresa, as angustias do amor regeitado, as tardanças da lei, a insolencia do poder e as protervias que o merito resignado recebe de homens indignos, se ficavamos quites com um simples punção? Quem quizera carregar com estes fardos, resmonear e suar debaixo de uma vida acabrunhadora, se o receio de alguma coisa depois da morte, d'essa região inexplorada, d'onde viajante algum voltou, não turvasse a vontade, e nos não fizesse supportar os males, que temos, com receio de nos arremeçarmos aos que nos são desconhecidos?—É assim que a consciencia nos torna a todos em covardes; é assim, que as côres nativas de uma resolução amarellecem sob os pallidos reflexos do pensamento; é assim, que as empresas mais energicas e mais importantes se desviam de seu curso, a esta idéa, e perdem o nome de acção.—Devagar, agora! Eis a bella Ophelia... Nympha, em tuas orações lembra-te dos meus peccados.

OPHELIA

Meu bom senhor, como tem vossa alteza passado n'estes ultimos dias?

HAMLET

Bem, humildemente vol-o agradeço.

OPHELIA

Meu senhor, tenho prendas vossas, que ha muito desejava devolver-vos. Peço-vos, que as acceiteis agora.

HAMLET

Eu? não. Nunca vos dei nada.

OPHELIA

Meu senhor, bem sabeis que sim. As palavras que as acompanhavam eram feitas de um sopro tão perfumado, que tornavam essas dadivas mais ricas. Visto que perderam o seu aroma, volvei a tomal-as, porque, para um coração nobre, o presente mais valioso se torna mesquinho, quando aquelle que o faz já não ama. Aqui estão, meu senhor.

HAMLET

Ah! Ah! Sois virtuosa?

OPHELIA

Meu senhor?

HAMLET

E sois bella?

OPHELIA

Que quer dizer vossa alteza?

HAMLET

Quero dizer, que, sendo vós virtuosa e bella, não de-

veis permittir relações entre a vossa virtude e a vossa formosura.

OPHELIA

A formosura, meu senhor, póde ter melhor companheira do que a virtude?

HAMLET

Oh! se póde!—porque a formosura terá força de fazer da virtude uma alcaiota, antes que a virtude tenha poder de transformar a formosura á sua imagem. Houve tempo em que isto passou por um paradoxo, mas é hoje um facto, de que ha prova inconcussa. Eu amei-vos outr'ora.

OPHELIA

Assim m'o fizestes acreditar, realmente, meu senhor.

HAMLET

Não devieis ter-me acreditado; porque a virtude póde embora enxertar-se no nosso velho tronco: este cheira sempre ao seu terreno nativo. Eu não vos amo.

OPHELIA

Maior foi o meu engano!

HAMLET

Vae para um convento! De que serve tornares-te em ama de peccadores; eu sou regularmente virtuoso, e comtudo podia accusar-me de coisas taes, que mais valia que minha mãe me não houvesse dado á luz. Sou cheio de vaidade, vingativo, ambicioso; a um signal podia evocar mais maleficios do que pensamentos para os meditar, imaginação para dar-lhe fórma, tempo para os executar. De que serve, camaradas, como eu, andarem de rojo entre o ceo e a terra? Nós somos todos uns cha-

pados gatunos, não te fies em nenhum de nós. Vae direitinha para um convento... Onde está vosso pae.

OPHELIA

Em sua casa, meu senhor...

HAMLET

Então que se feche á chave, para que não faça o papel de parvo fóra do proprio domicilio. Adeus.

OPHELIA

Oh! valei-lhe, clemencias celestes!

HAMLET

Se te casares, dar-te-hei como dote esta verdade envenenada. Sê tão casta como o gêlo, tão pura como a neve, que ainda assim não escaparás á calumnia. Vae para um convento. Adeus, ou, se queres absolutamente casar-te, então casa-te com um sandeu, porque os homens sensatos sabem perfeitamente em que monstros vós os converteis. Para o convento, vamos, e depressa! Adeus.

OPHELIA

Poderes do ceo, tornae-o á razão!

HAMLET

Tambem tenho ouvido fallar um pouco das vossas artes em pintura. Deus deu-vos um rosto, e vós fazeis d'elle outro; dançaes, bamboleaes, tartamudeaes, cobrís de alcunhas as creaturas de Deus, deitando os vossos requebros sensuaes á conta de ignorancia. Ide, não quero mais d'estas coisas: déram comigo em doido. Declaro, nós não teremos mais casamentos; os que estão casados, viverão todos, excepto um: os outros hão de ficar como estão. Para o convento, ide!

(Hamlet sae)

OPHELIA

Oh! aqui está um nobre espirito transtornado! Do cortezão, do sabio, do soldado, tinha o olhar, a lingua, a espada! Era a esperança, a rosa d'este bello imperio, o espelho da moda e o modelo de fórmas observado por todos os observadores, agora completamente, completamente perdido! E eu, de todas as mulheres a mais afflicta e a mais miseravel; eu, que auri o mel dos seus melodiosos protestos, vêr essa nobre e soberana razão falhada e estridula como um sino rachado; vêr a fórma e a belleza incomparavel d'aquella juventude em flôr, murchada pela demencia. Oh! que desventura a minha! Ter visto o que vi, e estar vendo o que vejo!

(Entra o Rei e Polonio)

O REI

O amor? não, o seu mal não vem d'ahi; não, o que elle dizia, posto lhe faltasse nexo, não era porém a loucura. Na sua alma existe alguma coisa incubada pela tristeza. E eu receio, que do embrião venha a sair grande catastrophe. Para ter-lhe mão, eis aqui por uma decisão subita, o que resolvi:—Hamlet parte sem demora para Inglaterra, a fim de exigir o tributo que temos descurado. Talvez os mares, novos paizes com seus variados aspectos, varram do seu coração este objecto pertinaz, em que anda constantemente roçando o seu cerebro, e que o põe a tal ponto fóra de si. Que pensaes d'isto?

POLONIO

É ver bem as coisas. Todavia eu creio, que a origem e o principio do seu desgosto provém de um amor regeitado. Bem! Ophelia, não tens necessidade de nos repetir o que te disse o senhor Hamlet; nós ouvimos tudo... Meu senhor, fazei o que vos aprouver, mas se

vos parece bom, depois da peça, seria conveniente que a rainha, sua mãe, o apertasse para revelar o motivo da sua tristesa. Que lhe falle abertamente, e eu, com vossa licença, collocar-me-hei a distancia de poder ouvir tudo. Se ella não chegar a descobrir o segredo, enviae-o para Inglaterra, ou para o logar que a vossa prudencia haja de escolher.

O REI

Far-se-ha assim. A loucura dos grandes não póde andar sem ser vigiada.

SCENA II

A grande sala do paço

Entram HAMLET e muitos comediantes

HAMLET

Peço-te que digas aquelle trecho com voz natural, como eu o recitei diante de ti; porque se me entras a vozear, como fazem muitos dos nossos actores, n'esse caso prefiro que os meus versos sejão repetidos pelo pregoeiro da cidade. Não serres tanto o ar com o braço; usa de todos os movimentos com sobriedade; porque no meio da torrente, da tempestade, e, posso dizer, do turbilhão das paixões, deves moderar-te sempre de fórma que não caias no exagêro. Oh! não ha nada que me chegue ao vivo, como é vêr um alentado maganão, de cabelleira desgrenhada, esfarrapar uma paixão, escorchar os ouvidos da galeria, que, ordinariamente, só dá apreço a pantomimas, que se não entendem, e ao barulho. Quizera mandar açoitar esses taes, que exa-

geram os mata-moiros, e carregam Herodes sobre Herodes.

O PRIMEIRO COMEDIANTE

Eu vol-o prometto, meu senhor.

HAMLET

Não vás tão pouco ser demasiado frio, é preciso que o teu proprio bom senso te sirva de guia. Põe sempre a acção em harmonia com a palavra, a palavra em harmonia com a razão, mirando principalmente a não violar nunca a natureza, porque toda a exageração se desvia do fim do theatro, que, desde a sua origem até hoje, teve e tem ainda por objecto ser o espelho da natureza, mostrar as virtudes com as suas proprias feições, a infamia com a sua propria imagem, e dar até aos tempos a sua fórma, a sua physionomia na personificação do passado. Agora, se a expressão é exagerada ou fraca póde, embora, fazer rir o ignorante, mas ha de decerto desagradar ao homem judicioso, cuja critica tem, deves convir, mais peso do que uma salla inteira. Oh! eu vi representar actores, e ouvi gabal-os em publico, quando não tinham, nem a pronuncia, nem a estatura de um christão, de um pagão, de um homem! Inchavam-se e urravam de tal modo que, para não offender a Deus, tive-os sempre como dados á luz por um jornaleiro da natureza, que pretendendo fazer homens, falhasse na obra, e produzisse uma abominavel contrafacção da humanidade.

O PRIMEIRO COMEDIANTE

Parece-me que temos reformado isso, até certo ponto, entre nós.

HAMLET

Oh! reformae-o completamente. Aquelles que representarem a parte de histrião, que não digam nada além

do que está escripto no papel; porque ha alguns que entram a rir de si proprios, para provocar a hilaridade de um certo numero de espectadores ineptos, no momento em que se deveria notar alguma situação essencial da peça. É indigno, e mostra a mais deploravel pretenção da parte do jocoso, que tem esse costume.

(Saem os actores. Entram POLONIO, ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN)

HAMLET

Então, meu senhor, el-rei quererá vêr este primor de arte?

POLONIO

E a rainha tambem, e já.

HAMLET

Dizei aos actores que se apressem. (A ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN) Fazei o favor de accelerar os preparativos.

ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN

Sim, meu senhor.

(Saem)

HAMLET

Olá, Horacio!

HORACIO

Aqui estou, meu senhor, ás vossas ordens.

HAMLET

De quantos em minha vida tenho tratado de perto, Horacio, tu és por excellencia o homem justo.

HORACIO

Oh! meu querido senhor!

HAMLET

Não, não cuides que te lisongeio. Que vantagens posso

esperar de ti, que não tens outros haveres mais do que o teu bom humor para te sustentar e te vestir? De que serve lisongear os pobres? Não,—que uma lingua assucarada lamba a pompa estupida, que as juntas flexiveis do joelho se dobrem, aonde possa haver proveito em bajular. Entendes? Depois que a minha alma affectiva foi senhora de escolher, e pôde escolher, a sua predilecção escolheu-te para si, porque tu foste sempre um homem que soubeste soffrer tudo, como se não soffresses nada; um homem a quem os repellões, ou as caricias da fortuna tem achado sempre rasoavel. Bemaventurados aquelles, em quem o temperamento e o juizo andam tanto de accordo. Não são sob os dedos da fortuna uma flauta, que vibra pelos buracos que ella quer. Dae-me o homem que não é escravo da paixão, e trazel-o-hei no fundo do meu coração, sim, no coração do meu coração, como te trago a ti... Basta sobre este ponto. Representa-se esta noite, diante do rei, uma peça, em que ha uma scena, que faz lembrar muito as particularidades, que eu te contei, sobre a morte de meu pae. Peço-te, quando vires esse acto em caminho, que observes meu tio com toda a concentração da tua alma. Se o seu crime occulto não deixa escapar um só grito do fundo do seu covil, o que nós vimos não é senão um espectro infernal, e as minhas imaginações são tão negras como a incude de Vulcano. Segue-o com attenção profunda. Emquanto a mim, hei de pregar os meus olhos no rosto d'elle, e depois juntaremos os nossos juizos, para decidir sobre o que elle deixar entrever.

HORACIO

Está bem, meu senhor. Se, todavia, durante a representação, elle me esconder um só movimento, e se esse movimento escapar ás minhas pesquizas, que eu seja responsavel pelo roubo.

HAMLET

Eil-os que vem vêr a peça. É preciso que eu mostre ares de quem anda divagando. (A HORACIO) Vae tomar logar.

(Marcha, dança, trombetas)

(Entra o REI, a RAINHA, POLONIO, OPHELIA, ROSENCRANTZ, GUILDENSTERN e outros)

O REI

Como passa o nosso primo Hamlet?

HAMLET

Palavra que perfeitamente. Vivo do prato do camaleão: sustento-me do ar, e engordo-me com promessas. Vós não podieis sustentar d'este modo os vossos capões.

O REI

Essa resposta não se dirige a mim, Hamlet; eu não entro em nada nas vossas palavras.

HAMLET

Nem eu, nada tenho com ellas. (A POLONIO) Meu senhor, dissestes-me que havieis representado em tempo na universidade?

POLONIO

Sim, meu senhor, e passava por bom actor.

HAMLET

E que representastes?

POLONIO

Representei Julio Cesar, fui morto no Capitolio. Foi Bruto quem me matou.

HAMLET

Era um acto de bruto matar um bezerro tão capital. Os actores estão promptos?

ROSENCRANTZ

Sim, meu senhor, esperam as vossas ordens.

A RAINHA

Vinde cá, meu querido Hamlet. Sentae-vos ao pé de mim.

HAMLET

Não, minha boa mãe. (Mostrando Ophelia) Aqui está um metal mais attractivo.

POLONIO (ao Rei)

Oh! Oh! notaes isto?

HAMLET (deitando-se aos pés de Ophelia)

Minha senhora, posso reclinar a cabeça entre os vossos joelhos?

OPHELIA

Não, meu senhor.

HAMLET

Quero dizer, sobre os vossos joelhos.

OPHELIA

Sim, meu senhor.

HAMLET

Pensaes que eu teria na mente alguma idéa grosseira?

OPHELIA

Nada penso, meu senhor.

HAMLET

É uma idéa natural jazermos no regaço de uma rapariga.

OPHELIA

O que, meu senhor?

HAMLET

Nada.

OPHELIA

Estaes alegre, meu senhor.

HAMLET

Quem, eu?

OPHELIA

Sim, meu senhor.

HAMLET

Oh! que sou eu senão o vosso farçante. Que melhor coisa póde fazer um homem n'este mundo, do que estar alegre? Olhae, vêde como minha mãe está alegre, e ha apenas duas horas que meu pae morreu!

OPHELIA

Não, meu senhor, ha duas vezes dois mezes.

HAMLET

Tanto tempo? Oh! então que o diabo se vista de lucto; eu por mim quero trajar de encarnado. Ó ceos, morto ha dois mezes, e ainda não esquecido! Temos então esperança, que a memoria de um grande homem lhe sobreviva seis mezes. Mas para isso, por Nossa Senhora, é preciso que elle construa uma boa porção de egrejas, sem o que sujeitar-se-ha a ser esquecido como o cavallo de pau, de que vós sabeis o epitaphio.

«Ai de mim! ai de mim! foi esquecido
o cavallo de pau.»

Tocam as trombetas, começa a representação.—Entram um rei e uma rainha com um ar muito namorado; conservam-se abraçados. A rainha ajoelha, e faz ao rei muitos gestos de juras. Elle levanta-a, pende a cabeça sobre o seu hombro; deita-se sobre um banco coberto de flores. Ella, vendo-o adormecido, abandona-o. Então apparece um personagem, que lhe tira a corôa, beija-a, deita veneno no ouvido do rei, e sae. A rainha volta, vê o rei morto, e mostra todos os signaes de desesperó. O envenenador faz a côrte á rainha, dando-lhe presentes. Ella durante algum tempo parece ter repugnancia e má vontade, mas acaba por acceitar o seu amor.—Saem.

OPHELIA

Que quer dizer isto, meu senhor?

HAMLET

Por Deus, é uma embuscada infame, que quer dizer crime.

OPHELIA

Esta pantomima indica provavelmente o assumpto da peça.

(Entra o Prologo)

HAMLET

Nós o saberemos por estes camaradas. Os comicos não podem guardar um segredo; hão de dizer tudo.

OPHELIA

Dir-nos-hão o que significa esta pantomima!

HAMLET

Sim, e todas as pantomimas que vós lhes fizerdes vêr. Mostrae-lhes sem pejo, seja qual fôr, que elles vol-a explicarão sem vergonha.

OPHELIA

Sois malevolo, sois malevolo. Eu quero seguir a peça.

O PROLOGO

«Para nós e tambem para a tragedia,
Curvados a vosso animo clemente,
Vos imploramos attenção paciente.»

HAMLET

Isto é um prologo, ou a divisa de um annel.

OPHELIA

É breve, meu senhor.

HAMLET

Como o amor de uma mulher.

(Entram no 2.º theatro o Rei e a Rainha da peça)

O REI DA PEÇA

«Deu o carro de Phebo trinta vezes
A volta da bacia de Neptuno,
Do vasto imperio onde domina Tellus,
E tambem trinta vezes doze luas,
Com a luz emprestada illuminaram
No mundo trinta vezes doze noites,
Desde que amor juntara nossas almas,
Nossas mãos o hymeneu em laços mutuos.

A RAINHA DA PEÇA

Oxalá que o poder do sol e a lua
Possam fazer com que ainda contemplemos
Por outras tantas vezes o seu rosto,
Antes que o nosso amor venha a acabar-se!
Porém, ai! ai! de mim! andaes ha tempo
Tão triste, tão enfermo, tão mudado,
Que me sinto tremer! Senhor, comtudo
Que a minha inquietação vos não perturbe.
Na mulher os affectos e a anciedade

São eguaes em medida—ou ambos nullos,
Ou então, como agora, ambos extremos.
O que é o meu amor sabeil-o ha muito:
Anda a par sempre amor com os receios,
E onde crescem os maximos receios
Crescem tambem os maximos amores.

O REI DA PEÇA

Meu amor, realmente é necessario
Que me aparte de ti em breve espaço,
Por que as minhas activas faculdades
Negam-se a funccionar. Serás de certo
Apoz mim n'este mundo respeitada,
Adorada, e talvez que qualquer outro
Tão bom como eu um dia se apresente
Por esposo e que tu...

A RAINHA DA PEÇA

Poupa-me o resto:
Um tal amor em mim traição seria;
Maldita eu seja n'um segundo esposo.
Nenhuma desposou jámais segundo
Sem ter assassinado o seu primeiro.

HAMLET

Absintho! isto é que é absintho!

A RAINHA DA PEÇA

«Motivos que dão causa a novas nupcias
Provém do int'resse vil e não do affecto.
Outra vez dou a morte a meu esposo
No instante em que me beija no meu leito
Um segundo marido.

O REI DA PEÇA

Estou seguro
Que pensas realmente, em quanto dizes,
Porém, por muitas vezes nós quebramos

As nossas decisões. Todo o proposito
Escravo é da memoria, produzido
Com força, porém pouco duradoiro.
Emquanto é fructo verde adhere ao ramo:
Mas em maduro cáe sem que o sacudam.
Nada mais natural do que olvidarmos
Pagar o que a nós proprios nos devemos.
O que emquanto a paixão a nós impomos
Terminada a paixão já nos não prende.
As dôres e o prazer mais violento
Destroem seus decretos destruindo-se.
Onde tem mais sorrisos a alegria
Tem mais prantos a dôr. Por qualquer cousa
O jubilo entristece, e a dôr se alegra.
Não é eterno o mundo, e não admira
Mudar d'amor, mudando de fortuna;
Porque é ponto em questão não decidido
Se amor traz a fortuna ou vice-versa.
Um grande vae ao chão—foram-se os aulicos;
Surge á opulencia um pobre—os inimigos
Tornaram-se em amigos. Até hoje
Tem seguido o amor sempre a fortuna.
Quem possue, não lhe faltam nunca amigos.
Aquelle que precisa e se soccorre
Ao coração vasio d'um amigo,
Em inimigo o torna in-continente.
Mas para terminar d'um modo logico
No ponto onde parti, nossos desejos
E os nossos fados correm de tal modo
Em sentido diverso, que destroem
Os nossos planos sempre. Os pensamentos
São nossos, mas seu fim não nos pertence.
Protestas nunca mais ter outro esposo,
Morra porém o teu senhor primeiro,
Tuas idéas morrerão com elle.

A RAINHA DA PEÇA

Que me recuse a terra os alimentos

O ceo a sua luz. Descanço e jubilo
Me venham a falhar de noite e dia,
Que a esperança e a fé subitamente
Se transformem em mim no desespero,
Que tenha de viver dentro d'um carcere;
Seja o do anachoreta o meu sustento,
Que todos os revezes que desbotam
A face da alegria, se defrontem
Com meus caros desejos, e os destruam,
Que n'este e n'outro mundo adverso fado
Haja de perseguir-me eternamente,
Se viuva uma vez casar de novo.

HAMLET a Ophelia

Se ella vem a quebrar este protesto!

O REI DA PEÇA

Eis aqui um profundo juramento!
Deixa-me, ó cara, por alguns instantes
Cae-me pesada a fronte—de bom grado
Illudira os enfados d'este dia
Pelo somno.

A RAINHA DA PEÇA

Que o somno brandamente
Embote os teus sentidos, que a desgraça
Jámais venha a metter-se entre nós ambos.

HAMLET

Minha senhora, como acha a peça?

A RAINHA

Parece-me que a dama faz demasiados protestos.

HAMLET

Oh! com tanto que os cumpra!

O REI

Conheceis o assumpto da peça? É todo inoffensivo?

HAMLET

Sim, sim! fazem tudo isto para rir: veneno para rir! Tudo inoffensivo!

O REI

Que nome daes á peça?

HAMLET

A ratoeira. Ora!... por metaphora já se vê. Esta peça é o quadro de um homicidio commettido em Vienna. O duque chama-se Gonzaga; a mulher—Baptista. Ides vêr. É um primor d'arte de infamia; mas que importa? Vossa magestade e eu temos a consciencia livre; não nos diz respeito. Que os sendeiros, a quem isto arrancar a pelle, escouceiem; a nós não nos toca na espinha dorsal. (Entra no 2.º theatro LUCIANO) Este é um certo Luciano, sobrinho do rei.

OPHELIA

Substituis perfeitamente o côro, meu senhor.

HAMLET

Eu até poderia servir de interprete entre vós e o vosso amante, se visse gesticular os titeres.

OPHELIA

Sois pungente, meu senhor, sois pungente.

HAMLET

Um gemido vos bastaria para que eu embotasse o meu gume.

OPHELIA

Ainda melhor e peior.

HAMLET

É a desillusão que vos causam todos os maridos... Começa, assassino, deixa essas infames caretas, e principia. Vamos. «Crucita o corvo vingança.»

LUCIANO

Sinistros pensamentos, braço prompto,
A droga preparada, hora propicia,
E complice a occasião. Ninguem que veja.
Mistura infecta, extracto d'umas sarças,
Apanhadas ao dar da meia noite,
Tres vezes pervertido, e por tres vezes
Envenenado pelas pragas d'Hecate,
Que a tua energia e poder magico
Saude e vida usurpem n'um momento!

(Deita o veneno no ouvido do rei adormecido)

HAMLET

Envenena-o no jardim para lhe apanhar os dominios. Seu nome é Gonzaga. A historia é verdadeira e escripta no mais puro italiano. Ides ver, d'aqui a pouco, como o assassino captiva o amor da mulher de Gonzaga.

OPHELIA

O rei levanta-se.

HAMLET

Como? Assustado com um fogo fatuo?

A RAINHA

Que tem o meu senhor?

POLONIO

Suspendam a representação.

O REI

Tragam luz, saiamos.

TODOS

Luzes! luzes! luzes!
(Saem todos excepto HAMLET e HORACIO)

HAMLET

Sim, quando é ferido o veado
Entra a fugir e a chorar;
Emquanto o que foi poupado
Anda a saltar.
Um dorme, outra vela; emfim
Este mundo é feito assim.

Se algum dia a fortuna me der tratos de polé, não me bastará, meu caro, uma scena como esta, com a addição de uma floresta de plumas, e duas rosas de Provença nos meus sapatos golpeados, para ser acceite como camarada em uma matilha de comediantes.

HORACIO

Sim, tendo meia parte.

HAMLET

Oh! não, tendo a parte por intetro.

Tu sabes, ó Damão idolatrado,
Que este reino arrasado
A Jupiter outr'ora pertenceu,
E agora o que no reino succedeu
Não é mais... não é mais... do que um pavão.

HORACIO

Podieis ter rimado.

HAMLET

Ó meu bom Horacio, apostava mil libras sobre a palavra do phantasma. Tu notaste?

HORACIO

Perfeitamente, meu senhor.

HAMLET

Quando chegou o ponto do envenenamento...

HORACIO

Observei-o perfeitamente.

HAMLET

Ah! Ah! Vamos! um pouco de musica... vamos, venham os flautins.

Porque se o nosso rei não gosta d'esta peça,
É que não gosta; então? que duvida... Ora essa!

(Entram Rosencrantz e Guildenstern)

HAMLET (continuando)

Vamos, a musica!

GUILDENSTERN

Meu caro senhor, permitti-me que vos diga uma palavra.

HAMLET

Uma historia inteira, meu senhor.

GUILDENSTERN

O rei, senhor...

HAMLET

Ah! sim, que é feito d'elle?

GUILDENSTERN

Retirou-se singularmente incommodado.

HAMLET

Pela bebida, senhor?

GUILDENSTERN

Não, meu senhor, pela colera.

HAMLET

Darieis prova de mais avisado indo prevenir o medico; em quanto a mim se tratasse de o curar, talvez que o abysmasse em maior colera ainda.

GUILDENSTERN

Meu bom senhor, dae ás vossas phrases alguma logica, e não salteis, indomavel, á minha pergunta.

HAMLET

Eis-me domesticado, senhor, fallae.

GUILDENSTERN

A rainha, vossa mãe, na profunda affliçáo da sua alma, ordenou-me que viesse ter comvosco.

HAMLET

Sêde bemvindo.

GUILDENSTERN

Não, meu bom senhor, essa polidez é contrafeita. Se é do vosso agrado dar-me uma resposta boa, cumpri-

rei as ordens de vossa mãe: quando assim não seja, o vosso perdão e a minha volta concluem a minha missão.

HAMLET

Senhor, eu não posso...

GUILDENSTERN

O quê? meu senhor.

HAMLET

Dar-vos uma boa resposta. O meu espirito está enfermo. Mas para uma resposta, tal ou qual a posso dar, estou ás vossas ordens, ou antes, como dizeis, ás ordens de minha mãe. Visto isto, sem mais palavras, vamos ao facto: minha mãe disse-vos?...

ROSENCRANTZ

Aqui está o que ella disse: que o vosso procedimento a feriu de espanto e estupefacção.

HAMLET

Ó filho prodigioso, que assim póde assombrar sua mãe! Mas esse espanto de minha mãe não tem consequencias?... Fallae.

ROSENCRANTZ

Deseja fallar-vos no seu gabinete, antes que vos deiteis.

HAMLET

Haviamos de obedecer-lhe, fosse ella dez vezes nossa mãe! Tendes mais alguma palavra a trocar comnosco?

ROSENCRANTZ

Meu senhor, houve um tempo, em que me dedicastes a vossa estima.

HAMLET

E ainda vol-a tributo por esta gatuna e esta ladra que aqui vedes (mostrando as mãos).

ROSENCRANTZ

Meu senhor, qual é a causa que vos produz tamanha perturbação? Vós mesmo cerraes a porta ao desafogo, occultando as magoas a um amigo.

HAMLET

Preciso ser promovido.

ROSENCRANTZ

Como é tal possivel, quando a voz do proprio rei vos chama a succeder-lhe em Dinamarca?

HAMLET

Sim, senhor, «mas em quanto se espera, a herva cresce,» e até já o proverbio está um pouco bolorento. (Entram os actores cada um com o seu flautim) Ah! os flautins, oiçamos a um. (A ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN que lhe fazem signal) Que me retire comvosco? Porque seguem na minha piugada, como se me quizessem fazer cair n'uma armadilha?

GUILDENSTERN

Oh! meu senhor, se o meu zelo é demasiado atrevido, é porque a minha estima é por extremo sincera.

HAMLET

Eu não entendo bem isso. Quereis tocar n'esta flauta?

GUILDENSTERN

Meu senhor, não sei.

HAMLET

Peço-vos.

GUILDENSTERN

Não sei, asseguro-vos. Ignoro até como se toca, meu senhor.

HAMLET

É tão facil como mentir. Passae os dedos e o pollegar por estas chaves, soprae aqui com a bocca, e isto produzirá a musica mais perfeita. Vêde, aqui estão os buracos.

GUILDENSTERN

Mas eu não posso obrigar esses buracos a produzirem a minima harmonia, não tenho esse talento.

HAMLET

Pois bem! Vêde agora quão pouco fazeis de mim. Quereis obrigar-me a cantar, daes-vos ares de quem conhece as minhas chaves; quereis arrancar a alma do meu segredo, fazer com que eu vibre desde a nota mais baixa até ao vertice da gamma! E todavia este instrumentosinho, que todo elle é musica, que tem uma voz admiravel, não conseguis fazel-o fallar. Por Deus! Julgaes ser mais facil fazer-me cantar a mim do que a uma flauta? Tomae-me pelo instrumento que vos aprouver podeis atormentar-me, mas nunca obrigar-me a cantar.

(Entra Polonio)

HAMLET (continuando)

Deus vos abençõe, senhor.

POLONIO

A rainha deseja fallar-vos, e in-continenti.

HAMLET

Vêdes aquella nuvem além, que tem quasi a fórma de um camello?

POLONIO

Por Deus, dir-se-ha que é um camello, realmente?

HAMLET

Eu tomal-a-hia por uma dóninha.

POLONIO

Sim, está voltada como uma dóninha.

HAMLET

Ou como uma baleia.

POLONIO

Tal qual uma baleia.

HAMLET

Então irei ter com minha mãe d'aqui a pouco... Elles apertam com a minha razão, a ponto que está quasi a estallar a corda. Irei d'aqui a pouco.

POLONIO

Vou dar-lhe parte.

(POLONIO sae)

HAMLET

D'aqui a pouco é facil de dizer. Deixae-me, meus amigos.

(Saem ROSENCRANTZ, GUILDENSTERN, HORACIO, etc.)

HAMLET (continuando)

Eis a hora propicia ás bruxarias nocturnas, hora em que os tumulos bocejam, e o proprio inferno sopra o seu contagio sobre o mundo. Agora beberia sangue quente, e faria uma d'estas acções pungentes, que o dia não podéra olhar sem estremecer. Devagar. Ao quarto de

minha mãe. Ó meu coração, guarda a tua indole: a alma de Nero não entra n'este peito robusto. Sejamos inflexiveis, mas não desnaturados; tenhamos punhaes na voz, porém não na mão. N'este negocio que a minha lingoa e a minha alma sejão hypocritas. Quaesquer ameaças que a minha bocca profira, não consintas, ó minha alma, que sejam confirmadas pela acção.

(Sae)

SCENA III

Um quarto no castello

Entram o Rei, Rosencrantz e Guildenstern

O REI

Não gosto d'elle, e, além d'isso, não ha segurança para nós, deixando as suas loucuras á solta. É preciso que estejaes promptos. Vou immediatamente expedir a vossa commissão, e elle partirá comvosco para Inglaterra. A tranquilidade do nosso espirito é incompativel com os perigosos acasos, que podem advir a cada momento, dos seus accessos lunaticos.

GUILDENSTERN

Vamos preparar-nos. É um escrupulo religioso e sagrado, velar pela salvação das innumeras existencias, que se sustentam da vida de vossa magestade.

ROSENCRANTZ

Uma existencia insulada e particular tem de cobrir-se com toda a poderosa armadura da alma, para se forrar á desgraça; com mais razão se deve aperceber uma vida a cujo sopro estão ligadas tantas vidas. A queda de uma magestade não é a queda de um só: semelhante

ao abysmo attrae a si quanto lhe gira em volta. É uma roda collossal, fixa no vertice da mais alta montanha, roda da qual dez mil bocadinhos adaptados e juntos formam os raios gigantes; quando ella cae, todos esses fragmentosinhos, são, por uma consequencia minima, arrastados no vortice fatal. Um rei não solta jámais um suspiro, que o não acompanhe o gemido de um povo inteiro.

O REI

Fazei os vossos preparativos para esta urgente viagem. É ter mão n'este espantalho, que vae agora caminhando a largos passos.

ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN

Vamos sem demora.

(Saem)

POLONIO

Elle vae para o quarto de sua mãe,—eu vou-me esconder atraz da tapeçaria, para ouvir a conversação. Sei que ella ha de apertal-o deveras; mas, como vós dissestes, e com muito acerto, é bom que outros ouvidos, que não os de mãe, porque a naturesa faz com que as mães sejam parciaes, apanhem essas preciosas revelações. Adeus, meu suzerano. Irei ver-vos, antes que vos recolhaes, para dizer-vos o que souber.

O REI

Obrigado, meu caro senhor. (Polonio sae) Oh! o meu crime fermenta e inficiona o proprio ceo: traz comsigo a primeira, a mais antiga maldição, a do fratricida! Não posso rezar, posto que o desejo me impelle a fazel-o com tanta vehemencia como a vontade: o meu crime é mais forte do que a minha intenção. Como o homem obrigado a dois deveres, páro, não sabendo por qual d'elles principiar, e descuro ambos. Oh! quando sobre

esta mão maldita o sangue fraterno houvesse formado uma camada tão espessa, como ella propria, não haveria bastante chuva nos ceos clementes, para tornal-a branca como a neve? De que serve a religião, se não é para affrontar o rosto do crime? Que ha na prece, a não ser a dupla virtude de nos ter mão na queda, ou de nos alcançar o perdão depois d'ella? Ergamos os olhos; o meu crime passou. Oh! mas qual é a fórma da prece que póde convir á minha situação? «Perdoae-me o meu assassinio hediondo?»... Assim é impossivel, porque estou ainda de posse dos objectos que me levaram ao crime; a minha corôa, o meu poderio, a minha mulher. Podemos ser perdoados sem reparar a offensa? Nos caminhos corrompidos d'este mundo, a mão dourada do crime, póde torcer a justiça, e tem-se visto muita vez o ganho criminoso servir para comprar a lei. Mas não succede assim lá em cima; lá não ha chicanas; lá a acção prosegue em toda a sua sinceridade, e somos obrigados, ainda que as nossas faltas desmascaradas mostrassem os dentes, a fazer o nosso depoimento. Que me resta ainda? Experimentar o arrependimento? O que não póde elle? Mas, tambem, que póde para aquelle que se não póde arrepender? Ó situação miseravel, consciencia negra como a morte! Ó pobre alma enredada, que quanto mais te debates, mais te illaquêas. Acudi-me, anjos, fazei um esforço! Dobrae-vos, joelhos inflexiveis. E tu, coração, que as tuas fibras de aço se tornem tenras como os nervos de um recemnascido! Possa tudo acabar em bem!

(Põe-se de joelhos. Entra HAMLET)

HAMLET

Maõs á obra! Está agora justamente rezando! Sim, maõs á obra! Mas então vae direito para o ceo... É d'este modo que eu fico vingado? Pensemos bem. Um mise-

ravel mata meu pae, e eu, o seu filho unico, mando este miseravel para o ceo! É um favor, uma recompensa, não uma vingança. Elle assaltou meu pae, ao findar de um festim, brutalmente, quando seus peccados desabrochados eram frescos como o mez de maio. E quem sabe, á parte o ceo, quaes as culpas que sobre elle pezam? Pelos nossos dados e conjecturas, devem ser acabrunhadoras. Seria pois vingar-me apanhar este no momento, em que purifica a sua alma, quando está em termos, e preparado para a viagem? Não; tem-te, minha espada. Reserva-te para um golpe mais horrivel; quando elle estiver só e adormecido, ou em colera, ou nos prazeres incestuosos do seu leito — ou em occasião de jurar ou de praguejar — ou de fazer uma acção qualquer, que não concorra nada para a salvação. Então é que é viral-o de modo que os calcanhares espinoteiem para o ceo, e que a sua alma esteja tão damnada, tão negra, como o inferno onde se precipitará. Minha mãe espera-me. (Volta-se para o Rei) Este palliativo não serve senão para prolongar teus dias enfermos!

O REI (levanta-se e caminha)

As minhas palavras voam, os meus pensamentos ficam na terra! As palavras sem os pensamentos não sobem jámais ao ceo!

(Sae)

SCENA IV

No quarto da Rainha

Entram a Rainha e Polónio

POLONIO

Vem d'aqui a um instante. Ralhae-lhe deveras; dizei-lhe que as suas saidas foram demasiado longe, para que se possam supportar, e que vossa graça se interpoz entre elle e uma grande colera. Desde este momento remetto-me ao silencio. Peço-vos que lhe falleis claro e forte.

HAMLET (dentro).

Mãe! mãe! mãe!

A RAINHA

Eu vol-o prometto. Confiae em mim. Retirae-vos. Elle ahi vem.

(Polonio sae. Entra Hamlet)

HAMLET

Aqui estou, mãe. De que se trata?

A RAINHA

Hamlet, tu offendeste gravemente teu pae.

HAMLET

Mãe, vós offendestes meu pae gravemente.

A RAINHA

Vamos, vamos, a tua linguagem é de um insensato.

HAMLET

Vamos, vamos, a vossa linguagem é de uma culpada.

A RAINHA

Que vens a dizer n'isso, Hamlet?

HAMLET

Que me quereis?

A RAINHA

Esqueces-te de quem sou?

HAMLET

Não, pela cruz redemptora! Não. Sois a rainha, a mulher do irmão do vosso marido, e prouvera a Deus que assim não fosse! Sois minha mãe.

A RAINHA

Espera, que eu te mando alguem que ha de saber fallar-te.

HAMLET

Vamos, vamos, sentae-vos e estae quêda. Não saireis d'aqui emquanto vos não apresentar um espelho, em que possaes vêr a parte mais intima de vós mesma.

A RAINHA

Que intentas fazer? Queres assassinar-me? Soccorro! soccorro! Olá!

POLONIO (detraz da tapeçaria)

Que é! olá! acudam!

HAMLET

Olha! um rato! (Dá uma estocada na tapeçaria) Morto! aposto um ducado em como está morto.

POLONIO (detraz da tapeçaria)

Estou morto.

(Cae morto)

A RAINHA

Meu Deus! que fizeste?!

HAMLET

Palavra que não sei. Foi o rei?

(Ergue a tapeçaria e arrasta o corpo de POLONIO)

A RAINHA

Oh! que acção insensata e sanguinolenta!

HAMLET

Uma acção sanguinolenta! quasi tão má, minha boa mãe, como a de matar um rei, e casar depois com o irmão.

A RAINHA

A de matar um rei?

HAMLET

Sim, minha senhora. São as minhas palavras. (A POLONIO) Tu, miseravel impudente, indiscreto, perfido, adeus! Tomei-te por outro mais graúdo do que tu: conforma-te com o teu destino. Ficas sabendo agora que o excesso de zelo tem seus perigos. (A sua mãe) Deixae-vos de estorcer as mãos. Silencio! Sentae-vos; é preciso, que eu vos estorça o coração. Sim, lograrei fazel-o, se não é de um estofo impenetravel, se o habito do crime o não converteu em bronze, e tornou inaccessivel ao sentimento.

A RAINHA

Ai de mim! que fiz eu, para que a tua lingua me flagelle tão rudemente?

HAMLET

Uma acção que estraga o carmim e a graça do pudor, que transforma a virtude em hypocrisia, que tira

a rosa da fronte pura do amor innocente, e deixa em seu logar uma chaga, que torna os votos do casamento tão falsos como os juramentos do jogador. Oh! uma acção que do corpo do contracto arranca o espirito, e faz da religião mais suave uma rapsodia de palavras. A face do ceo chammeja; a terra, esta massa solida e compacta, tomando um aspecto sinistro, como á approximação do juizo final, tem a alma enferma pelo influxo d'esta acção!

A RAINHA

Ai de mim! Qual é a acção que troveja tão fortemente n'este exordio fulminante?!

HAMLET (apontando para dois retratos)

Olhae para esta pintura, e para aquella. São os retratos de dois irmãos. Vêde, quanta graça respira n'este semblante. Os anneis do cabello de Hyperion—a fronte do proprio Jupiter—os olhos semelhantes aos de Marte para ameaçar ou para commandar—a attitude como a do arauto Mercurio, quando poisa sobre uma collina á flôr do ceo! Um conjuncto, uma fórma, realmente, em que parece haver posto o seu cunho cada um d'estes deuses, para darem ao mundo o typo do homem: este—era o vosso marido. Olhae agora para o lado—é o vosso marido, joio fratricida de bom trigo. Tendes olhos? Como renunciastes a viver n'aquella eminencia esplendida para vos cevardes n'este volutabro? Ah! tendes olhos? Não podeis chamar amor a isto. Na vossa edade o sangue mais ardente resfria, torna-se humilde, e a razão prevalece. (Mostrando os dois paineis) Qual ente razoavel quizera passar d'isto para aquillo? Sois, sem duvida, dotada de percepção: se assim não fôra, não serieis dotada de movimento; mas decerto que a percepção se paralysou em vós; porque a loucura não praticaria tal erro. A percepção não está avassallada d'esse modo ao deli-

rio. Qual foi o diabo, que assim vos empolgou no jogo da cabra-cega? A vista sem o tacto, o tacto sem a vista, uma parte qualquer dos vossos sentidos não seria a tal ponto estupida. Ó vergonha, onde está o teu rubor? Inferno rebelde, se podes amotinar-te por tal fórma nos ossos de uma matrona, — a virtude não será mais, para a mocidade ardente, do que a cera — sempre fusivel á sua chamma! Que não proclamem, d'ora ávante, a deshonra de quem se deixe arrebatar por uma paixão violenta, visto que os granisos se inflammam tão facilmente, e que a razão prostitue o desejo!

A RAINHA

Oh! Hamlet, não continues. Fazes com que volte a olhar para o fundo da minha alma, e veja ahi nodoas tão negras e tão persistentes, que nada as póde lavar!

HAMLET

E tudo isso para viver no suor fétido de um leito immundo, n'uma estufa de impuresa languente, e entregando-se ao amor sobre um esterquilinio.

A RAINHA

Oh! não prosigas; essas palavras entram-me nos ouvidos como se fossem outros tantos punhaes. Basta, meu bom Hamlet!

HAMLET

Um assassino, um scelerado, um pilho, dizimo vinte vezes minorado do vosso primeiro senhor; um rei bufão, um empalmador do imperio e do poder, que, achando á'mão o precioso diadema, o roubou, e o metteu na algibeira!

A RAINHA

Hamlet!...

HAMLET

Um rei de farrapos e de remendos!... (Apparece o Espectro) Salvae-me e cobri-me com as vossas azas, ó guardas celestes! (Ao Espectro) Que queres tu, graciosa figura?

A RAINHA

Ai de mim! está louco!

HAMLET

Não vens ralhar com teu filho tardio, por haver differido, deixando caducar o tempo e a paixão, o importante cumprimento das tuas ordens? Oh! dize!

O ESPECTRO

Não o esqueças: esta reapparição não tem por fim, senão afiar a tua vontade quasi embotada. Mas, olha, a estupefacção anniquilla tua mãe. Oh! interpõe-te n'esta lucta entre ella e a sua alma; quanto mais fraco está o corpo, tanto mais fortemente actua o pensamento. Falla-lhe, Hamlet.

HAMLET

Que tendes, minha senhora?

A RAINHA

Ah! tu proprio que tens? Porque estás com os olhos tão fitos no vacuo, e trocas palavras com o ar impalpavel? Teus espiritos parecem olhar com assombro pelos teus olhos; e, como soldados acordados ao toque de rebate, teus cabellos, excrescencias animadas, levantam-se do seu leito, e poem-se em pé. Ó meu gentil filho, modera a chamma do teu furor com a fria paciencia. Que estás a olhar?

HAMLET

Elle! elle!... Vêde como está pallido! Uma tal fórma, prégando tal causa ás pedras, commovel-as-hia. (Ao Espectro) Não olhes para mim, receio que o enternecimento logre mudar a minha resolução contumaz. O acto que tenho a fazer perderia a sua verdadeira côr, a do sangue, pela côr das lagrimas.

A RAINHA

A quem dizes isso?

HAMLET

Não vêdes nada além?

A RAINHA

Nada absolutamente, e todavia vejo quanto está aqui.

HAMLET

Não ouviste nada?

A RAINHA

Não, nada mais do que as nossas palavras.

HAMLET

Pois olhae além, vêde como elle se esconde! Meu pae, vestido como outr'ora! Vêde! Eil-o justamente agora transpondo a porta.

(Sae o Espectro)

A RAINHA

Tudo isso é forjado pelo teu cerebro. O delirio tem o dom d'estas creações phantasticas.

HAMLET

O delirio? O meu pulso, como o vosso, bate regular-

mente. Não foi uma loucura o que eu disse; quereis experimentar, tornarei a repetir tudo: um louco não tem tal memoria. Mãe, em nome da graça divina, não derrameis na vossa alma o balsamo d'essa illusão, não julgueis que é a minha loucura que falla e não o vosso crime: só conseguireis com isso fechar e cicatrisar a ulcera, ao passo que o mal impuro vos minará toda interiormente com a sua infecção invisivel. Confessae-vos aos céos, arrependei-vos do passado; preveni o futuro, e não deiteis sobre as hervas damninhas, o adubo que as torna mais robustas. Perdoae-me esta virtude, porque no meio de um mundo que se tornou asthmatico á força de engordar, é preciso que a propria virtude peça perdão ao vicio; é preciso que implore de joelhos o favor de lhe fazer bem.

A RAINHA

Oh! Hamlet! Partiste-me o coração em dois!

HAMLET

Ah! pois deitae fóra a metade má, e vivei purificada com a outra. Boa noite; mas não vades ao leito de meu tio. Affectae virtude, quando a não tenhaes. O habito, este monstro que devora todo o sentimento, este demonio familiar, tem uma condição de anjo, e vem a ser que, pela pratica das boas acções, dá-nos um vestuario facil de envergar. Abstende-vos esta noite, isso tornará mais facil a proxima abstenção. A seguinte será mais facil ainda; porque o uso póde quasi domar o demonio, ou arrojal-o fóra com maravilhoso poder. Ainda uma vez, boa noite! e quando desejardes para vós a benção do ceo, então vos pedirei a vossa. (Mostrando Polonio) Em quanto a este senhor, estou arrependido do que fiz; porém os ceos quizeram punir-nos a ambos, elle por mim, eu por elle, obrigando-me a ser seu mi-

nistro e seu flagello. Eu me incumbo d'elle, e estou prompto a responder pela morte que lhe dei. Vamos, boa noite outra vez! É preciso que eu seja cruel, unicamente para ser humano. Doloroso principio! O peior está ainda por vir!

A RAINHA

Que devo fazer?

HAMLET

Nada, absolutamente nada do que vos disse. Que o rei, depois de bem replecto, vos attraia embora de novo para o seu leito, que vos belisque ternamente a face, que vos chame a sua ratinha, que a troco de um par de beijos impuros, ou affagando-vos o collo com os seus dedos damnados, vos leve a revelar todo este negocio, e a dizer que a minha loucura não é mais que uma cilada. É bom que lhe conteis tudo, porque uma mulher, que não é senão uma rainha bella, sensata, prudente, podia porventura esconder áquelle sapo, áquella toupeira, áquelle gatarrão, tão preciosos segredos? Quem o faria? Não, em nome do bom senso, e da discrição, abride a gaiola sobre o tecto da casa, para que os passaros fujam; e vós, como o famoso macaco, para fazer a experiencia, encaixae-vos dentro da gaiola, e quebrae o espinhaço na quéda.

A RAINHA

Fica certo, que se as palavras são feitas de sopro, se o sopro é feito de vida, eu não tenho vida para exhalar uma palavra de quanto me disseste.

HAMLET

É preciso que eu parta para Inglaterra. Sabei-lo?

A RAINHA

Ai de mim! Esqueceu-me dizer-t'o. Está decidido.

HAMLET (á parte)

Ha cartas de prego, e os meus dois condiscipulos, em quem eu me fio como em duas viboras promptas a morder, trazem os despachos. São elles, que devem abrir-me caminho, e attrair-me ao laço. Deixemos correr as coisas: é um gosto fazer ir pelos ares o engenheiro com o proprio petardo. Estarei muito infeliz, se não conseguir perfurar uma jarda abaixo das suas minas, e atiral-os á lua. Oh! que ha de ser encantador, vêr a contra-mina ir-se encontrar direitinha com o seu projecto d'elles. (Mostrando Polonio) Comecemos as nossas mallas por este homem, e escondamos estas entranhas no quarto visinho. Mãe, boa noite. Realmente este conselheiro está agora muito tranquillo, muito discreto, muito grave, elle, que em vida era um original tão nescio e tão grulha! Vamos, senhor, acabemos comvosco. Boa noite, minha mãe.

(A Rainha sae por um lado. Hamlet arrasta o corpo de Polonio por outro)

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO QUARTO

SCENA I

Sala de estado no paço

Entram o Rei, a Rainha, Rosencrantz e Guildenstern

O REI

Tem uma causa esses suspiros, essas palpitações profundas; é preciso que vos expliqueis; é conveniente que nós conheçamos essa causa. Onde está vosso filho?

A RAINHA (a Rosencrantz e Guildenstern)

Deixae-nos por um momento. (Rosencrantz e Guildenstern saem) Ah! meu bom senhor, que vi eu esta noite?

O REI

Que foi, Gertrudes? Hamlet como está?

A RAINHA

Louco como o mar e o vendaval, quando luctam para vêr qual é mais forte. N'um d'esses accessos arrebatados, sentindo mexer o que quer que fosse por detraz da tapeçaria, fez silvar a espada, bradando—«Um rato! um rato!—e, na turvação do seu espirito, matou, sem o vêr, o bom velho.

O REI

Oh! fatal acontecimento! Se lá estivessemos ambos, podiamos haver tido o mesmo destino; da sua liberdade

resultam grandes perigos para todos; para vós, para nós, para o primeiro recemchegado. Ai de mim! quem terá de responder por esta sanguinolenta acção? Sobre nossas cabeças ha de recair, sobre nós, cuja previdencia devia vigiar de perto, e arredar de toda a gente esse joven louco. Tal era, porém, o nosso amor, que não quizemos o que era mais conveniente, e fizemos como o homem atacado de uma doença asquerosa, que, receioso de a divulgar, deixa que ella lhe devore a vida até á medula. Aonde foi elle?

A RAINHA

Esconder o corpo que matou! Na sua propria loucura, como o oiro na mineira de vis metaes, a alma conserva-se-lhe pura. Chora pela acção que praticou.

O REI

Gertrudes, saiamos. Apenas o sol tocar as montanhas faremos com que embarque. Em quanto a essa odiosa acção, será mister toda a nossa habilidade para a disfarçar. Olá, Guildenstern! (Entram GUILDENSTERN e ROSENCRANTZ) Meus amigos, procurae quem possa auxiliar-vos. Hamlet, na sua loucura, matou Polonio, e arrastou-o para fóra do quarto de sua mãe. Ide procural-o, e transportae o corpo para a capella. Peço-vos que andeis apressados. (ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN saem) Vem, Gertrudes, nós vamos convocar os nossos amigos mais discretos, revelar-lhes o que tencionamos fazer, e a imprudencia que se commetteu; d'este modo temos probabilidades de que a calumnia, cujo murmurio percorre o diametro do mundo, atirando, tão direito como o canhão ao alvo, a sua carga envenenada, erre o nosso nome, e fira apenas o ar invulneravel. Oh! partamos! A minha alma está cheia de encontrados sentimentos e de pavor!

(Saem)

SCENA II

Um aposento no castello

Entra Hamlet

HAMLET

Depositado em logar seguro.

VOZES

Hamlet! Senhor Hamlet!

HAMLET

Mas, devagar. Que ruido é este? Quem chama por Hamlet? Vem gente!

(Entram Rosencrantz e Guildenstern)

ROSENCRANTZ

Que fizestes do cadaver, meu senhor?

HAMLET

Está confundido com o pó de que elle era parente.

ROSENCRANTZ

Dizei-nos aonde está, para que possamos retiral-o, e leval-o para a capella.

HAMLET

Não acrediteis n'isso.

ROSENCRANTZ

Acreditar o quê?

HAMLET

Que eu possa guardar o vosso segredo e não o meu.

E depois ser interrogado por uma esponja! Que resposta lhe póde dar o filho de um rei?

ROSENCRANTZ

Tomaes-me por uma esponja, meu senhor?

HAMLET

Sim, senhor, uma esponja que absorve as graças do rei, as suas recompensas, a sua auctoridade. No fim de contas estes officiaes acabam por prestar ao rei os maiores serviços. O rei guarda-os, como faria um macaco, no canto da queixada, para os mastigar antes de os engolir. Quando elle precisar do que houverdes respigado, não tem mais do que apertar-vos, esponjas, e ficareis seccos outra vez.

ROSENCRANTZ

Não vos comprehendo, meu senhor.

HAMLET

Estimo bem. Uma idéa torpe, dorme n'um ouvido insensato.

ROSENCRANTZ

Deveis dizer-nos onde está o corpo, e ir comnosco á presença do rei.

HAMLET

O corpo está com o rei; mas o rei não está com o corpo. O rei é uma coisa...

GUILDENSTERN

Uma coisa, meu senhor?

HAMLET

De nada. Levae-me ao rei. Raposa, vamos jogar o jogo das escondidas.

SCENA III

Sala de estado no castello

Entra o Rei com a sua comitiva

O REI

Mandei á sua procura, e á busca do corpo. A que ponto é perigoso que este homem esteja livre! No emtanto não devemos submettel-o ao rigor da lei; é adorado pela multidão desvairada, que ama, não pela razão, mas pelos olhos, e n'este caso é o castigo do criminoso, que ella peza, jámais o crime. Para que tudo se passe serenamente e sem alvoroto, é mister que este embarque subito pareça uma decisão reflectida. Para males extremos, extremos remedios. (Entra Rosencrantz) Então, que se passou?

ROSENCRANTZ

Onde é que o cadaver está depositado, foi o que não podémos saber d'elle.

O REI

Porém Hamlet onde está?

ROSENCRANTZ

Aqui proximo, meu senhor; guardado, esperando as vossas ordens.

O REI

Tragam-m'o.

ROSENCRANTZ

Olá, Guildenstern. Trazei sua alteza.

(Entram Hamlet e Guildenstern)

O REI

Então, Hamlet? Onde está Polonio?

HAMLET

A ceiar.

O REI

A ceiar, aonde?

HAMLET

N'um sitio onde não come, mas é comido. Certo numero de vermes politicos abancaram em volta d'elle. O verme, olhae, é vosso imperador no que diz respeito a comer bem. Nós engordamos todas as outras creaturas para nos engordar, e nós proprios nos engordamos para o gusano. O rei gordo e o mendigo magro, não são mais do que dois pastos differentes, dois pratos para a mesma mesa. Eis o fim.

O REI

Ai! Ai!

HAMLET

Um homem póde pescar com um verme, que comeu de um rei, e comer do peixe, que se nutrio do verme.

O REI

Que queres dizer n'isso?

HAMLET

Nada. Quero simplesmente mostrar-vos como um rei póde fazer uma viagem pelos intestinos de um mendigo.

O REI

Onde está Polonio?

HAMLET

No ceo; mandae lá ver: quando o vosso mensageiro

o não encontre ahi, procurae-o vós mesmo no sitio opposto. Mas, palavra, se o não achardes d'aqui a um mez, haveis de cheiral-o ao subir a escada da galeria.

O REI (aos da comitiva)

Ide procural-o.

HAMLET

Elle esperará por vós até chegardes.

O REI

Por bem da tua saude, que nos é tão cara, quão doloroso nos foi o que tu fizeste; pelo acto que praticaste, deves sair d'aqui rapido como o relampago. Vae pois preparar-te; o navio está prompto; o vento é de feição; teus companheiros esperam-te; tudo está disposto para a tua viagem a Inglaterra.

HAMLET

A Inglaterra?

O REI

Sim, Hamlet.

HAMLET

Bom.

O REI

Fallas como se conhecesses os nossos projectos.

HAMLET

Revela-se-me um cherubim que os vê. Mas vamos: para Inglaterra. Adeus, querida mãe.

O REI

E teu pae que te ama, Hamlet.

HAMLET

Minha mãe! Pae e mãe vem a ser marido e mulher;

marido e mulher é uma só carne. Então, minha mãe, vamos para Inglaterra!

(Sae)

O REI (a ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN)

Segui-o passo a passo, e levae-o depressa a bordo. Nada de demoras, quero que elle parta esta noite. Ide; porque expedi e sellei tudo que tinha relação com o negocio. Apressae-vos, peço-vos.

(Saem ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN)

O REI

E agora, Inglaterra, se presas a minha estima, quanto deve aconselhar-te meu grande poder, se é certo, que tens ainda viva e vermelha a cicatriz feita pela espada danea, e que teu livre receio nos presta homenagem, não receberás friamente nossa soberana mensagem, que exige formalmente por cartas instantes, a morte immediata de Hamlet. Obedece, Inglaterra, por que elle enfurece o meu sangue, como a febre, e é preciso que tu me cures. Emquanto não houver a certeza de que o facto se consummou, succeda o que succeder, não terei momento de alegria.

SCENA IV

Uma planicie em Dinamarca

Entra Fortimbraz com um exercito

FORTIMBRAZ

Ide, capitão, saudae da minha parte o rei daneo. Dizei-lhe, que, sendo do seu agrado, Fortimbraz pede a promettida auctorisação para passar através do seu reino. Sabeis o logar combinado para a entrevista. Se sua magestade quer alguma coisa de nós, iremos prestar-lhe homenagem pessoalmente; fazei-lh'o saber.

O CAPITÃO

Cumprirei as vossas ordens, meu senhor.

FORTIMBRAZ

Avançae com precaução.

(Fortimbraz e o seu exercito saem. Entram Hamlet, Rosencrantz e Guildenstern)

HAMLET

A quem pertencem estas forças?

O CAPITÃO

Á Noruega, senhor.

HAMLET

Para onde se dirigem, sabeis dizer-m'o?

O CAPITÃO

Para certo ponto da Polonia.

HAMLET

Quem as commanda?

O CAPITÃO

O sobrinho do velho rei da Noruega, Fortimbraz.

HAMLET

Marcha para o coração da Polonia, senhor, ou para alguma fronteira?

O CAPITÃO

Fallando verdade e sem exageração, nós vamos conquistar um pedacinho de terra, que dá uma renda puramente nominal. Por cinco ducados, cinco, eu não a queria arrotear, e nem a Noruega, nem a Polonia, tirariam melhor lucro, quando vendessem toda a propriedade.

HAMLET

Bem, n'esse caso os polacos não tratarão nunca de defendel-a.

O CAPITÃO

Tratam, já lá tem uma guarnição.

HAMLET

Duas mil almas, e vinte mil ducados, não bastam para decidir uma questão levantada por uma ninharia. Eis-ahi um abcesso causado pela demasiada abundancia de paz; abcesso que rebenta interiormente, e que, sem apresentar causa exterior, atira com um homem para a outra vida... Humildemente lhe agradeço, senhor.

O CAPITÃO

Deus seja comvosco, meu senhor.

(O capitão sae)

ROSENCRANTZ

É do vosso agrado partir, meu senhor?

HAMLET

D'aqui a um momento estarei comvosco. Ide um pouco adiante.

(ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN saem)

HAMLET (continuando)

Como todas as circumstancias depõem contra mim e esporêam a minha tardia vingança! Que é o homem, se o bem supremo, se o melhor negocio da sua vida é unicamente dormir e comer? Um animal, nada mais. De certo aquelle que nos creou com esta vasta intelligencia, com este olhar que volta para o passado e segue para o futuro, não nos deu tal capacidade, razão por tal modo divina, para que tudo isto abolóreça na ociosidade. Agora que isto seja por um bestial esquecimento, ou pelo covarde escrupulo de reflectir demasiado e com affinco no acontecimento... reflexão que dividida em quatro, não tem senão um quarto de juizo, e tres quartos de covardia... Não sei, realmente, porque hei de existir para dizer:—«Isto ha de fazer-se,» vendo que tenho motivo, vontade, força e meios para o fazer. Exortam-me exemplos volumosos como a terra, são testemunhas forças tremendas commandadas por um principe delicado e adolescente, cujo valor infunado por ambição divina, provoca o acontecimento invisivel, expondo, ainda que sejà por uma casca de ovo, o que é mortal e incerto a tudo que póde tentar a fortuna, o perigo e a morte! Para ser verdadeiramente grande, é preciso não se commover sem grandes motivos, mas é preciso tambem achar n'um argueiro motivo para levantar uma grande questão, quando a honra está empenhada. Então porque

estou eu parado, eu que tenho o pae assassinado, a mãe deshonrada, poderosos excitadores da minha razão e do meu sangue, e deixo adormecer tudo, ao passo que por minha vergonha, vejo imminente a morte de vinte mil homens que por uma phantasia, uma gloriola, vão para o tumulo como para o leito, brigando por um pedaço de terra, onde os contendores, por demasiado numerosos, se não podem bater, e que nem é espaço sufficiente para enterrar os mortos. Oh! que d'hora avante os meus pensamentos sejam sanguinarios, ou sem valor algum!

SCENA V

Sala de armas no castello de Elsenor

Entram a RAINHA e HORACIO

A RAINHA

Não quero fallar com ella.

HORACIO

Mas ella insiste tanto! delira realmente; está n'um estado que mette dó.

A RAINHA

Ella o que quer?

HORACIO

Falla muito do pae; diz que sabe, que n'este mundo não ha senão embustes; suspira e bate no peito; bate com o pé enraivecida por um nada; diz coisas vagas, que só apresentam meio sentido. A linguagem não tem significação, e todavia—na sua incoherencia—faz reflectir os que a ouvem. Procurámos-lhe seguimento, e chegámos a ligar aquellas palavras soltas. O piscar dos

olhos, o abanar da cabeça, os seus gestos fazem realmente acreditar, que ha ali um pensamento bem doloroso, posto não fixo.

A RAINHA

Seria bom fallar-lhe; ella póde semear perigosas conjecturas nos espiritos fecundos no mal. (HORACIO sae) Tal é a natureza do peccado: á minha alma enferma a minima coisa parece o prologo de grande desgraça. O crime é tão desgeitoso na sua desconfiança, que se divulga a si proprio com o receio de ser divulgado.

(HORACIO entra com OPHELIA)

OPHELIA

Onde está a bella magestade da Dinamarca?

A RAINHA

Que aconteceu, Ophelia?

OPHELIA (cantando)

«D'outro qualquer vosso amante
Como hei de reconhecer?
Pelo seu chapeo de conchas,
Seu bordão de peregrino,
E as sandalias que trouxer.

A RAINHA

Ai! de mim! affavel dama, que significa essa canção?

OPHELIA

O que dizeis? Pois bem, peço-vos que oiçaes.

(Canta)

Morreu e partiu, senhora,
Morreu e partiu, bem vês,

Tem a relva á cabeceira,
Tem uma pedra a seus pés.

Oh! Oh!

(Soluça)

A RAINHA

Mas vejamos, Ophelia.

OPHELIA

Attenção, peço-vos.

(Canta)

É branco o seu lençol qual neve das montanhas

(Entra o Rei)

A RAINHA (ao Rei)

Ai de mim! olhae, senhor.

OPHELIA (cantando)

Todo enfeitado de flores
Para o tumulo desceu;
Mas a tormenta das lagrimas,
Essa não a conheceu.

O REI

Como ides vós, formosa dama?

OPHELIA

Bem. Que Deus vol-o pague. Dizem que a coruja foi outr'ora a filha de um padeiro. Senhor, nós sabemos o que somos, mas não sabemos o que viremos a ser. Que Deus assista á vossa meza!

O REI

Alguma allusão a seu pae.

OPHELIA

Não fallemos mais n'isso, peço-vos; mas quando vos erguntarem o que significa, respondei:

É hoje o S. Valentim.
Todos se erguem com a aurora.
Á tua janella agora
Venho eu virgem para ser...
Ser a tua Valentina.
Elle ergueu-se, e foi vestir-se,
A porta do quarto abriu,
Ella virgem entrou lá,
Porém virgem não saiu.

O REI

Linda Ophelia!

OPHELIA

Em verdade, vou acabar sem blasfemia:

Pela santa caridade,
E por Jesus não me acodem...
Rapazes novos não podem,
Em chegando a ponto tal,
Ter mão em si: fazem mal.

Antes de haver-me enganado
Já me havias promettido
De ser o meu desposado.

elle responde:

Assim o teria feito,
Pelo sol que estás a vêr,
Se tu não viesses ter,
Como vieste, ao meu leito.

O REI

Ha quanto tempo está ella assim?

OPHELIA

Espero que tudo irá bem. Devemos ter paciencia; mas eu não posso esquivar-me a chorar, quando me lembro que elles o pozeram na terra fria. Meu irmão sabel-o-ha, e assim agradeço-vos o vosso bom conselho. Vamos, o meu coche! Boa noite, minhas senhoras; boa noite, minhas amaveis senhoras; boa noite! boa noite!
(Sae a correr)

O REI (para HORACIO)

Segui-a de perto; vigiae-a bem, peço-vos.
(HORACIO sae)

O REI (continuando)

Ah! é o veneno de uma dôr profunda! Borbulha todo da morte de seu pae. E agora vêde! Oh! Gertrudes, Gertrudes! quando as desgraças chegam, não veem como espias solitarias; mas aos batalhões. Primeiro, a morte de seu pae—depois, a partida de vosso filho, auctor, pela sua violencia, do seu justo exilio; agora ahi está o povo lamacento a amotinar-se, cheio de pensamentos perniciosos, murmurando por causa da morte de Polonio! Andámos estouvadamente, enterrando-o em secreto. A pobre Ophelia, separada de si mesma, e da nobre razão, sem a qual não somos mais do que estatuas ou simples animaes. Emfim, o que tem maior vulto do que todo o resto, seu irmão, voltou secretamente de França, nutre-se do proprio espanto, envolvendo-se em nuvens, e achando por toda a parte estes murmuradores, que lhe envenenam os ouvidos de narrações peçonhentas sobre a morte de seu pae, e que não hesitam, nos seus miseraveis enredos, em nos accusar a nós de bocca em bocca. Ó minha cara Gertrudes, tudo isto, como uma arma assassina, me dá, em muitos logares, uma morte superflua.
(Sente-se ruido)

A RAINHA

Meu Deus! Que ruido é este?

(Entra um cortezão)

O REI

Olá! alguem! onde estão os meus suissos? Guardem a porta. De que se trata?

O CORTEZÃO

Escapae-vos, meu senhor. O oceano transpondo os seus limites não devora a planura com rapidez mais impetuosa, do que o joven Laertes, inpellido pela onda da rebellião, derriba os nossos officiaes. O populacho acclama-o rei; e como se o mundo principiasse agora, como se a antiguidade, que ratifica todos os titulos, o uso, que os mantem, estivessem esquecidos e desconhecidos, a gentalha exclama: «Somos livres na escolha. Laertes será rei!» Os chapeos, as mãos, as vozes, applaudem até ás nuvens, ouvindo este grito: «Laertes será rei. Laertes será rei!»

A RAINHA

Com que alegria seguem elles na piugada de um rasto falso! Erraes o caminho, ó traidores, cães danicos.

O REI

As portas estão arrombadas.

(Ruido de fóra. Entra Laertes, armado e seguido de uma multidão de dinamarquezes)

LAERTES

Aonde está o rei? (Para as turbas) Senhores, conservae-vos fóra.

OS DINAMARQUEZES

Queremos entrar...

LAERTES

Peço-vos que me deixeis.

OS DINAMARQUEZES

Sim! Sim!

(Retiram-se)

LAERTES

Agradeço-vos. Guardae a porta. Ó tu, rei vil, restitue-me meu pae.

A RAINHA

Prudencia, meu bom Laertes.

LAERTES

Uma só gota do meu sangue que esteja socegada, proclama-me bastardo, chama a meu pae marido deshonrado, e marca com a palavra—prostituta—a fronte casta e immaculada de minha sincera mãe.

O REI

Porque motivo, Laertes, a tua rebellião toma essas proporções gigantêas? Deixae-o, Gertrudes, não receieis nada por nós. A divindade que protege o rei, faz com que a traição apenas entremostre os seus projectos, e obriga-a a ficar impotente... Dize-me, Laertes, porque estás furioso a esse ponto? Deixa-o, Gertrudes; falla, amigo?

LAERTES

Onde está meu pae?

O REI

Morto.

A RAINHA

Mas não por culpa do rei.

O REI

Deixa-o fazer todas essas perguntas.

LAERTES

Mas como é que elle está morto? Eu não quero ser embaçado! Para os infernos com todas as consolações! Ao diabo mais negro a fé jurada! Consciencia, religião, para o fundo do abysmo! Affronto as penas eternas. Estou resolvido a sacrificar a minha vida nos dois mundos, succeda o que succeder: eu não quero senão uma coisa, vingar até ao fim meu pae!

O REI

Quem te póde ter mão?

LAERTES

A minha vontade, não a do mundo inteiro. Em quanto aos meus recursos governal-os-hei tão bem, que hei de ir muito longe com pouco.

O REI

Bom Laertes, se desejaes saber a verdade sobre a morte de vosso pae, estará escripto na vossa vingança, que haveis, por uma decisão suprema, reunir amigos e inimigos, aquelles que perdem, e aquelles que podem ganhar com essa morte?

LAERTES

Eu só quero mal aos seus inimigos.

O REI

Pois bem, quereis conhecel-os?

LAERTES

Em quanto aos seus amigos recebel-os-hei com os meus dois braços bem abertos, e como o pelicano que

dá a vida por bondade, nutril-os-hei do meu proprio sangue.

O REI

Agora fallaes como um bom rapaz e um perfeito cavalheiro. Que eu estou innocente da morte de vosso pae, e que essa morte me causou uma dôr profunda, deve apparecer á vossa razão tão claro, como o dia aos vossos olhos.

OS DINAMARQUEZES (de fóra)

Deixem-na entrar.

LAERTES

Que ha? Que ruido é este?

(Entra Ophelia extravagantemente penteada com flores e espigas de palha)

LAERTES (continuando)

Ó incendio secca-me o cerebro. Lagrimas, sete vezes salgadas, queimae os meus olhos até tornal-os insensiveis e impotentes. Por Deus, a tua loucura será paga tão cara, que o peso fará cair o braço da balança. Ó rosa de maio, querida rapariga, boa irmã, meiga Ophelia. Ó ceos, é possivel que a razão de uma joven seja tão mortal como a vida de um velho? O ser dissolveu-se-lhe em amor e tornou-se subtil; envia as mais preciosas emanações ao objecto amado.

OPHELIA (cantando)

Com a fronte descoberta o conduziram
Na padiola, e sobre o seu sepulchro,
Que lagrimas cairam!

Adeus, meu rolo.

LAERTES

Quando voltasses á razão, e me excitasses á vingança, estaria menos commovido.

OPHELIA

Abaixo, abaixo, deitae-o abaixo.

Ah! Como este estribilho vem a proposito! Trata-se do perfido mordomo que raptou a filha de seu amo.

LAERTES

Estes nadas dizem mais, do que muitas coisas.

OPHELIA

Aqui está o rosmaninho; é como lembrança; imploro-te, amor, lembra-te: e aqui estão os amores perfeitos como o symbolo de pensamentos.

LAERTES

Lição dada pela loucura! Os pensamentos e as recordações reunidos.

OPHELIA (ao REI)

Para vós aqui está o funcho, e as boninas. (Á RAINHA) Para vós aqui está a arruda, e para mim um pouco tambem; nós ambas lhe podemos chamar herva santa do domingo, mas na vossa mão deve ter outro sentido, do que na minha. Aqui está uma margarida. De boa vontade vos daria violetas, porém seccaram-se todas com a morte de meu pae. Dizem que elle teve bom fim.

(Canta)

Porque o meu bom Robim é todo o meu encanto.

LAERTES

Melancolia, afflicção, frenesi, o proprio inferno, a tudo ella imprime não sei que seducção, não sei qual graça...

OPHELIA (cantando)

Elle não ha de tornar?
Elle não ha de tornar?
Oh! não, não, porque morreu.
Vae ao leito onde desceu,
Que elle não ha de voltar.
Tinha a barba como a neve,
Toda loira era a cabeça.
Partiu e não volta mais:
São baldados vossos ais!
Da sua alma no outro mundo
Que o senhor se compadeça.

E de todas as almas christãs, a Deus o peço, que Deus seja convosco.

(Sae OPHELIA)

LAERTES

Vêdes isto, ó meu Deus!

O REI

Laertes, é preciso que eu raciocine com a tua dôr; senão, é um direito, que me recuzas. Retiremo-nos por um momento; escolhe os teus amigos mais judiciosos; elles nos ouvirão e julgarão entre ti e mim. Se directa, ou indirectamente nos acharem culpados, nós abandonamos-te a nossa corôa, a nossa vida, e quanto chamamos nosso, como reparação. No caso contrario resigna-te a conceder-nos a tua paciencia, e nós trabalharemos em harmonia com o teu resentimento para lhe dar uma satisfação justa.

LAERTES

Assim seja! A estranha morte de meu pae, seus funeraes mysteriosos—onde faltou tudo—tropheos, panoplia, escudo sobre o corpo, os ritos nobiliarios, os ap-

paratos de uso, clamam-me com voz, que o ceo faz ouvir á terra, que devo tirar uma devassa.

O REI

Tirae-a, e que o temivel cutello caia onde estiver o crime. Vem comigo, peço-te.

(Saem)

SCENA VI

Um quarto em casa de Horacio

Entram Horacio e um criado

HORACIO

Quem são os que desejam fallar-me?

O CRIADO

Marinheiros, senhor, e dizem que trazem cartas.

HORACIO

Que entrem. (O criado sae) Ignoro de que parte do mundo me possa vir este mensageiro, a não ser do senhor Hamlet.

(Entram os marinheiros)

O PRIMEIRO MARINHEIRO

Deus vos salve, senhor!

HORACIO

Que Deus te salve tambem!

O PRIMEIRO MARINHEIRO

Fal-o-ha, meu senhor, se for do seu agrado. Aqui está esta carta, meu senhor: é do embaixador, que em-

barcou para Inglaterra; se o vosso nome é Horacio, conforme me disseram.

HORACIO (lendo)

«Horacio, logo que tenhas percorrido estas linhas, proporciona a essa gente o meio de fallarem até ao rei: levam cartas para elle. Apenas nos tinham corrido dois dias no mar, quando um pirata, armado em guerra, nos deu caça. Vendo que não eramos tão bons veleiros como elle, desenvolvemos o arrojo do desespero. Deitou-se-lhe o arpéo, e eu subi á abordagem; de repente o navio desprendeu-se do nosso, e então — eu só—fiquei prisioneiro. Portaram-se comigo como bandidos misericordiosos, e bem sabiam o que faziam, porque eu estou destinado a ser-lhes prestadio. Faze com que cheguem á mão do rei as cartas que lhe mando, e vem ter comigo com tanta rapidez como se fugisses á morte. Tenho a dizer-te ao ouvido palavras que te hão de emudecer, e todavia serão ainda fracas, com relação ao calibre da verdade. Esses honrados homens conduzir-te-hão ao logar onde estou. Rosencrantz e Guildenstern continuam na sua derrota para Inglaterra. Tenho muito que fallar-te sobre este assumpto. Adeus. D'aquelle que sabes ser teu—*Hamlet.*—» (Para os portadores) Vinde, quero proporcionar-vos os meios de entregar essas cartas. Andae lestos, para que me possaes conduzir á pessoa de quem as recebestes.

(Saem todos)

SCENA VII

Sala no paço

Entram o Rei e Laertes

O REI

É preciso agora que a vossa consciencia selle a minha absolvição, e que me inscrevaes no vosso coração como amigo, visto que sabeis, por informações certas, que aquelle que matou vosso nobre pae, tambem me queria tirar a vida.

LAERTES

Isso parece evidente. Porém dizei-me, porque não procedestes contra actos de natureza tão criminosa e tão grave, quando a vossa segurança, a vossa grandesa, a vossa prudencia, n'uma palavra, tudo devia excitar-vos a fazel-o?

O REI

Por duas razões especiaes, que talvez vos pareçam pueris, mas que para mim são fortes. A rainha, sua mãe, não vive senão dos olhos do filho; e em quanto a mim— é uma virtude? é uma calamidade?—esta mulher está por tal fórma ligada á minha vida e á minh'alma, que, como o astro que não póde girar senão na sua esphera, eu não posso mover-me senão para ella. O outro motivo por que evitei uma accusação publica, é o grande affecto que o povo lhe consagra. O povo mergulharia todas as faltas de Hamlet no seu amor, e, como aquella nascente que muda o pau em pedra, converteria as suas cadeias em reliquias, de modo que as minhas flechas, de ma-

deira tão leve para vento tão impetuoso, voltar-se-hiam contra o meu arco, em vez de irem bater no alvo.

LAERTES

Perdi um nobre pae; minha irmã está reduzida a termos desesperados, ella, cujo merito, se podesse recobrar as suas faculdades, se tornaria á face do seculo inteiro—campeão das suas incomparaveis perfeições. Ah! serei vingado!

O REI

Não percaes o somno por isso. Não nos julgueis de condição tão servil e acarneirada, que nos deixemos arrancar as barbas por medo, e tomar isso como um gracejo. Em breve sabereis mais. Eu era amigo de vosso pae, e nós proprios somos amigos, e isto, espero, póde levar-nos a imaginar... (Entra um mensageiro) Que é? que novas temos?

O MENSAGEIRO

Meu senhor, cartas de Hamlet; esta para vossa magestade; esta para a rainha.

O REI

De Hamlet! Quem as trouxe?

O MENSAGEIRO

Marinheiros, segundo dizem, meu senhor: eu não os vi. Foram-me transmittidas por Claudio, que as recebeu primeiro.

O REI

Laertes, ides ouvil-os. Deixae-nos. (O mensageiro sae. O Rei lendo) «Alto e poderoso senhor. Sabereis que fui deposto em terra de vosso reino. Á manhã sollicitarei o favor de ver a vossa real pessoa, e então, depois de

haver implorado a vossa indulgencia, contar-vos-hei o que motivou a minha volta subita, e ainda mais estranha que repentina—*Hamlet*.—» Que significa isto? tambem os outros estão de volta? Ou é um gracejo, e não ha nada de verdade?

LAERTES

Reconheceis a lettra?

O REI

É a lettra de Hamlet. *Nu!* e em *post-scriptum* accrescenta: *Só*. Podeis explicar-me isto?

LAERTES

Confesso, que não atino, meu senhor. Mas que venha! Sinto aquecer-me o coração enfermo, só com a idéa d'elle estar vivo, e de lhe poder dizer de cara a cara: *Eis aqui o que tu fizeste!*

O REI

Se assim é, Laertes... Como póde ser assim?... Mas como póde ser de outro modo? Estaes disposto a deixar-vos dirigir por mim?

LAERTES

Sim, meu senhor, com tanto que me não leveis a fazer as pazes.

O REI

Sim, hei de levar-te, mas a fazer as pazes comtigo mesmo. Se é facto, que elle está de volta, e que, recuando diante da sua viagem, se resolvesse a nunca mais a emprehender... Submettel-o-hei a uma prova, hoje madura no meu pensamento, e á qual não póde deixar de succumbir. A sua morte não levantará a mais leve murmuração, e sua propria mãe absolverá a causa attribuindo-a a um accidente.

LAERTES

Meu senhor, deixo-me levar, e tanto mais voluntariamente se andardes de modo que seja eu o instrumento.

O REI

Isto cae admiravelmente. Depois da vossa viagem gabaram-vos muito, na presença de Hamlet, por uma habilidade em que primaes, segundo affirmaram. Todas as vossas qualidades reunidas não picaram tanto n'elle a inveja como essa, que, a meu vêr, é de ordem mais insignificante.

LAERTES

Qual é essa qualidade, meu senhor?

O REI

Uma simples fita no chapeo da juventude; mas necessaria todavia; porque um trajo frivolo e desalinhado, não diz peor na mocidade, do que na edade madura os estofos escuros e forrados que preservam a saude e manteem a gravidade. Ha de haver dois mezes veiu aqui um gentil-homem da Normandia,—eu proprio vi os francezes, servi contra elles, e sei que montam bem a cavallo—mas este era um cavalleiro magico, como que tomava raizes na sella, conseguindo do seu cavallo coisas maravilhosas, a ponto de parecer que se encorporava e confundia a meio com o nobre animal; ia tanto além das minhas idéas, que tudo quanto eu podia imaginar de alto manejo, estava abaixo do que elle fazia.

LAERTES

Um normando, dizeis vós que era?

O REI

Um normando.

LAERTES

Pela minha vida que é Lamord.

O REI

Elle proprio.

LAERTES

Conheço-o bem; realmente é o brinco, a perola do seu paiz.

O REI

Pois era elle, que vos prestava homenagem; declarando-vos mestre na arte de defesa, ao florete principalmente. Protestava, que seria um verdadeiro milagre, haver alguem que vos fizesse frente. Jurava que os esgrimidores do seu paiz não teriam nem folego, nem paradas, nem relance de vista, quando vos tivessem por adversario. Estes juizos, meu caro, envenenaram por tal modo a inveja de Hamlet, que elle não fazia outra coisa mais do que pedir o vosso immediato regresso, para se bater comvosco. Pois bem! tirando partido d'isto...

LAERTES

Que partido, meu senhor?

O REI

Laertes, era-vos caro o vosso pae? ou sois a dôr em effigie, um rosto sem coração?

LAERTES

Porque me perguntaes isso?

O REI

Não é porque duvide do amor que vos inspirava

vosso pae; mas sei que o amor é obra do tempo, e tenho visto, com os exemplos da experiencia, que o tempo modera a faisca e o calor. Ha na propria chamma do amor uma especie de pavio, de morrão, que acaba por apagar-se. Nada conserva sempre a mesma perfeição. A perfeição levada ao excesso morre de plethora. Aquillo que nós queremos fazer, façamol-o, quando o pede a vontade, porque a vontade muda; tem tantas quebras e travames, quanto ha lingoas, braços, accidentes; e então o dever a cumprir, não é mais do que um suspiro desfallecido, custoso de exhalar. Mas toquemos na ferida: Hamlet volta; que estaes resolvido a fazer para vos mostrardes filho de vosso pae, mais em acção do que em palavras?

LAERTES

A cortar-lhe o pescoço na egreja.

O REI

Não ha, realmente, sanctuario para o assassino, não ha estacada para a vingança. Pois bem, meu bom Laertes, fazei isto, conservae-vos fechado no vosso quarto. Hamlet, chegando, saberá que estaes de volta. Enviar-lhe-hemos pessoas que ponham em relevo a vossa superioridade, e deem ainda maior verniz á vossa fama do que deu aquelle francez; emfim, apresentar-vos-hemos cara a cara, e faremos apostas sobre os dois. Elle que é negligente, generoso, e que mal não cuida, deixará de examinar os floretes; podeis pois, facilmente, com agilidade, escolher um estoque não embolado, e por um golpe secreto, vingar vosso pae.

LAERTES

Farei isso. E n'esse designio envenenarei o meu flo-

rete: comprei a um charlatão uma droga tão mortifera, que por mais ao de leve que a cheguem a um ferro, com tanto que saia sangue, a cataplasma mais rara, composta de todos os simples que teem virtude sob o influxo da lua, não póde salvar da morte quem quer que fôr levemente arranhado. Hei de ervar o meu ferro n'esse veneno, e por pouco que o escorche—é a morte!

O REI

Refliclamos ainda, pensemos bem, em quanto ao tempo, e em quanto aos meios, o que convirá melhor aos nossos planos. Se este viesse a falhar, e uma execução má descobrisse os nossos designios, mais valera não tentar nada. É preciso, pois, que tenhamos de reserva um projecto que possa servir, quando o outro erre fogo. Devagar! Vejamos. Estabeleceremos uma aposta solemne sobre os golpes que se brandirem: ora aqui está! Quando o exercicio os tenha encalmado e assedentado, então é preciso atacal-o com toda a violencia; elle pedirá de beber, eu prepararei um calix expressamente, e, se por acaso, escapar á vossa lamina envenenada, alcançamos o nosso fim do mesmo modo. Mas, silencio! Que ruido é este?

(Entra a Rainha)

O REI (continuando)

Que temos, pois, minha affavel rainha?

A RAINHA

Uma desgraça caminha sobre o artelho da outra; tão de perto se seguem! Vossa irmã afogou-se, Laertes!

LAERTES

Afogada! Oh! e aonde?

A RAINHA

Ha na margem de um riacho um salgueiro, que mira as suas folhas cinzentas no espelho da corrente. Ahi foi ella ter, cingindo-se com phantasticas grinaldas de rainunculos, ortigas, margaridas e d'essas grandes flores de purpura, a que os pastores licenciosos dão um nome mais grosseiro, porém, a que nós, castas virgens, chamamos dedos de homens mortos. Ahi, em quanto subia para suspender a silvestre corôa nos ramos inclinados, um tronco invejoso estalou, e todos aquelles tropheos campestres cairam com ella no ribeiro em pranto. Seus vestidos fluctuaram, e sustiveram-na por um momento—nova Sirene—em quanto cantava fragmentos de velhas canções, como insensivel ao proprio desastre, ou como uma creatura naturalmente formada para esse elemento. Isto, porém, não durou muito tempo; os vestidos, pesados pela agua absorvida, arrastaram a pobre desventurada, e o seu melodioso canto, a uma morte lodacenta.

LAERTES

Ai de mim! Está pois afogada?

A RAINHA

Afogada! afogada!

LAERTES

Já tens agua de mais, pobre Ophelia! Eu contenho as minhas lagrimas... E todavia (soluça) é um sestro nosso: a natureza conserva os seus habitos, por mais que faça a vergonha. Quando estes prantos tenham corrido, para longe de mim todas as fraquezas feminis. Adeus, meu senhor, tenho palavras de fogo, que re-

bentariam em chammas, se esta dôr louca as não apagasse.

O REI

Sigamol-o, Gertrudes; quanto não me custou a acalmar-lhe o furor! Receio muito que isto lhe provoque um novo impeto. Sigamol-o.

(Saem)

FIM DO QUARTO ACTO



ACTO QUINTO

SCENA I

Um cemiterio

Entram dois coveiros

O PRIMEIRO COVEIRO

Deve ser enterrada em sepultura christã aquella que anticipa voluntariamente a hora da sua salvação?

O SEGUNDO COVEIRO

Eu digo que sim; por conseguinte abre-lhe já a cova. O *coroner* tirou devassa, e concluiu pela sepultura christã.

O PRIMEIRO COVEIRO

Como é isso possivel, a não ser que se afogasse em sua propria defesa?

O SEGUNDO COVEIRO

Então, se a coisa foi julgada assim.

O PRIMEIRO COVEIRO

É evidente que ella morreu—*se offendendo;* não póde ser de outro modo. Este é o ponto de direito: se eu me afogo de livre proposito, isto constitue um acto, e

um acto tem tres ramos: o movimento, a acção e a execução: *argo*, ella afogou-se de proposito deliberado.

O SEGUNDO COVEIRO

Certamente; mas escuta-me, santo homem coveiro.

O PRIMEIRO COVEIRO

Dá licença. Aqui está a agoa,—bom: aqui está o homem,—bom. Se o homem vae ter com a agua e se afoga, é, quer elle queira quer não, porque elle foi lá; nota bem isto. Mas se a agua vem ter com o homem e o afoga, não é elle que se afoga: *argo*, aquelle que não é culpado da sua morte não abrevia a sua vida.

O SEGUNDO COVEIRO

Mas é essa a lei?

O PRIMEIRO COVEIRO

Sim, por Deus, é isto: a lei sobre a devassa que deve tirar o *coroner*.

O SEGUNDO COVEIRO

Queres saber a verdade? Se a morta não fosse pessoa de qualidade, não seria enterrada em sepultura christã.

O PRIMEIRO COVEIRO

Tu o disseste; e é tanto peior para os grandes serem animados, n'este mundo, a afogar-se e a enforcar-se mais do que os outros christãos seus eguaes. Vamos, minha enxada! Não ha fidalgos de linhagem como os jardineiros, os valladores e os coveiros: continuam o officio de Adão.

O SEGUNDO COVEIRO

Adão era fidalgo?

O PRIMEIRO COVEIRO

Foi o primeiro que usou de armas.

O SEGUNDO COVEIRO

Como, se elle não as tinha?

O PRIMEIRO COVEIRO

Quê... tu és pagão? Como entendes a Escriptura? A Escriptura diz: «Adão cavava», podia cavar sem arma? Vou propor-te outra questão: se não responderes peremptoriamente, confessa-te...

O SEGUNDO COVEIRO

Anda lá sempre.

O PRIMEIRO COVEIRO

Qual é o que constroe mais solidamente que o pedreiro, o constructor de navios e o carpinteiro?

O SEGUNDO COVEIRO

O que faz as forcas; porque esta construcção sobrevive a milhares de inquilinos.

O PRIMEIRO COVEIRO

Boa resposta, palavra! A forca faz bem. Mas como faz ella bem? Faz bem para aquelles que fazem mal; ora tu fazes mal em dizer que a forca é mais solidamente construida do que a egreja, *argo*, a forca estava-te a cair. Procura ainda; vamos.

O SEGUNDO COVEIRO

Quem constroe mais solidamente do que um pedreiro, um constructor de navios, ou um carpinteiro?...

O PRIMEIRO COVEIRO

Sim, dize, e ficas livre da canga.

O SEGUNDO COVEIRO

Na verdade, posso dizer-t'o agora.

O PRIMEIRO COVEIRO

Vejamos.

O SEGUNDO COVEIRO

Pelas almas benditas! não posso dizer.

(Apparecem HAMLET e HORACIO a distancia)

O PRIMEIRO COVEIRO

Não fustigues os miolos por mais tempo. Porque o teu burro manhoso não apressa o passo debaixo das arrochadas. E a primeira vez que te fizerem esta pergunta, responde: É o coveiro. As casas que elle constroe, duram até ao juizo final. Vamos, vae á loja de Yanghan buscar-me um pichel de bebida.

(Sae o segundo coveiro)

O PRIMEIRO COVEIRO (cantando e cavando)

Nos dias da juventude,
Em que eu amava, eu amava:
Oh! que prazer não sentia
Quando o tempo abreviava.
Ai! para mim não achava
Nada de maior valia!

HAMLET

Este desalmado não tem consciencia do que faz. Canta abrindo uma cova.

HORACIO

O habito tornou-o familiar com a sua profissão.

HAMLET

É justo: a mão que trabalha pouco, tem o tacto mais fino.

O PRIMEIRO COVEIRO (cantando)

Porém a edade com furtivo passo
Nas garras m'empolgou;
E, contra o meu desejo, n'esta cova
Agora me embarcou.

(Faz saltar um craneo)

HAMLET

Esse craneo teve uma lingua, e podia cantar outr'ora. E este tratante a rolal-o pela terra, como se fôra o craneo de Caim, que praticou o primeiro homicidio! O que este asno despedaça com tanta semceremonia, era talvez a cabeça de um homem de estado, que se julgava capaz de embair a Deus: não é possivel?

HORACIO

É possivel, meu senhor.

HAMLET

Talvez o de um cortezão que soubesse dizer: «Bons dias, amavel senhor! Como vae, meu bom senhor?» Talvez a do fidalgo tal que elogiava o cavallo do fidalgo tal, para lh'o apanhar: porque não?

HORACIO

De certo, meu senhor.

HAMLET

Sim, realmente! e agora esta cabeça é repasto dos vermes. Não tem beiços, e o alvião de um coveiro quebra-lhe a queixada. Edificante revolução, para quem

saiba reflectir n'ella! pois esses ossos não custaram tanto a crear, senão para um dia servirem no jogo da bilharda. Os meus estremecem só de pensar n'isso!

O PRIMEIRO COVEIRO (entra, cantando)

Uma enxada e uma pá,
A mortalha por coberta,
Na terra uma cova aberta,
Ai! que serve muito bem
Para o hospede que vem!

HAMLET

Aqui está outro. Quem sabe se não será o craneo de um jurisconsulto? Aonde estão agora as suas distincções, as suas subtilezas, as suas argucias, as suas injustiças? Porque consente elle que um tal mariola lhe rache a cabeça com a pá enlameada, e não lhe intenta uma acção por offensas corporaes? Vamos!... esse ratão que está ahi, talvez fosse no seu tempo um grande acquiridor de terras, com as suas hypothecas, obrigações, multas, duplas cauções, cobranças. Será talvez para elle a multa das suas multas, a obrigação das suas obrigações, ver agora a sua esplendida cachola cheia de esplendida lama! Por ventura todas essas acquisições, essas cauções, duplicadas como são, não lhe virão a segurar nada além de um logar do tamanho de duas escripturas de venda? Os titulos de trespasse das terras que possuiu, difficilmente se accommodariam n'essa caixa. E não caberá, tampouco, nada mais ao actual proprietario? Hein!?

HORACIO

Nem uma linha de mais, meu senhor.

HAMLET

O pergaminho não é feito de pelle de carneiro?

HORACIO

Sim, meu senhor, e de pelle de bezerro, tambem.

HAMLET

São carneiros e bezerros, os que acreditam na validade de taes titulos. Vou fallar com este amigo. Olá! quem occupa esta cova?

O PRIMEIRO COVEIRO

Eu, meu senhor.
(Cantando)

Na terra uma cova aberta,
Ai! que serve muito bem,
Para o hospede que vem.

HAMLET

Realmente, eu creiu que tu a occupas no sentido de estares dentro d'ella.

O PRIMEIRO COVEIRO

Vós estaes de fóra, de certo que vos não pertence; e quanto a mim, posto me não esteja destinada, é todavia minha.

HAMLET

Tu queres metter-me lá dentro, dizendo-me que a occupas. Essa cova não é feita para um vivo, mas sim para um morto. Bem vês, queres metter-me lá dentro.

O PRIMEIRO COVEIRO

Desmentido por desmentido. Quereis metter-me dentro, dizendo que estou dentro d'ella.

HAMLET

Para que homem a estás abrindo?

O PRIMEIRO COVEIRO

Não é para homem.

HAMLET

Para que mulher, então?

O PRIMEIRO COVEIRO

Não é para homem nem para mulher.

HAMLET

Que é pois, o que se vae enterrar ahi?

O PRIMEIRO COVEIRO

Uma creatura que era mulher, mas, meu senhor, Deus tenha a sua alma em descanço — morreu.

HAMLET

Como este patife é positivo! Precisamos fallar-lhe com a cartilha na mão: não sendo assim, ao mais leve equivoco estamos perdidos. Por Deus, Horacio, anda por tres annos que eu faço uma observação: o seculo vae-se tornando singularmente bicudo, e o dedo do pé do camponez toca tão de perto o calcanhar do homem da côrte, que o esfola. Ha quanto tempo ès tu coveiro!

O PRIMEIRO COVEIRO

Puz-me ao officio no grande dia, no dia em que o nosso defunto rei Hamlet venceu Fortimbraz.

HAMLET

Ha quanto tempo foi isso?

O PRIMEIRO COVEIRO

Ignora? Pois não ha idiota que o não saiba. Foi no

mesmo dia em que nasceu o joven Hamlet, o que está doido e mandaram agora para Inglaterra.

HAMLET

Na verdade, porque é que o mandaram para Inglaterra?

O PRIMEIRO COVEIRO

Porque? porque estava doido: ha de voltar ao seu juizo n'essa terra, e quando não volte não perde grande coisa.

HAMLET

Porque?

O PRIMEIRO COVEIRO

Ninguem lá dá por isso. N'aquelle paiz todos os homens são tão doidos como elle.

HAMLET

Como endoideceu?

O PRIMEIRO COVEIRO

De um modo muito singular, segundo dizem.

HAMLET

Mas como foi?

O PRIMEIRO COVEIRO

Como foi? Perdendo a razão.

HAMLET

Sob que imperio?

O PRIMEIRO COVEIRO

Ora!... Sob o imperio do nosso rei, em Dinamarca. Eu tenho sido coveiro aqui, em creança e depois de homem feito; ha trinta annos.

HAMLET

Quanto tempo póde estar debaixo da terra um homem sem apodrecer?

O PRIMEIRO COVEIRO

Conforme, se já não está pôdre antes de morrer (porque estamos vendo todos os dias corpos syphiliticos, que só a muito custo conseguimos enterrar), póde durar oito ou nove annos. Um curtidor dura-lhe nove annos.

HAMLET

Porque motivo dura mais do que outro qualquer?

O PRIMEIRO COVEIRO

Ah! é que tem a pelle de tal modo curtida, que não entra a agua com ella senão passado muito tempo; e sabeis que a agua é o maior inimigo do vosso corpo, nascido de uma perdida. Vêde, aqui está um craneo que tem jazido debaixo da terra vinte e tres annos.

HAMLET

A quem pertencia.

O PRIMEIRO COVEIRO

A um bobo, filho de uma d'essas perdidas. Quem julgaes que fosse?

HAMLET

Palavra que não sei.

O PRIMEIRO COVEIRO

Má peste levasse aquelle damnado farçante. Uma vez despejou-me um frasco de vinho do Rheno por cima da cabeça. Este mesmo craneo, senhor, era o craneo de Yorick, truão do rei.

HAMLET

Este?

O PRIMEIRO COVEIRO

Isso que está ahi.

HAMLET

Ai de mim, pobre Yorick!... Conheci-o, Horacio! Era um rapaz de uma facundia immensa, de uma phantasia brilhante: trouxe-me ás cavalleiras mil vezes. E agora repugna-me á imaginação: só de lembral-o se me revolta o estomago. Aqui pendiam seus labios, que eu beijei, tanto e tanto!... Onde estão os teus gracejos, os teus repentes, as tuas canções, e aquelles relampagos de alegria, que faziam rebentar a meza n'uma salva de gragalhadas. Como! nem uma palavra para mofares da carêta que tu proprio estás fazendo? Foram-se os labios? Vae agora procurar certa dama ao seu quarto, e dize-lhe, que por mais que se pinte, é forçoso que venha a ter um dia esta cara. Faze com que ella ria muito de tal gracejo... Horacio, peço-te que me digas uma coisa...

HORACIO

Qual, meu senhor?

HAMLET

Julgas que Alexandre podesse ter esta mesma cara debaixo da terra?

HORACIO

Decerto.

HAMLET

E este cheiro?... Puff!

HORACIO

Sim, por certo, meu senhor.

HAMLET

A que vilissimos usos não podemos nós ser rebaixados, Horacio! Quem lograrà impedir a imaginação de ir seguindo o nobre pó de Alexandre até encontral-o rolhando o buraco de um tonel?

HORACIO

Fôra examinar as coisas demasiado miudamente o examinal-as d'esse modo.

HAMLET

Não, palavra, não lhe tiro um atomo: podemos, sem nos perder, seguir esses rastos com grande probabilidade de alcançarmos um bom resultado. Por exemplo, escuta: Alexandre morreu; Alexandre está enterrado; Alexandre converteu-se em pó; o pó é a terra; da terra fazemos greda, e com esta greda, na qual Alexandre se transformou, quem nos impede de barrar um ancorote de cerveja?

«Cesar imperial, depois de morto
E transformado em barro, poderia
Servir para tapar qualquer buraco
Por onde entrasse o vento. Oh! que esta argila,
Que fez tremer o mundo, sirva agora
De calafeto a um muro, repellindo
O furacão do inverno!»

Mas, silencio! silencio! afastemo-nos. Ahi vem o rei. (Entram em procissão os padres. O corpo de OPHELIA, LAERTES e as carpideiras acompanhando. Depois o REI, a RAINHA e a sua comitiva) A rainha! os cortezãos! De quem é o enterro que elles acompanham? Porque são os ritos truncados? Isto significa, que o corpo que elles seguem, poz termo á vida com mão desesperada. Era pessoa de gerarchia. Escondamo-nos por um momento, e observemos.

(Retira-se com HORACIO)

LAERTES

Que ceremonias faltam ainda?

HAMLET (á parte)

Aquelle é Laertes, um nobre moço, attenção!

LAERTES

Que ceremonia falta?

PRIMEIRO PADRE

As suas exequias foram celebradas com toda a latitude, que nos foi permittida. A sua morte era suspeita, e, se uma ordem soberana não houvesse forçado a regra, ella seria deposta em terra não sagrada até á trombeta final. Em vez de orações piedosas, cacos, seixos e pedras seriam lançados sobre sua sepultura. E apesar de tudo concederam-se-lhe corôas virginaes, o enterro das donzellas, e o ser trazida para o campo santo ao dobrar dos sinos.

LAERTES

Não ha mais nada a fazer?

PRIMEIRO PADRE

Mais nada. Nós profanariamos o officio dos defunctos, cantando o *requiem* a implorar para ella, o mesmo descanço que se implora para as almas que se vão em paz.

LAERTES

Deponde-a na terra: e possa a sua carne immaculada fazer desabrochar as violetas! Padre bestial,—sou eu que t'o digo—minha irmã transformar-se-ha n'um anjo ministro do senhor, e tu—has de ir urrar nos infernos!

HAMLET

Como! a bella Ophelia!

A RAINHA (deitando flores sobre o cadaver)

Flores sobre uma flor! Adeus! Esperava ver-te esposa do meu Hamlet. Contava, meiga creança, enfeitar o teu leito nupcial, e não juncar-te o tumulo.

LAERTES

Oh! que uma triplice desgraça caia, dez vezes triplicada, sobre a maldita cabeça d'aquelle, cujo scelerado procedimento te privou da tua nobre intelligencia. Suspendei essas pás de terra por um momento, para que eu possa ainda uma vez apertal-a em meus braços. (Salta dentro da cova) Agora amontoae o pó sobre o vivo e sobre a morta, até que tenhaes formado, d'esta superficie, uma montanha que exceda o velho Pelion, ou a celeste cabeça do Olympo azul.

HAMLET (avançando)

Quem é aquelle cuja dôr se apresenta com tal emphase? cujo grito de desespero conjura os astros errantes e os obriga a parar, como ouvintes feridos de espanto? Eis-me aqui. Sou eu, Hamlet, o Daneo!

(Salta dentro da cova)

LAERTES (agarrando-o)

Que o demonio empolgue a tua alma!

HAMLET

Tu não sabes resar. Tira-me os dedos da garganta; porque, com quanto eu não seja bulhento, nem arrebatado, tenho em mim o que quer que seja de perigoso, e andarás bem evitando-o. Para baixo as mãos!

O REI

Separae-os!

A RAINHA

Hamlet! Hamlet!

TODOS

Senhores!

HORACIO

Meu bom senhor, socegae-vos.

(Os circumstantes separam-nos e elles saem da cova)

HAMLET

Sim, quero luctar com elle por esta causa, até que as minhas palpebras decaiam mortaes.

A RAINHA

Qual é essa causa, ó meu filho?

HAMLET

Eu amava Ophelia: quarenta mil irmãos, com todos os seus amores reunidos, não chegariam a perfazer a somma do meu. (A LAERTES) Que estás tu decidido a fazer por ella?

O REI

Oh! elle está louco, Laertes.

A RAINHA

Pelo amor de Deus, desculpae-o!

HAMLET

Ceos e terra! Vejamos o que queres fazer. Queres chorar? bater-te comigo? jejuar? despedaçar-te? tragar vinagre? comer um crocodilo? Farei tudo isso... Vens aqui com caramunhas? Para me desafiar saltando dentro d'essa cova? Sê enterrado vivo com ella, que

eu o serei tambem. E já que estás bravateando a proposito de montanhas, sobreponham-se essas montanhas em cima de nós por milhares de geiras, até que a nossa collina tenha o cimo avermelhado pela zona ardente, e faça parecer o Ossa do tamanho de uma verruga. Não! Se tu esbravejas, eu hei de bramir tão alto como tu.

A RAINHA

Isto é a loucura! O accesso vae durar ainda algum tempo; depois manso como a pomba, cuja prol doirada acaba de abrir, recairá em silencioso abatimento.

HAMLET (a LAERTES)

Escutae, senhor: porque motivo me trataes de tal modo? Amei-vos sempre. Mas não importa. O proprio Hercules não faria mais. O gato ha de miar, o cão ha de ter o seu dia.

O REI

Bom Horacio, peço-te que o acompanhes.

(HORACIO sae)

O REI (continuando)

Confortae a vossa paciencia com as palavras de hontem á noite. Nós vamos immediatamente levar o negocio ao seu desenlace. (Á RAINHA) Cara Gertrudes, mandae vigiar vosso filho. (Á parte) Esta cova ha de ter um monumento vivo. Está proxima, para nós, a hora do repouso. Até lá andemos com paciencia.

(Saem)

SCENA II

No castello

Entram HAMLET e HORACIO

HAMLET

Basta saber este ponto, meu caro: agora vamos a outro. Lembram-te todas as circumstancias?

HORACIO

Lembram-me, meu senhor.

HAMLET

Meu caro, havia no meu coração uma especie de combate que me tirava o somno; sentia-me tão incommodado como os turbulentos mettidos a ferros. Foi um rasgo de audacia, e bemdita seja a audacia em taes casos! Fiquemos sabendo que a nossa imprudencia nos serve algumas vezes bem, quando falham os nossos profundos calculos. Isto deve ensinar-nos que ha uma Divindade, cuja mão afeiçôa os projectos que nós tinhamos apenas deliniado.

HORACIO

Eis ahi uma coisa bem certa.

HAMLET

Saí do meu beliche, embrulhado no meu gabão de marinheiro, caminhando ás escuras e ás apalpadelas para os achar, e logrei achal-os. Empolguei o pacote e voltei para o meu quarto. Os meus temores tiravam-me de escrupulos, affoitei-me a romper os sellos das mensagens officiaes, onde encontrei, Horacio! ó malvadez re-

gia! uma ordem formal — lardeada com um sem numero de razões... A Dinamarca a salvar, a Inglaterra tambem... Ah! ah! o perigo de conservar a vida a um tal lobishomem, a um tal papão como eu! — Ordem que seria executada sem demora, — sem mesmo dar tempo a afiar o cutello — cortavam-me a cabeça.

HORACIO

É tal possivel!

HAMLET

Aqui está a mensagem; lêl-a-has com mais vagar. Mas agora queres ouvir como eu procedo?

HORACIO

Fallae, peço-vol-o.

HAMLET

Enredado, d'este modo na cilada, não teria tempo de adivinhar o prologo, quando já elles haveriam começado a peça! Sentei-me; imaginei outra mensagem; escrevi-a com a minha melhor lettra. Julgava n'outro tempo, como os nossos maiores homens de estado, que era um aviltamento ter boa lettra, e dei-me a perros para esquecer essa prenda, mas n'aquelle momento, meu caro, prestou-me um serviço eminente. Queres saber o conteudo do que escrevi?

HORACIO

Sim, meu bom senhor.

HAMLET

Uma supplica instante dirigida a seu primo de Inglaterra, como tributario fiel. Se este quizesse que a palma do affecto florecesse entre ambos, que a paz conservasse sempre a sua corôa de espigas, e ficasse como uma linha de união entre as suas amizades, e emfim

por muitas outras considerações de grande peso, devia, logo que fosse lido o despacho, sem outra fórma de processo, sem lhes dar tempo a confessarem-se, mandar immediatamente decapitar os dois portadores.

HORACIO

Como póde vossa alteza sellar o despacho?

HAMLET

Ora ahi está, n'isto mesmo se mostrou a Providencia celeste. Tinha no meu bolso o sinete de meu pae, que serviu de modelo para o sello da Dinamarca. Dobrei a carta do mesmo modo que a outra, puz o sobrescripto, sellei-a, colloquei-a no logar proprio e não deram pela creança trocada. No dia seguinte veiu o combate maritimo; o resto já tu o sabes.

HORACIO

Visto isso Guildenstern e Rosencrantz vão direitinhos ao caso.

HAMLET

Então, amigo, foram elles que procuraram a comissão: não me mordem na consciencia. É perigoso, para creaturas inferiores, encontrarem-se no meio de uma passagem, entre as espadas temiveis e rutilantes de dois adversarios poderosos!

HORACIO

Que rei este, ó meu Deus!

HAMLET

Não julgas que tenho agora algumas obrigações a cumprir? Aquelle que matou meu pae, e fez de minha mãe uma mulher perdida, que se atravessou entre a vontade do povo e as minhas esperanças, que me ati-

rou o anzol á propria vida, e com tal perfidia, vamos, não devo eu, em consciencia, castigal-o com este braço? Não é uma acção damnada consentir que este cancro da humanidade continue nas suas devastações?!

HORACIO

Em breve elle saberá de Inglaterra, qual foi o resultado do negocio.

HAMLET

Não tardará muito. O tempo que medeia pertence-me, e a vida de um homem acaba-se n'um ai. Mas, meu caro Horacio, sinto haver-me excedido com Laertes. Na minha propria causa vejo a imagem da sua. Preso-lhe a estima, porém, realmente, as jactancias d'aquella dôr pozeram-me fóra de mim.

HORACIO

Silencio, quem vem ahi?

(Entra Osric)

OSRIC (descobrindo-se)

Felicito-me pela volta de vossa alteza a Dinamarca.

HAMLET

Humildemente vol-o agradeço, senhor. (A Horacio) Conheces este moscardo?

HORACIO

Não, meu bom senhor.

HAMLET

Segue-se que estás em mais perfeito estado de graça, porque é um peccado conhecel-o. Possui muitas terras, e das mais ferteis. Quando um animal é dono de outros animaes, tem sempre a sua mangedoira á meza do rei.

É um papagaio, mas, como te disse, vasto proprietario de lama.

OSRIC

Amavel senhor, se vossa alteza está com vagar, tenho uma communicação a fazer-lhe da parte de sua magestade.

HAMLET

Recebel-a-hei com todo o alvoroço do meu espirito. Faça do seu chapeo o verdadeiro uso; foi feito para se pôr na cabeça.

OSRIC

Agradeço a vossa alteza, faz muito calor.

HAMLET

Não, creia, faz muito frio: o vento está do norte.

OSRIC

Com effeito, meu senhor, faz bastante frio.

HAMLET

E todavia, para o meu temperamento, acho um calor suffocante.

OSRIC

Excessivo, meu senhor; um calor suffocante... a um ponto... que eu não sei dizer... Meu senhor, sua magestade encarregou-me de significar-vos que tinha feito uma grande aposta... Aqui está, meu senhor, de que se trata.

HAMLET (fazendo-lhe signal para que se cubra)

Então... lembrae-vos...

OSRIC

Não, palavra; estou mais á minha vontade, palavra de honra!—Meu senhor, temos na côrte um recemche-

gado — é Laertes. Acreditae-me, é um completo fidalgo; dotado das mais variadas perfeições, de maneiras muito affaveis e bello rosto. Realmente, dizendo o que se deve, é o calendario, o compendio da elegancia. Achareis n'elle o trato da mais alta sociedade, quanto um aristocrata póde conhecer de fino.

HAMLET

Senhor, elle não póde queixar-se do retrato que fazeis da sua pessoa, e, todavia, o inventario dos seus dotes por miudo, não é conta para se resolver de cabeça. Só em grosso se póde avaliar a carga das suas finas qualidades. Em quanto a mim, para conter o meu enthusiasmo nos limites da verdade, tenho-o como caracter de subido valor. Ha n'elle tal mistura de raridades e curiosidades, que, para o pintar bem, não tem semelhante senão no seu espelho, e qualquer outro retrato seria apenas uma sombra.

OSRIC

Vossa alteza falla d'elle como juiz infallivel.

HAMLET

Para que serve isto, senhor? Para que estamos cubrindo esse cavalheiro de phrases grosseiras?

OSRIC

Senhor?

HORACIO

Não seria possivel que vos explicasseis n'outra linguagem? Servos-hia facil, realmente, senhor.

HAMLET

Para a questão que importa o nome d'esse personagem?

OSRIC

De Laertes?

HORACIO

Tem já a bolsa vasia. Exhauriu todo o oiro das suas palavras.

HAMLET

D'elle, senhor?

OSRIC

Supponho que não sois ignorante...

HAMLET

Tanto melhor, se tendes essa opinião a meu respeito; mas, quando a tenhaes, isso não prova nada em meu abono. Então, senhor?

OSRIC

Quero dizer que não ignoraes a superioridade que Laertes tem no jogo das armas...

HAMLET

Não me atrevo a affirmal-o, com receio de me comparar a elle: para se conhecer um homem a fundo, é preciso ser outro elle.

OSRIC

Eu queria fallar da superioridade que Laertes tem na sua arma. Segundo a fama, é de uma destresa sem rival.

HAMLET

Qual é a sua arma?

OSRIC

A espada e a adaga.

HAMLET

Essas são duas das suas armas: então, e depois?

OSRIC

O rei, meu senhor, apostou seis cavallos da Barbaria, contra os quaes, disseram-me, Laertes arrisca seis espadas e seis punhaes de França, com os seus talins, cinturões, talabartes, etc. Tres d'esses magnificos trens, são realmente de invenção rara, no mesmo estylo dos copos, de um lavor delicadissimo e sumptuoso.

HAMLET

A que chamaes — *trens?*

HORACIO (a HAMLET)

Sei que o não largareis, emquanto as suas explicações vos não tiverem edificado.

OSRIC

Os trens, senhor, são talabartes.

HAMLET

O termo seria proprio se trouxessemos uma peça de artilheria á cinta: por emquanto contentemo-nos com chamar-lhes talabartes. Seis cavallos da Barbaria, contra seis espadas de França, e seus pertences, com tres cinturões elegantes. Eis ahi a parada danica contra a parada franceza. E sobre que é feita essa aposta?

OSRIC

O rei apostou, meu senhor, que, sobre doze botes trocados entre vós e Laertes, este não levaria a melhor de tres botes. Laertes apostou que vos chegaria nove vezes em doze. E a prova far-se-ha immediatamente, se vossa senhoria se dignar de responder.

HAMLET

Como, se eu responder: não?

OSRIC

Quero dizer, meu senhor, se vos dignardes de oppor a vossa pessoa a esta prova.

HAMLET

Senhor, eu vou passeiar na sala proxima: quando convenha a sua magestade, esta é a minha hora de espairecer. Tragam os floretes; se esse cavalheiro está disposto, e por menos que o rei insista na sua aposta, fal-o-hei ganhar se poder; senão ficarei quite com a vergonha e os botes a mais.

OSRIC

Levarei essa resposta?

HAMLET

N'este sentido, senhor; juntando-lhe todas as flôres proprias do vosso engenho.

OSRIC

Recommendo a minha dedicação a vossa senhoria.

(Sae)

HAMLET

A sua dedicação! a sua dedicação!... Faz bem em recommendal-a; não ha outras linguas que se incumbam d'isso.

HORACIO

Este abibe corre levando na cabeça a casca do seu ovo.

HAMLET

Fazia cumprimentos ao peito da ama antes de mamar. Como muitos outros da mesma laia que eu vejo regurgitar n'este mundo superficial, limita-se a tomar os ares da moda e os usos exteriores da sua sociedade.

Especie de espuma que a fermentação faz subir ao de cima da opinião ardente e agitada: para essas bolhas, fazei a experiencia; basta um sopro—rebentam!

(Entra um cortezão)

O CORTEZÃO

Meu senhor, o rei mandou-vos cumprimentar pelo joven Osric, o qual lhe dise que o esperaveis n'esta sala. Enviou-me para saber se é do vosso agrado principiar a partida com Laertes ou adial-a.

HAMLET

Sou constante nas minhas resoluções, acompanham a vontade d'el-rei. Se Laertes está prompto, eu estou tambem, immediatamente, ou pouco importa quando, com tanto que esteja tão disposto como agora.

O CORTEZÃO

O rei, a rainha e toda a côrte, vão chegar.

HAMLET

Sejam bem vindos.

O CORTEZÃO

A rainha pede-vos que façaes um acolhimento cordeal a Laertes, antes de dar principio ao assalto.

HAMLET

Dá-me um bom conselho.

(Sae o cortezão)

HORACIO

Ides perder a partida, meu senhor.

HAMLET

Não creio; desde que elle foi para França, exerci-

tei-me constantemente: com o que me tenho aperfeiçoado, hei de ganhar. Mas tu não podes ter idéa do mal estar que eu sinto aqui, do lado do coração. Não importa!

HORACIO

E todavia, meu senhor...

HAMLET

É uma necedade: especie de presentimento, proprio para perturbar uma mulher:

HORACIO

Se sentis no animo alguma repugnancia, obedecei a ella. Vou previnil-os de que não venham, dizendo-lhes que vos achaes indisposto.

HAMLET

Por modo algum. Nós affrontamos com os presagios: ha uma Providencia especial até para a queda de um pardal. Se a minha hora chegou não está para chegar; se não está para chegar, chegou. Que seja agora ou mais para o futuro, estejamos promptos. Eis a que se resume tudo. Visto que o homem não é dono do que deixa, que importa que o deixe cedo?

(Entram o Rei, a Rainha, Laertes, Osric, fidalgos, criados, trazendo floretes, guantes, uma mesa e frascos de vinho)

O REI

Vinde, Hamlet, vinde e tomae esta mão que vos apresento.

(O Rei põe a mão de Laertes na de Hamlet)

HAMLET

Perdoae-me, senhor. Offendi-vos; mas perdoae-me como gentil-homem. Os que estão aqui presentes sa-

bem, e vós deveis ter conhecimento das crueis alucinações de que sou victima. Se fiz alguma coisa que podesse irritar o vosso animo, a vossa honra, o vosso resentimento, aqui proclamo esse acto como acto de loucura. Foi porventura Hamlet que offendeu Laertes? Nunca jàmais foi Hamlet. Se Hamlet é arrebatado a si proprio, e se, não sendo elle, offende Laertes, então não é Hamlet que praticou o acto, e renega-o. Quem o praticou, pois?—a sua loucura. Se assim é, Hamlet é do partido dos offendidos, o inimigo do pobre Hamlet é a sua propria loucura. Senhor, depois de retirar toda a intenção má diante d'este auditorio, possa eu não ser condemnado no vosso generoso pensamento, senão como se, lançando uma frecha por cima da casa, houvesse ferido meu irmão.

LAERTES

O meu coração está satisfeito; cessaram n'elle os agravos que me impelliam com mais força à vingança. Mas no terreno da honra fico de parte e não quero reconciliações, até que os arbitros, mais velhos, de reconhecida lealdade, me imponham, em vista dos precedentes, uma sentença de paz que salvaguarde o meu nome. Até lá acceito como boa estima a amisade que me offereceis, e não farei nada que possa feril-a.

HAMLET

Acceito com franqueza essa declaração, e empenho-me lealmente n'esta justa fraterna. Dae-nos os floretes; vamos.

LAERTES

Então, deem-me um!

HAMLET

Vou ser o vosso plastrão, Laertes: a par da minha

inexperiencia, como um astro na noite mais negra, a vossa destreza vae resair com fulgor.

LAERTES

Zombaes de mim, meu senhor.

HAMLET

Não, eu vol-o juro!

O REI

Dae-lhe os floretes, joven Osric. Primo Hamlet, conheceis a aposta?

HAMLET

Perfeitamente, meu senhor. Vossa graça apostou muito forte pelo lado mais fraco.

O REI

Não estou inquieto: tenho-os visto a ambos... Além d'isso, como Hamlet se tem adestrado, a probabilidade está por nós.

LAERTES (experimentando um florete)

Este é muito pesado: vejamos outro.

HAMLET

Este serve-me. Todos os floretes teem o mesmo comprimento?

OSRIC

Sim, meu bom senhor.

(Põem-se em guarda)

O REI

Ponham-me os frascos de vinho sobre aquella mesa: se Hamlet der o primeiro ou segundo bote ou responder ao terceiro, que todas as baterias façam fogo com todas as peças: o rei beberá á saude de Hamlet, e dei-

tará no copo uma *união*, a perola mais preciosa do que quantas os nossos reis predecessores trouxeram na corôa de Dinamarca. Dae-me os copos. Que os timbales digam ás trombetas, as trombetas aos artilheiros de fóra, os canhões aos ceos, os ceos á terra, que o rei bebe á saude de Hamlet! Vamos, principiae, e vós, juizes, tende o olho attento.

HAMLET

Em guarda, senhor.

LAERTES

Em guarda, meu senhor.

(Começam no assalto)

HAMLET

Uma.

LAERTES

Não.

HAMLET

Venham os juizes.

OSRIC

Um bote, visivelmente, um bote.

LAERTES

Seja: recomecemos.

O REI

Esperae que me deem de beber: Hamlet, esta perola é para ti; bebo á tua saude. Dae-lhe a copa.

(Tocam as trombetas; ruido de canhões fóra)

HAMLET

Quero primeiro terminar este assalto; ponde-a de parte por um momento. Vamos.

(O assalto recomeça)

HAMLET (continuando)

Ainda outro bote: que dizeis?

LAERTES

Sim, confesso; não ha duvida.

O REI

O nosso filho ha de vencer.

A RAINHA

Está gordo e com falta de folego. Aqui tens, Hamlet, toma o meu lenço e enxuga a testa. A rainha bebe para que tu leves a melhor, Hamlet.

HAMLET

Minha boa senhora!

O REI

Gertrudes, não bebas...

A RAINHA (pegando na copa)

Hei de beber, meu senhor; desculpae-m'o; peço-vol-o.

O REI (á parte)

É a copa envenenada. É já tarde!

HAMLET

Eu não me atrevo a beber por agora. Logo.

A RAINHA

Vem, deixa-me enxugar-te o rosto.

LAERTES (ao Rei)

Meu senhor, d'esta vez vou-lhe dar.

O REI

Não creio.

LAERTES (á parte)

E todavia é quasi contra a minha consciencia.

HAMLET

Vamos ao terceiro, Laertes; não fazeis senão brincar; peço-vos que atireis com toda a força; receio que me estejaes tratando como se fôra uma creança.

LAERTES

Dizeis isso? Em guarda.

(Tornam a principiar)

OSRIC

Nada de ambos os lados.

LAERTES

A vós agora.

(Laertes fere Hamlet. Depois, esgrimindo, trocam os floretes.—Hamlet fere Laertes)

O REI

Separae-os. Estão enfurecidos.

HAMLET

Não; tornemos a principiar.

(A Rainha cae desmaiada)

OSRIC

Acudi á rainha, oh!

HORACIO

Teem sangue ambos. Como foi isto, meu senhor.

OSRIC

Como estás, Laertes?

LAERTES

Ah! como uma gallinhola preso na minha propria armadilha, Osric! Sou victima da minha traição.

HAMLET

Como está a rainha?

O REI

Desmaiou vendo-os ensanguentados.

A RAINHA

Não! não! aquella bebida! aquella bebida! Ó meu querido Hamlet!—aquella bebida! aquella bebida! Estou envenenada!

(A Rainha expira)

HAMLET

Oh! infamia. Olá! fechem as portas. Houve uma traição, é preciso descobril-a.

LAERTES

Eil-a aqui, Hamlet. Hamlet, estás assassinado. Não ha remedio no mundo que possa salvar-te; já não tens meia hora de vida; a arma traidora está na tua mão, desembotada e venenosa; o golpe hediondo voltou-se contra mim. Olha, vou cair para nunca mais me levantar. Tua mãe está envenenada; não posso mais.. O rei... o rei é o culpado.

HAMLET

O ferro está tambem envenenado! Vamos, veneno, á tua obra!

(Fere o Rei)

OSRIC e os FIDALGOS

Traição! traição!

O REI

Oh! defendei-me, meus amigos; estou apenas ferido.

HAMLET

Toma, tu, incestuoso, sanguinario, dinamarquez damnado! Bebe o resto. A união está lá? Segue minha mãe.

(O Rei morre)

LAERTES

Tem o que merece; é um veneno preparado por elle proprio. Troca o teu perdão com o meu, nobre Hamlet. Que a minha morte e a de meu pae não recaiam sobre ti, nem a tua sobre mim!

(Morre)

HAMLET

Que o ceo te absolva! Vou seguir-te. Morro, Horacio. Rainha miseravel, adeus! Vós impallideceis e tremeis em presença d'esta catastrophe, mudos ouvintes d'este drama!... Se eu tivesse tempo, se a morte, agarrador feroz, me não prendesse com tanto aperto,—oh! poderia dizer-vos... Mas resignemo-nos: Horacio, eu morro; porém tu vive, justifica a minha causa perante aquelles que a ignoram.

HORACIO

Não espereis tal. Sou mais um romano do que um danico. Ainda resta algum licor.

HAMLET

Se és homem, dá-me essa copa: larga-a. Pelo ceo que será minha! Deus!... Que nome tão manchado, quando as coisas passassem desconhecidas, me não sobreviria! Se alguma vez me trouxeste em teu coração, ausenta-te por algum tempo ainda, da felicidade celeste, e

respira a custo n'este mundo cruel, só para poderes contar a minha historia!

(Marcha militar ao longe; tiros de mosqueteria detraz do theatro)

HAMLET (continuando)

Que ruido marcial é este?

OSRIC

É o joven Fortimbraz que chega vencedor da Polonia, e que sauda os embaixadores inglezes, com esta salva guerreira.

HAMLET

Oh! eu morro, Horacio! O veneno poderoso afoga-me a respiração. Não posso viver bastante para receber novas de Inglaterra, mas prevejo que a eleição recaiu em Fortimbraz; approvo-a com voz moribunda; conta-lhe, com mais ou menos pormenores, o que provocou... O resto é o silencio!

(Morre)

HORACIO

Eis ahi um nobre coração que se quebra. Adeus, affavel principe; possam innumeros anjos embalar-te com os seus cantos.

(Marcha militar detraz da scena)

HORACIO (continuando)

Que significa este rufar de tambores?

(Entram FORTIMBRAZ, os embaixadores de Inglaterra e outros)

FORTIMBRAZ

Aonde está esse espectaculo?

HORACIO

Que desejaes vêr? Se é uma desgraça ou um prodigio, não procureis mais longe.

FORTIMBRAZ

Este montão clama: Carniceria!... Ó morte orgulhosa, que festim preparas no teu antro eterno, para de um só golpe abateres tantos principes?

O PRIMEIRO EMBAIXADOR

Este espectaculo é horripilante; e os nossos despachos chegam muito tarde de Inglaterra! Tem o ouvido insensivel aquelle que nos devia escutar, e a quem tinhamos a dizer que as suas ordens estavam cumpridas, que Rosencrantz e Guildenstern foram mortos. De quem receberemos os agradecimentos?

HORACIO

Não da sua bocca, quando vivo podesse agradecer-vos. Elle nunca ordenou a morte d'elles. Porém, visto que chegastes improvisamente, no meio d'esta crise sanguinolenta, vós que vindes da guerra de Polonia, e vós da Inglaterra, dae ordem para que estes corpos sejam postos n'um estrado alto, á vista de toda a gente, e deixae-me dizer ao mundo, que o ignora ainda, como isto se passou. Então ouvireis fallar de actos carnaes, sanguinarios, contra a natureza; castigos inflingidos pelo acaso, assassinios involuntarios; mortes causadas pela perfidia ou por força maior; e por desenlace as conjurações que por engano cairam sobre a cabeça dos seus auctores: eis ahi quanto eu posso contar-vos sem mentir.

FORTIMBRAZ

Apressemo-nos em ouvil-o, e convoquemos os mais nobres do auditorio. Em quanto a mim é com dôr que abraço a minha boa fortuna; tenho sobre este reino direitos não esquecidos, que o meu interesse me obriga a revindicar.

HORACIO

Tenho tambem a missão de fallar em nome de alguem cuja voz ha de arrastar a muitos outros. Mas punhamos mãos á obra immediatamente, em quanto os espiritos estão ainda espantados, com medo de que alguma conjuração ou alguma imprudencia venha a occasionar novas desgraças.

FORTIMBRAZ

Quatro capitães tragam Hamlet para o estrado real, como um guerreiro; porque se tivesse ascendido á corôa, houvera sido um grande rei. Na sua passagem, as musicas militares e as salvas guerreiras estrondeiem em sua homenagem. Levae os cadaveres: tal espectaculo só está bem n'um campo de batalha; aqui é repugnante. Ide! ordenae aos soldados que deem as descargas.

(Marcha funebre.—Saem levando os cadaveres.—Salva de artilheria)

FIM DO HAMLET

NOTAS

Nota A

HORACIO

«Um bando de aventureiros, que não tem eira nem beira.» (Pag. 14.)

Landless, diz o original: que não possuem terras ou bens de raiz, litteralmente. A locução popular, de que me servi, parece-me expressar a idéa do auctor, que se refere a mercenarios, vagabundos, que não teem que perder; n'uma palavra, gente sem eira nem beira, nem ramo de figueira.

Nota B

HAMLET

«Se o eterno não tivesse decretado leis contra o suicidio.» (Pag. 22.)

O texto diz: «*no fixe'd his canon.*» É um *calembourg* entre *canon,* lei da egreja e *cannon,* peça de artilheria. Em portuguez não se póde dar, ao passo que todos os traductores francezes o fazem, sem ter, nem ao menos, de alterar a orthographia. A palavra *fixe'd,* quando houvesse duvida, mostra que Shakespeare lhe quiz dar duplo sentido.

Nota C

POLONIO

«Quereis, meu senhor, deixar estes ares? etc.» (Pag. 66.)

É esta passagem de difficilima interpretação. O original diz: *Will you walk out of the air, my lord.*

HAMLET

Into my grave?

POLONIO

Indeed, tha is out o'the air.

Ha aqui um jogo de palavra que se não póde apanhar na versão. E todos os traductores a que nos soccorremos não nos elucidaram. Nenhum dos francezes, incluindo Guizot e Hugo, nem as excellentes versões de Rusconi e Jayme Clark, nos tiraram de difficuldades.

Guizot e Hugo tradúzem, com pequena differença um do outro, e ambos fóra do sentido do original.

POLONIO

Irez-vous changer d'air, Monseigneur?

HAMLET

Où celà? dans mon tombeau?

POLONIO

Ce serait, en réalité, changer d'air. (F. Hugo)

Consultámos amigos que sabem perfeitamente inglez, sobre

a interpretação d'esta passagem. Um d'elles foi o nosso caro e presadissimo visconde de Castilho, Julio, que se soccorreu a alguns inglezes dos mais illustrados, residentes em Lisboa, e nem esses poderam resolver-nos as duvidas. Remediámo-nos com a prata de casa. Ahi fica a nossa versão, e acceitaremos, de bom grado, outra melhor, para uma segunda edição, que porventura haja de se fazer.

Nota D

ROSENCRANTZ

«Sim, meu senhor, levam Hercules e o seu mundo.» (Pag. 74.)

Toda esta passagem não é mais de que um tecido de allusões á historia dos diversos theatros, que se haviam estabelecido pouco antes da representação do *Hamlet*, e em que os meninos do côro da egreja de S. Paulo e da capella real da rainha Isabel, faziam concorrencia á companhia de Shakespeare. Não é só da concorrencia que Shakespeare se queixa, mas tambem dos abusos e desordens que se davam na scena com os novos actores. As invectivas pessoaes corriam desenfreadas. Vê-se na *Apologia dos actores*, por Heywood, publicada em 1612, «que o estado, a côrte, a lei, a cidade e os seus governadores, não eram por fórma alguma poupados, e que certos actores, pondo as suas amargas invectivas em boccas infantís, contavam que a tenra edade dos comediantes, seria como um privilegio para salvaguardar aquellas violencias contra o caracter de diversos homens privados e vivos, nobres ou outros.»

Em breve, porém, houve escandalo; uma parte do publico aborreceu-se e desviou-se; as representações das creanças foram prohibidas de 1591 a 1600.

O theatro de Shakespeare era o do Globo, e tinha como emblema Hercules sopesando o mundo.

Vid. Guizot, *Hamlet*, pag. 182. Nova edição, 1862.

Nota E

HAMLET

«Praza a Deus que a vossa voz, como a moeda de oiro que não tem curso, não venha a falhar no circulo da vossa garganta.» (Pag. 77.)

Era uso em Inglaterra, perder o curso a moeda de oiro, quando tinha uma falha no circulo, em cujo centro estava a effigie do rei. Vid. Guizot e F. Hugo.

Nota F

HAMLET

«Era um prato de *caviar* para o paladar da populaça.» (Pag. 77.)

Já no fim do seculo XVI, em Inglaterra, era muito apreciado este acipipe, que ainda hoje tem grande merito para os gastronomos. Nós achamos o tal prato, pouco mais ou menos, detestavel. Muito mais valem as ovas séccas do nosso excellente atum do Algarve. O *caviar* é uma moda, uma elegancia, como tantas outras de diversissimo genero, e só por isso apreciado.

Nota G

O PRIMEIRO COMEDIANTE

«Mas quem viu a rainha embiocada...» (Pag. 80.)

The mebbled queen, termo obsoleto. Usa d'elle nos *Gentishomens de Verona. The moon does mobble up herself*. Embiocada, parece-me dar perfeitamente o sentido.

Nota H

HAMLET

«Desde a cabeça aos pés todo é *vermelho.*» (Pag. 78.)

Gules diz o original. *Goles*, côr vermelha em linguagem heraldica.

Nota I

HAMLET

«Horrivelmente tinto pelo sangue
Dos paes, das mães, dos filhos e das filhas!
Sangue cosido e em seixos coagulado
Pelas chammas do incendio: luz terrivel
Que illumina as crueis carnificinas! etc.» (Pag. 78.)

Tem-se contraversado muito esta passagem e as que se lhe seguem. A nós sempre nos produziu a impressão de uma parodia, tendendo a satyrisar o estylo empolado e falso da época. Achámos confirmada esta nossa opinião em Pope, Warburton, Dryden, F. Hugo, etc.

Nota J

O PRIMEIRO COMEDIANTE

«Conservando-se
Neutral entre o desejo e a sua obra
Nada faz.» (Pag. 79.)

Não é um verso nem um hemistichio de um verso. É mais uma liberdade de Shakespeare. Procurámos seguir, quanto nos foi possivel, o original.

Nota K

HAMLET

«Supportar as *ferroadas* e frechadas da fortuna ultrajadoura,» (Pag. 90.)

Stings, parece a melhor leitura.

Nota L

HAMLET

«Quem quizera carregar com estes fardos, resmunear e suar debaixo de uma vida acabrunhadora, se o receio de alguma coisa depois da morte, *d'essa região inexplorada, de onde viajante algum voltou.*» (Pag. 90.)

É singular! Hamlet tem fallado com a sombra do pae; essa conferencia é a chave da acção; as palavras do Espectro, a quem chama: rei, pae, senhor da Dinamarca; podem tanto n'elle, que regula todo o seu procedimento por ellas, e no famoso monologo affirma que d'essa *mansão inexploravel viajante algum voltou.* D'entre os commentadores que manuseámos, nenhum repara n'esta passagem. Ha de os haver, decerto, porque é extraordinario o que se tem escripto sobre o auctor do *Hamlet*. Só na Allemanha faz tremer! Ainda assim, todos os commentadores do mundo não podem explicar, plausivelmente, algumas passagens. Rümelin, auctor dos *Estudos de um realista sobre Shakespeare*, chama-lhe a tragedia das sombras, e diz, que, considerada como obra de arte, pertence ao que o poeta escreveu de mais imperfeito. Eu confesso tambem, que, como drama, prefiro muito *Romeu e Julieta*, *Othello*, *Rei Lear*, etc.

Nota M

HAMLET

«É uma idéa natural jazermos no regaço de uma rapariga.» (Pag. 78.)

Está o pensamento, porém, não as palavras, porque eram principalmente grosseiras. O leitor que souber inglez e recorrer ao original, sentirá isto.

Nota N

HAMLET

«Tanto tempo? Oh! então que o diabo se vista de lucto; eu por mim quero trajar de encarnado.» (Pag. 101.)

Esta é a intrepretação que lhe dá F. Hugo e Jayme Clark. O texto diz:

«*Let lhe devil wear blach, for I'll have a suit sables.*»

S*ables*, quer dizer marta zibellina, o mais luxuoso e festivo trajo do tempo de Shakespeare, e em linguagem de brazão symbolisa a côr escura.

N'outras passagens do *Hamlet* o poeta joga tambem com esta palavra.

Nota O

HAMLET

«não é mais ..
Não é mais do que um pavão.» (Pag. 109.)

Hamlet diz:

«A very peacock»

A rima exigia:

A very ass. E Horacio diz a Hamlet, que o indigno rei de Dinamarca merece tanto o nome de jumento como o de pavão. Veja-se Guizot, *Hamlet*, nova ed. 1862, pag. 211..

Nota P

HAMLET

«E ainda vol-a tributo por esta gatuna e esta ladra que aqui vedes» (Pag. 113.)

Refere-se ás mãos. Esta singular periphrase tem origem no cathecismo inglez. O cathecumeno jurava que havia de abster as suas mãos do furto e do roubo.

Nota Q

HAMLET

«Tomae-me pelo instrumento que vos aprover; podeis atormentar-me, mas nunca obrigar-me a cantar.» (Pag. 114.)

Era de mui difficil versão esta passagem. *Cantar na ancia,*

diz Cervantes na scena dos galeotes. Isto é: revelar o segredo nos tratos. Ainda hoje se diz em linguagem de geringonça, quando o juiz aperta o reo e as testemunhas.

Nota R

HAMLET

«O verme, olhae, é vosso imperador no que diz respeito a comer bem.» (Pag. 138.)

Ainda um jogo de palavra intraduzivel nas linguas que eu conheço. *The wormes*, quer dizer vermes. Na cidade de *Wormes* celebraram-se diversas dietas, pelos imperadores allemães, sendo uma d'ellas a de 1521, famosa para os protestantes, porque deu em resultádo o edicto de *Wormes* contra Luthero.

Dieta n'esse tempo significava banquetear-se; o contrario de hoje. Veja-se Guizot, *Hamlet*, nova ed. 1862, pag. 232.

Nota S

OPHELIA

«De outro qualquer vosso amante
Como hei de reconhecer?
Pelo seu chapeo de conchas,
Seu bordão de peregrino
E as sandalias que trouxer.» (Pag. 145.)

Ophelia descreve o trajo de um peregrino, que nas historias e canções antigas, servia muitas vezes de disfarce aos namorados. Guizot, *Hamlet*, nova ed. 1862, pag. 237.

Nota T

OPHELIA

«É hoje o S. Valentim.» (Pag. 147.)

A 14 de fevereiro era o S. Valentim. Outr'ora, em Inglaterra, era n'este dia que os namorados se entendiam. Em certos condados, uma rapariga acceitava como amante o primeiro rapaz que encontrava na madrugada d'aquelle dia, e o rapaz tomava por companheira a primeira rapariga com que defrontava.

Em outros condados, as raparigas mettiam nas urnas uns bilhetinhos com os nomes dos rapazes. O que lhe cabia em sorte era o seu Valentim. Pouco mais ou menos o que succede hoje em Portugal nas noites de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, com as alcachofras, as sortes, o bochecho d'agua, etc.

Esta graciosa tradição existiu em França. Está hoje esquecida; mas subsiste em Inglaterra.

Veja-se F. Hugo, *Hamlet*, pag. 351, nota. Guizot tem outra nota semelhante.

Nota U

OPHELIA

«Pela santa caridade
E por Jesus, etc.» (Pag. 147.)

By Gis, and by saint charity

Gis contracção de Jesus. É quasi impossivel a versão d'estas canções, que são populares e do tempo. Ainda assim procurámos dar, quanto nos foi possivel, o sentido do original.

Nota V

OPHELIA

«Aqui está o rosmaninho.» (Pag. 153.)

A linguagem emblematica das flôres estava em grande voga no tempo de Shakespeare, e atinha-se á fé supersticiosa que haviam no poder medicinal dos vegetaes. Ophelia dá a cada um uma flôr que allude a um acontecimento do drama ou do caracter de um personagem conhecido, e faz a escolha com uma presença de espirito, e propriedade de applicação, que pareceria desmentir a sua loucura, se algumas das suas allusões, pela precisão e imprudente verdade com que são feitas, não demonstrassem que Ophelia não está senhora das suas palavras, nem dos seus actos.

O rosmaninho, sempre verde, era emblema da fidelidade; usavam-no nos funeraes e nas bodas. No seu dialogo em verso entre a natureza e a phenis (1601), R. Chester, diz:

«Aqui está o rosmaninho: os arabes, medicos habilissimos, affirmam que reconforta o cerebro e a memoria.»

Por isso Ophelia escolhe o rosmaninho para seu irmão, com a idéa de que se lembre d'ella e do pae que é morto.

Veja-se Guizot, pag. 243, *Hamlet*, nota, nova edic. 1862.

Nota X

OPHELIA

«Aqui estão os amores perfeitos.» (Pag. 153.)

«*And there is pansies*, etc.»

Ha um trocadilho entre *pansies* e *thoughts* que os francezes poderam fazer com vantagem. Não era possivel em portuguez.

Nota Y

OPHELIA

«Para vós aqui está a arruda.» (Pag. 153.)

Em Inglaterra chamava-se á arruda, herva santa do domingo, porque os padres catholicos usavam d'ella misturando-a com a bebida que davam aos energumenos, quando os exorcismavam, e isto fazia-se nos domingos.

A arruda tambem symbolisava a dôr, pela semelhança que existe em inglez entre a palavra *rue* e a palavra *ruth*, que segnifica tristesa. Muitos expozitores fallam d'isto. Shakespeare, no *Ricardo II* (acto III scena IV) joga com esta palavra.

Nota Z

O PRIMEIRO COVEIRO

«Como é isso possivel a não ser que se afogasse em sua propria defesa?» (Pag. 169.)

O texto diz: *How can that be, unless she drowned herself in her own defence?*

O sentido não é muito claro; e nós julgámos que a verdadeira versão seria:

Como é tal possivel, a não ser que se afogasse para defender a sua virgindade ou honestidade. Todavia não nos atrevemos a fazel-o. Ahi fica o nosso reparo, que talvez possa servir para algum curioso, se é que não está explicado em expozitores que não conhecemos.

Nota AA

O PRIMEIRO COVEIRO

«Foi o primeiro que usou de armas.» (Pag. 171.)

He was the first that ever bore arms.
É um trocadilho com a palavra *arms*, que em inglez quer dizer—armas e braços.

Nota BB

HAMLET

«E agora esta cabeça é repasto dos vermes.» (Pag. 173.)

And now my lady Worm's.
Não achámos traducção em portuguez.
Entre os francezes, Guizot traduz:
Et maintenant le voilà marié a milady vermine.
F. Hugo:
Et maintenant cette tête est à milady vermine.
Jayme Clark:
Y ahora está en poder del señor gusano.
Os francezes, n'este passo, levam vantagem a Clark, postò que em outros lhe sejam inferiores.
Shakespeare, por muitas vezes, teima em que os seus segredos se não divulguem n'outras linguas.

Nota CC

O PRIMEIRO COVEIRO

«Desmentido por desmentido, etc.» (Pag. 175.)

Toda esta passagem joga com o verbo *to lie*, mentir, e *to lie*, estar deitado, jazer, etc. Joga tambem com o duplo sentido da palavra *quick*, que em linguagem familiar quer dizer vivo, impetuoso, etc., e n'uma accepção especial, vivaz, que está vivo, etc. Veja-se Guizot. *Hamlet*. Nova edição, pag. 261. 1862.

Nota DD

HAMLET

«Sentia-me tão incommodado como os turbulentos mettidos a ferros.» (Pag. 185.)

Ainda hoje se mostram na Torre de Londres, entre os tropheos da grande armada, as barras de ferro munidas de correntes (*bilboes*), que serviram então para acorrentar, uns aos outros, os marinheiros indisciplinados.

O nome é tirado da cidade de Bilbau. O menor movimento de um d'aquelles desgraçados devia acordar todos os outros. Veja-se Guizot, *Hamlet*, nota, pag. 268. Nova edic. 1862.

Nota EE

A RAINHA

«Elle está gordo e tem falta de folego.» (Pag. 199.)

Alguns criticos, homens de sciencia, em trabalhos engenhosos, querem explicar estas palavras, que o poeta põe na bocca da rainha, e que são a antithese das que Ophelia e outros personagens proferem a proposito de Hamlet, a quem chamam: «modelo de fórmas, flôr da elegancia, etc.», como mais uma prova do alcance d'aquelle genio extraordinario. Dizem elles, que por uma visão prodigiosa, Shakespeare descriminava o que a sciencia de hoje havia de confirmar; isto é, que as pessoas atacadas de monomanias como as de Hamlet, teem a organisação extremamente lymphatica, são obésas, respiram com difficuldade, etc.

Sem discutir que a sciencia hoje possa ou não affirmar que esta ou aquella loucura haja de produzir estes e aquelles phenomenos physicos, porque somos incompetentissimos para entrar em tal assumpto, parece-nos que podemos explicar com Guizot e o professor Paulo Stapfer, de um modo simples, a razão das palavras que Shakespeare põe na bocca da rainha. O actor incumbido do papel, o famoso Burbage, era gordo. Agora uma observação nossa, qne não achámos em tantos commentadores que manuseámos, e que nos parece de algum peso.

Segundo as profundas investigações de F. Hugo, Shakespeare apresenta a Burbage o seu primeiro Hamlet. N'esta obra, a rainha diz ao filho, na scena do assalto com Laertes:—«Aqui tens, Hamlet, toma o meu lenço e enxuga o rosto.»

Não falla nem em gordura nem em respiração curta. Quinze annos depois, Shakespeare compõe o seu segundo *Hamlet*. Burbage represènta n'elle. Que admira, que n'este grande lapso de tempo, o actor tomasse certas fórmas, não tivesse a respiração franca dos annos juvenis, e que para disfarçar, aos

olhos do publico, os defeitos do seu amigo, o poeta os attribuisse ao personagem principal da tragedia?

Mais para o futuro o fez Molière no seu *Avarento,* chamando coxo a La Flèche, porque Béjart, o comico incumbido do papel, era coxo.

N'uma elegia á morte de Burbage (1618) ha estes dois versos:

> «*No more young Hamlet, though but scant of breath,*
> *Shall cry: revenge! for his father's death.*»

Nota FF

(«LAERTES fere HAMLET. Depois, esgrimindo, trocam os floretes.—HAMLET fere LAERTES») (Pag. 200.)

F. Hugo, referindo-se a esta rubrica, diz:

«No momento em que ella cae (a rainha) Laertes fere, emfim, Hamlet, com o seu florete desembolado; mas no furor da lucta, Hamlet consegue apoderar-se da arma do seu adversario e feril-o a seu turno.»

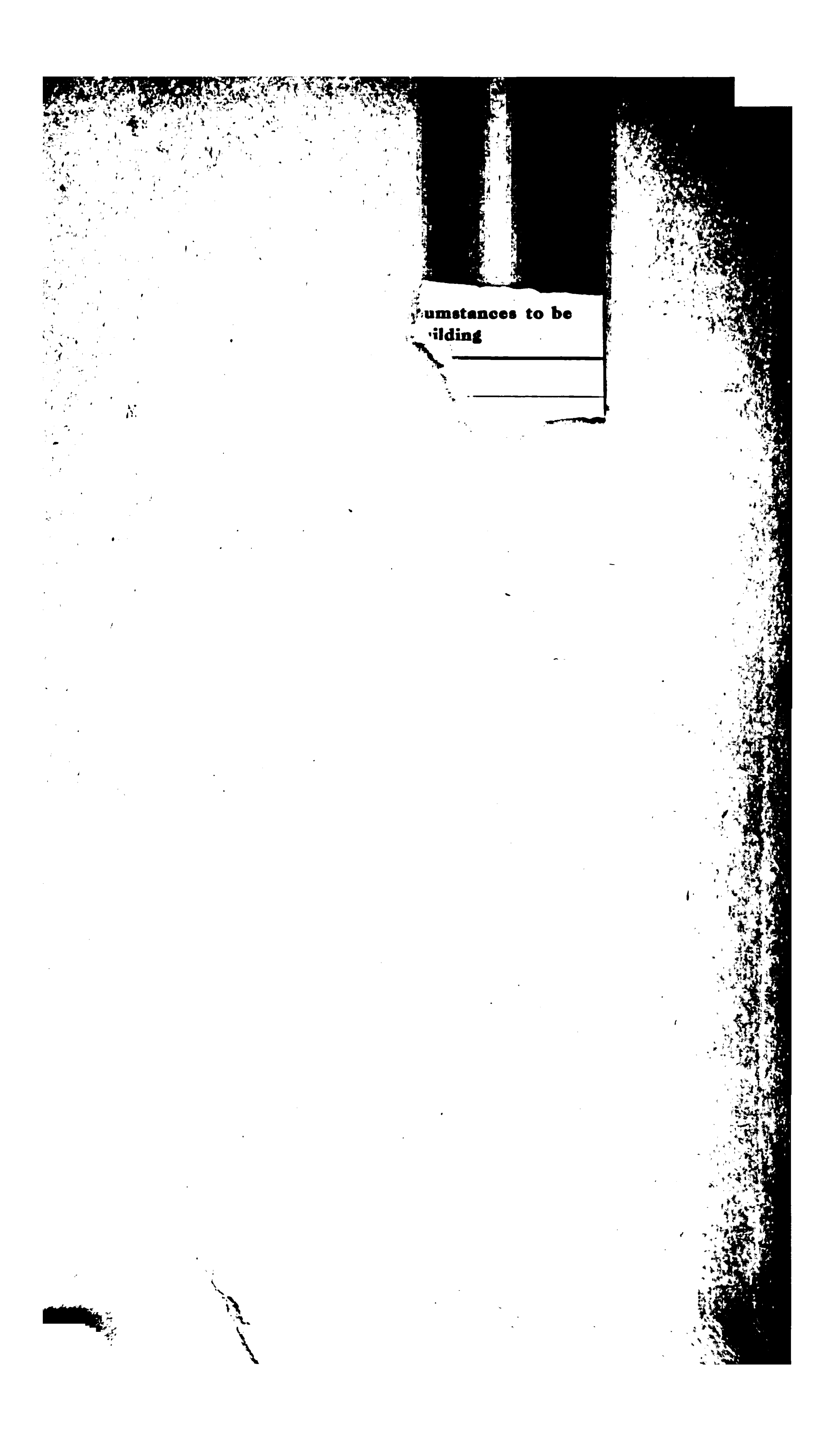
Francamente, a exposição do illustre commentador deixanos do mesmo modo ás escuras. Como é que entre dois jogadores de florete, por mais encarniçada que seja a lucta, consegue um d'elles arrancar da mão do outro a arma e feril-o com ella? Fazer-lh'a saltar das mãos ou quebrar-lh'a por um bote imprevisto, sim; mas apoderar-se do ferro, «*saisir l'arme de son adversaire*», é o que não comprehendemos, a menos que ferido Laertes e deixando cair o florete, Hamlet se apossasse d'elle e o atravessasse depois, contra todas as leis do duello, e em presença dos padrinhos que assistiam ao assalto.

Mas ainda assim, porque lhe tirava o florete, não tendo a mais remota idéa de que o ferro de Laertes estivesse envenenado?

Não podemos entender esta rubrica. Os expositores não a explicam satisfatoriamente, e pessoas competentes, que consultámos, tambem não poderam esclarecer-nos sobre este ponto, aliás de pouca importancia, a não ser pelo rigor com que hoje se procuram explicar as coisas mais insignificantes das obras de Shakespeare.

ERRATA

PAG.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
22	Ficas em Dinamarca como nós ficamos.	Ficas em Dinamarca egual ao que nós ficamos.


umstances to be
ilding

